

Público



Eleições EUA 2024 Kamala ou Trump? Um guia essencial para a eleição do ano

Reportagem em Newark • Entrevista com
Onésimo Teotónio Almeida • Opinião
de Teresa de Sousa e Álvaro Vasconcelos

Destaque, 2 a 8 e Editorial



Comissão quer incentivos para todos nos serviços de obstetrícia e pediatria

Saúde Governo abandona ideia de dar 750 euros por cada parto acima da média e alarga incentivos a todos os profissionais • Líder da comissão para a reorganização de urgências explica o que vai mudar **Sociedade, 16/17**

Custas judiciais

Estado não pode
cobrar a quem
ganha abaixo do
salário mínimo

Sociedade, 18

Crónica

A vitória
do Chega
na campanha
autárquica
do PS

Ana Sá Lopes
e o silêncio
de Pedro Nuno
Santos no caso
Ricardo Leão
Última, 40



EUROPA PRESS/GETTY IMAGES

Espanha
Reis e Sánchez
enfrentam ira
popular após
cheias mortais

Mundo, 20

Guerra na Ucrânia

Como os *drones*
russos estão a
caçar civis nas
ruas de Kherson

Mundo, 22/23

Governo conta com bancos para encaixar 412 milhões com contribuições extraordinárias

O executivo de Luís Montenegro man-
teve todas as contribuições extraor-
dinárias que perduram no tempo e

que têm sido cobradas nos últimos
anos, e estima que estas cresçam em
2025, chegando aos 412 milhões de

euros graças aos contributos dos ban-
cos. Ao todo, entre 2011 e 2023, as
contribuições extraordinárias exis-

tentes já representaram um encaixe
de 3685 milhões de euros para os
cofres do Estado **Economia, 24**

PUBLICIDADE



QUEBRAMAR

QUEBRAMAR.COM

ISSN-0872-1548

Destaque Eleições EUA 2024

Em Newark, que já foi mais portuguesa, os portugueses estão mais americanos

A comunidade portuguesa e lusodescendente está hoje plenamente integrada na sociedade norte-americana. Em Newark, onde a campanha é discreta, as preocupações são as mesmas: economia e imigração

Reportagem

Pedro Guerreiro,
em Newark, EUA

“Quanto mais americanos forem, mais portugueses serão.” Henrique Mano, chefe de redacção do

Luso-Americano, o jornal histórico da comunidade portuguesa e lusodescendente nos Estados Unidos, recorda as palavras de Mário Soares nas suas visitas a Newark, cidade-âncora da diáspora. O então Presidente da República apelava a uma maior integração dos portugueses na sociedade norte-americana, através da naturalização e da participação política.

“Era uma tecla em que se batia sempre, e penso que está a resultar. Há a possibilidade de, pela primeira vez, se chegar a um número recorde de

lusos-americanos na Câmara dos Representantes, o que é muito bom porque esse *lobby* é fundamental”, conta o jornalista ao PÚBLICO. “Por exemplo, a inclusão de Portugal no programa de isenção de vistos só foi possível graças ao *lobby* dos lusos-americanos no Congresso. É por isso que os portugueses podem vir cá de férias sem ter de passar pelo processo complicadíssimo de pedir visto”, explica.

Segundo as contas do *Luso-Americano*, poderão ser oito os congressistas de origem ou ascendência portuguesa eleitos amanhã, caso os actuais cinco segurem o lugar e se lhes juntem três estreantes. À reeleição concorrem David Valadao e John Duarte (republicanos da Califórnia), Jim Costa e Eric Swalwell (democratas da Califórnia), e Lori Loureiro Trahan (democrata do Massachusetts). A tentar entrar no Congresso estarão Tom Silva e David Serpa (republicanos da Califórnia), e Bruno Pereira

(libertário de Nova Jérсия).

Os três estreantes terão tarefa difícil, lançando-se a Washington a partir de círculos eleitorais fortemente democratas. Contudo, juntam-se a estes dezenas de portugueses e lusodescendentes que concorrem amanhã a órgãos locais e estaduais em Nova Jérсия, Nova Iorque, Rhode Island, Massachusetts, Connecticut, Califórnia ou no Havai.

O Little Portugal que resiste

É o que se lê a partir de Newark, a maior cidade de Nova Jérсия, com mais de 300 mil habitantes e os arranha-céus de Nova Iorque no horizonte. Mas, por aqui, nesta espécie de capital portuguesa dos Estados Unidos, pouco se dá pela campanha eleitoral. Os cartazes nas portas, janelas e relvados que o PÚBLICO viu em estados decisivos como a Pensilvânia ou o Wisconsin são visão rara no Ironbound, o histórico bairro português da cidade.

“Há 30, 40, 50 anos, isto era um

Little Portugal. Eram todos portugueses e era muito raro entrar numa loja que não fosse de portugueses. Se não fosse de portugueses, era de espanhóis. Agora já não é tanto. As pessoas mais velhas começam a morrer, os filhos não querem os negócios, não querem viver nesta zona, vendem os negócios e mudam-se. Agora há muitos sul-americanos, sobretudo brasileiros e equatorianos”, conta-nos o vereador Michael J. Silva.

O autarca já nasceu nos Estados Unidos. Os pais, já falecidos, trocaram a Murtosa por Newark em 1944 (ao contrário de outras comunidades lusas no país, com raízes sobretudo nos Açores e na Madeira, esta provém, sobretudo, do distrito de Aveiro). Com eles, Silva viu a cidade mudar ao longo do tempo.

Mas ainda há muito Portugal aqui, sobretudo ao longo da Ferry Street. Instituições como o Sport Club Português, que alberga uma escola lusa, continuam a ancorar uma

comunidade que reproduz aqui o quotidiano pátrio. Em pastelarias como a Nova Aliança e a Pão da Terra, há torradas, *croissants* mistos prensados, pastéis de nata, galões, sumos Compal e leite com chocolate Ucal para o pequeno-almoço. O som da RTP corta as conversas. “Olha, morreu o Marco Paulo”, exclamam duas senhoras que tinham acabado de estacionar à porta da Pão da Terra um gigantesco Hummer branco, com a bandeirinha lusa pendurada no espelho. Não fosse o veículo e podíamos estar do outro lado do Atlântico.

Na peixaria Popular há caixas de bacalhau. Na garrafeira Lisbon há todo o vinho. No supermercado Seabra há quase tudo o que se encontra em Portugal. No restaurante O Pipo há um empregado que nos pergunta: “O que é que vai ser, meus amores?” Ali foi carapaus e chanfana de cabra, mas noutras dezenas de estabelecimentos da zona podia ter sido arroz de pato, açorda de marisco ou um simples e





No supermercado há quase tudo o que se encontra em Portugal. No restaurante, perguntam-nos: “O que é que vai ser, meus amores?”

reconfortante bitoque. Estamos em casa.

Novos vizinhos

A casa, no entanto, é agora partilhada com comunidades imigrantes mais recentes, sobretudo da América Latina. Há sinais de simbiose na quantidade de estabelecimentos luso-brasileiros, onde somos recebidos com sotaque espanhol, e onde todos se entendem entre idiomas e sotaques diferentes. Mas a imigração, fenómeno que sempre marcou esta cidade, é agora um dos assuntos desta campanha eleitoral.

Silva confirma que esse é um dos temas na cabeça dos eleitores lusodescendentes e admite que o fluxo migratório dos últimos anos, grande parte irregular, “está a afectar a comunidade”, como nas “escolas, onde agora cada turma tem 40 alunos”.

“Há pessoas que vieram para cá, a coisa não correu bem, e agora estão a viver na rua. Isto podia ter

sido evitado se quem mandasse tivesse deixado entrar só um bocadinho de cada vez. Os EUA, já se sabe, são um país de oportunidades, e as pessoas vêm para aqui melhorar a sua vida, mas a imigração não tem sido gerida de forma correcta”, diz ao PÚBLICO.

O Ironbound sempre foi um bairro ibérico, onde os portugueses já partilhavam a Ferry Street com espanhóis como Manuel Brana, personificada excepção à relativa invisibilidade da campanha eleitoral em Newark. Também já nasceu nos EUA, há 72 anos, embora tenha passado a infância nas Astúrias, cujo sotaque preserva. Entra na padaria Teixeira com uma *T-shirt* a dizer “*Hell yeah! I voted Trump and I will do it again*” e um boné com o slogan trumpista “*Drain the swamp*”.

“Não há nenhum país em todo o mundo em que entre toda a gente como nos EUA”, alega, sugerindo que os democratas estão a trazer estrangeiros para os deixar votar e roubar as eleições de amanhã. A alegação, repetida ao longo da campanha pelo candidato presidencial republicano, Donald Trump, e apoiantes de primeira linha como o bilionário Elon Musk, não está comprovada. Mas Brana garante: “se não nos roubarem outra vez”, Trump vai ganhar “por grande margem, até aqui em Nova Jérсия”.

Ascensão social

Não se conhecem sondagens sobre o sentido de voto da comunidade lusodescendente. Conhece-se, sim, a dimensão da comunidade. O Consulado-Geral em Newark serve cerca de 100.000 nacionais residentes em Nova Jérсия, Pensilvânia e Delaware, quantifica o cônsul-geral de Portugal em Newark, Luís Sequeira, por escrito, a pedido do PÚBLICO.

“No total, viverão nos EUA pouco mais de 250 mil portugueses, com base nos registos consulares. Claro que a totalidade de lusodescendentes é muito maior, e um bom número está a adquirir cidadania, pelo que o número tenderá a aumentar. Estimamos que o número total da população portuguesa e luso-americana esteja entre os 1.272.000 e os 1.454.000 (este último, de acordo com os dados do último censo norte-americano)”, indica o diplomata.

“A comunidade portuguesa e luso-americana de Nova Jérсия e da Pensilvânia é, em geral, uma comunidade bem integrada, que logrou garantir uma satisfatória segurança económica e, em muitos casos, mesmo um assinalável desafogo económico (contando com um número significativo de empresários e empregadores). Tal permitiu-lhe ir derivando dos

núcleos-âncora mais urbanos iniciais para zonas residenciais suburbanas, mais afluentes”, afirma.

Um estudo da Universidade de Lisboa para a FLAD - Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, apresentado em 2023, confirma o perfil socioeconómico da comunidade: bem integrada, com rendimentos salariais ligeiramente acima da média norte-americana.

Incógnita no voto

Perguntamos a Henrique Mano, jornalista do *Luso-Americano*, se o sucesso económico da comunidade, construído ao longo de décadas, poderá sugerir uma mudança, no mesmo período, de um posicionamento próximo dos democratas para um apoio aos republicanos.

“Nos anos 70 e 80, os portugueses... Penso que, por muitos se dedicarem à construção e pertencerem a sindicatos, o seu voto pendia mais para o Partido Democrata”, afirma, recordando ainda a popularidade histórica dos democratas, sobretudo na região da Nova Inglaterra, de forte implantação açoriana, devido ao papel que John F. Kennedy teve em 1958, então como senador do Massachusetts, na redacção e aprovação de um diploma que facilitou a vinda para os EUA de milhares de portugueses na sequência da erupção do vulcão dos Capelinhos. “Hoje em dia? Já não sei”, diz Mano, que sublinha que o seu jornal não assume um posicionamento político.

Em Newark, cuja população total é de maioria afro-americana e onde há uma forte minoria hispânica, é difícil identificar o voto luso. O exercício é mais fácil em Fall River, no Massachusetts, a “décima ilha dos Açores”, onde metade dos cerca de 100.000 habitantes tem raízes portuguesas. Aquele antigo bastião democrata tem vindo a erodir, como relatava há dias a rádio WBUR. Em 2020, a cidade foi a segunda do estado que mais votou em Trump.

“Eu acho que os portugueses são capazes de estar no meio” do espectro político, afirma o vereador Silva. “Eles são muito espertos e informados. Vêm televisão, estudam, estão disponíveis para ouvir”, diz, admitindo que outro dos grandes temas da campanha também ecoa entre a comunidade: o aumento do custo de vida, explorado eleitoralmente pelos republicanos. “Os portugueses aqui da zona são pessoas mais idosas, que têm a reforma e não fazem mais dinheiro, e todos os meses vão ao supermercado e vêem que é tudo mais caro. Eu acho que muitas pessoas estão a sofrer com isso”, diz.

Sondagem

Iowa surpreende com vantagem para Harris

Praveena Somasundaram

Uma sondagem de uma empresa bem cotada mostra a vice-presidente Kamala Harris com uma ligeira vantagem sobre Donald Trump no Iowa, um estado considerado, pela maioria dos analistas, republicano de modo tão sólido que nenhum dos candidatos se focou nele nos seus discursos finais, e que nenhuma previsão via como tendo potencial de se virar para o campo democrata.

A sondagem de *Des Moines Register-Mediacom*, divulgada no sábado, 2 de Novembro, três dias antes das eleições, mostra Harris com uma vantagem sobre Trump de 47% para 44%. São números inesperados, dado que o antigo Presidente estava à frente na sondagem de meados de Setembro. Em Junho, Trump tinha uma diferença de 18 pontos percentuais sobre o Presidente, Joe Biden, antes de este ter anunciado que desistia da corrida. A sondagem foi conduzida entre os dias 28 e 31 de Outubro, com 808 eleitores prováveis, incluindo pessoas que já votaram antecipadamente e pessoas que dizem que irão votar com certeza. Tem uma margem de erro de 3,4 pontos percentuais e foi levada a cabo pela Selzer & Co., uma empresa liderada pela especialista Ann Selzer.

Os resultados surpreenderam tanto os observadores políticos como os especialistas em sondagens. O Cook Report, que faz análise não partidária, tinha classificado o Iowa como “solidamente republicano” na sua escala.

Segundo a sondagem, a ligeira vantagem para Harris deveu-se à escolha de mulheres, em especial mais velhas ou politicamente independentes. Entre as mulheres independentes, 57% preferiram Harris e 29% Trump, um aumento da diferença registado em Setembro, quando deram a Harris uma vantagem de cinco pontos percentuais. Em Setembro, quando a vantagem de Trump diminuiu com a entrada de Harris na corrida, Selzer tinha afirmado que a corrida no estado tinha registado uma mudança “significativa”. “Não diria que quatro pontos [de vantagem para Trump] é confortável”, declarou ao jornal *Des Moines Register*.

O estado votou pela última vez num candidato democrata em 2012. **com Hannah Knowles**

**Exclusivo PÚBLICO/
The Washington Post**

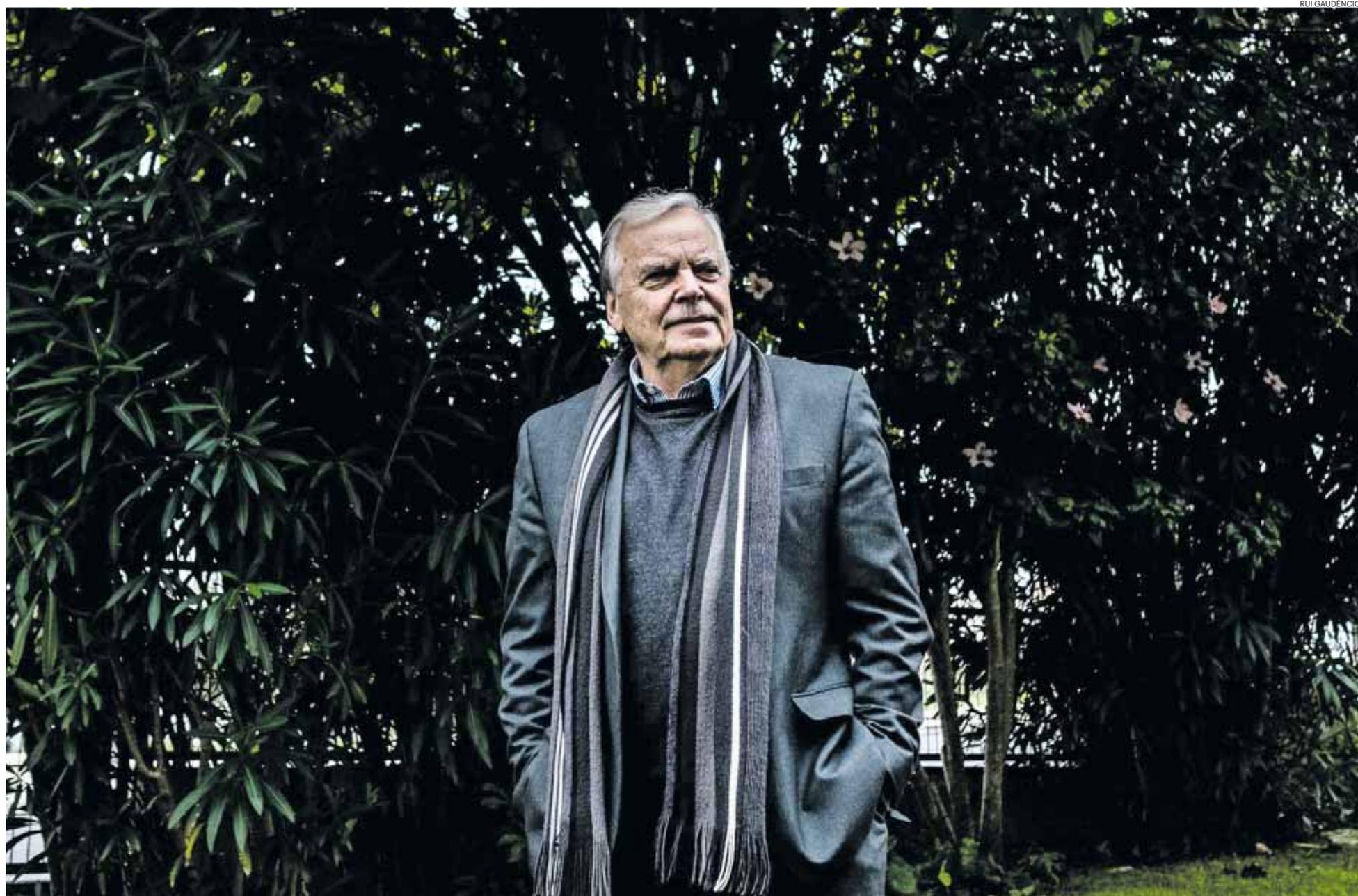
EUA 2024
ELEIÇÕES



Acompanhe em publico.pt/eleicoes-eua-2024

Destaque Eleições EUA 2024

RUI GAUDÊNCIO



Sociedade dos EUA

Integrados, os portugueses nos EUA “pensam como republicanos”

Onésimo Teotónio Almeida O filósofo e escritor açoriano aposentou-se há meses da carreira académica nos Estados Unidos da América. Entre lá e as suas ilhas, observa o risco de novo caos pós-eleitoral

Entrevista

Pedro Guerreiro

Concluiu há meses uma carreira académica de cinco décadas nos Estados Unidos. Lá voltará em breve. Por agora, Onésimo Teotónio Almeida assiste a partir dos seus Açores ao desenlace das eleições presidenciais norte-americanas. Diz que não perde um sono à prova de fenómenos telúricos e crê que as instituições sobreviverão a um possível regresso de Donald Trump, mas admite os riscos de um novo cenário de caos pós-eleitoral em Washington. Por email, o filósofo e escritor, ex-professor no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade Brown, condecorado duas vezes por Jorge Sampaio e Marcelo Rebelo de Sousa, e escolhido por este para presidir às cerimónias do Dia de Portugal em 2018, diz que Trump é porta-voz de um problema latente. E global.

Duas Américas muito diferentes podem sair das eleições de terça-feira. O que lhe dá esperança e o que lhe tira o sono?

Elas não “podem” sair agora. Já existem há muito, embora se tenham extremado nos últimos anos. Nos EUA e no mundo. Mas sempre se extremaram. Quando eu era jovem, a viragem era para a esquerda. Um professor meu, muito conservador, advertia-nos: olhem que a história é um pêndulo. Daqui a mais uns tempos, o pêndulo vai virar para o outro lado! O que nunca imaginei foi que os EUA fossem o grande líder dessa actual viragem do pêndulo.

A situação não me tira o sono porque durmo bem. Em jovem, até dormia pesadamente durante os abalos de terra açorianos, sem sentir nada, quando toda a gente fugia para a rua. Portanto, ainda durmo pesadamente. Mas logo de madrugada já estou desperto e atiro-me à leitura de notícias sobre a situação. O meu motor de busca já sabe que “Trump” é a palavra

que mais teclo. Basta escrever “T” e vêm-me logo as últimas notícias sobre esse inominável.

A sociedade americana, onde consensos elementares sobre a democracia, a ciência, a verdade estão a desfazer-se rapidamente, sobreviveria a um segundo mandato de Trump? Não convém exagerarmos. Há instituições com regras muito sólidas que se manterão, independentemente do que aconteça em Washington. A situação política não lhes é favorável, todavia, acredito que elas se oporão a qualquer atitude menos democrática da parte do Governo. Serão afectadas, é certo, sobretudo em matéria de fundos federais, muito importantes, principalmente, no domínio das ciências. Mas não vacilarão, qualquer que seja a tendência política em Washington. A autonomia, inclusive financeira, das universidades particulares e de muitas instituições em vários domínios é muito grande. Mesmo as universidades estaduais dependem dos orçamentos do

estado a que pertencem, mais do que de Washington.

E se Harris ganhar? É um antídoto ou apenas comprámos tempo até à próxima crise?

O trumpismo não nasceu com Trump. Estava latente, e Trump ofereceu-se para seu porta-voz. Na Reforma protestante, Lutero e Calvino desempenharam papel semelhante. Estava latente o sentimento. O ser humano manifesta tendências instintivas básicas que têm resistido a alguns excessos do liberalismo (na Europa, equivalente a “esquerda”), e as redes sociais permitiram que eles emergissem e encontrassem um espertalhão (leia-se Trump) que, instintivamente, soube aproveitar as águas turvas. Prometeu secar o pântano e agora nada nele à vontade e impunemente.

Imagina um Partido Republicano pós-Trump?

Não tenho palavras para falar do Partido Republicano. Eram a gente da *Law and Order* e deixaram-se levar por um animal (eu sei que disse “animal”) sem princípios como Trump. Em tempos, o seu actual *running mate*, candidato a vice-presidente, J.D. Vance, apodou-o de “Hitler”. Trump não mudou. Ainda merece o cognome. Quem mudou foi Vance, ao aceitar juntar-se a tão infame figura.

E o que acontecerá à esquerda americana, quer Harris ganhe ou perca, depois desta aproximação do Partido Democrata ao centro para tentar travar Trump?

Está a fazer-me perguntas como se eu fosse um bruxo. Valho-me da famosa resposta de João Pinto: “Prognósticos, só no fim do jogo.” Os democratas não vão deixar de o ser. O meu receio é o caos que poderá rebentar. O 6 de Janeiro foi arquitectado por Trump (não estou a inventar; basta ler os dados disponibilizados pelo tribunal). O perigo de uma guerra civil não é apenas fruto de imaginações medicas. Imagine Trump a dar ordens, no sentido que ele tem proclamado abertamente ter intenção de pôr em prática, e uma fracção das tropas (há muitos militares de alta patente que se lhe opõem) não aceitar cumpri-las.

Já experimentámos quatro anos de isolacionismo e disrupção internacional com Trump e podemos repeti-lo agora. Que mundo teremos com uma América que abdica do seu lugar?

O problema é o exemplo que os EUA darão ao mundo, apoiando moralmente (e não só) os regimes ditatoriais. Trump não esconde nada e refere-os a toda a hora. Os líderes da Hungria, Rússia e Coreia de Norte são os seus grandes



Quando eu era jovem, a viragem era para a esquerda. Um professor meu, advertia-nos: olhem que a história é um pêndulo

O trumpismo não nasceu com Trump. Estava latente, e Trump ofereceu-se para seu porta-voz

O lado animal do ser humano, hoje, está cada vez mais à solta, mesmo na América [...], que nos fez acreditar que era possível controlar a besta obrigando-a a conviver civilizadamente

amigos. Não só eles terão apoio moral para continuarem (aconteceu assim no Brasil, por exemplo), mas Trump irá mais longe. Não é preciso ser bruxo para se perceber o que acontecerá à Ucrânia. Trump - dizem altas figuras da CIA - é um aliado de Putin. Estou apenas a citar o que leio em escritos de gente séria que se baseia em factos sólidos.

Como é que os portugueses nos EUA assistem a estas eleições e ao que poderá surgir depois?

Tradicionalmente, os portugueses eram do Partido Democrata porque era o partido dos católicos, da gente da mó de baixo, seguindo o exemplo dos emigrantes irlandeses, profundamente *anti-establishment* inglês e protestante. Na última década, um grande segmento tornou-se republicano, sobretudo por causa da hierarquia da Igreja Católica americana, que transformou o aborto em tema de clivagem. A Igreja Católica, na sua maioria, virou à direita e deixou de seguir a velha regra de não envolvimento político. Intervém

descaradamente em favor de Trump, tal como as igrejas evangélicas. Mas o fenómeno é mais complexo, e não tenho espaço para aventar algumas possíveis explicações que tenho vindo a formular através de leituras e de contacto directo com as comunidades portuguesas. Uma delas, e muito importante, é o facto de hoje já não se tratar propriamente de uma comunidade imigrante, mas sim de uma comunidade integrada - e muito bem - economicamente. Quer dizer, pensam como republicanos.

Que lugar sente que tem nesta América e na que poderá surgir a seguir?

Tudo o que aqui disser apenas resumirá o que escrevi numas dezenas de páginas do meu livro *Diálogos Lusitanos*, que acabo de publicar em Lisboa (Quetzal). Mas nele não disse isto que vou acrescentar: em Maio, em colaboração com o embaixador de Portugal em Washington, Francisco Duarte Lopes, organizei uma sessão sobre o abade Corrêa da Serra no Cosmos Club, em Washington, para comemorar o segundo centenário da morte desse estrangeirado português que foi grande amigo do Presidente Thomas Jefferson. O abade decidiu deixar a França e visitar os EUA porque queria muito ver de perto uma sociedade nova que estava a nascer segundo os princípios e valores das Luzes que emanavam da Europa, sobretudo de França. Depois de oito anos nos EUA, o abade Corrêa da Serra resolveu regressar a Portugal, lamentando o facto de a América estar a tornar-se mais e mais como a Europa de que tanto queria fugir.

Pois eu aposentei-me há meses, depois de 52 anos de vivência no ambiente que sempre mais apreciei nos EUA - o das suas universidades, criadas sob inspiração do espírito que instituiu uma sociedade moderna, cheia de defeitos mas, ainda assim, apostando fortemente no fortalecimento das regras de jogo que permitiriam o funcionamento de uma sociedade democrática, aberta a todos.

Hoje sinto-me um pouco como o abade, tendo-me decidido a passar mais tempo em Portugal nos meus anos de aposentação. Não perdi a esperança, nem quero. Todavia, apercebo-me cada vez mais daquilo que defendi num livrinho de 2010 intitulado *De Marx a Darwin*. O lado animal do ser humano, hoje, está cada vez mais à solta, mesmo na América, que durante 250 anos nos fez acreditar que era possível controlar a besta obrigando-a a conviver civilizadamente. O problema não é meramente americano. É mundial. E é isso que me preocupa sobremaneira.

Falemos então de sondagens. Ou, melhor, do empate

Cartas da América



Teresa de Sousa, em Houston

Kamala Harris voltou a apelar ao povo americano, ontem à noite, para que vire definitivamente a página dos dez anos do pesadelo Donald Trump.

As sondagens teimam em não deixar ler a página seguinte. Semana após semana, dia após dia, mantém-se um desesperante empate técnico entre as intenções de voto nos dois candidatos a nível nacional e em quase todos os chamados “*swing states*” que decidem as eleições. Segundo a última sondagem do *New York Times*/Siena College, Harris tem uma vantagem de um ponto percentual a nível nacional e em quatro estados decisivos (Nevada, Carolina do Norte, Wisconsin, Georgia), mas dois empates – no Michigan e no mais decisivo entre os decisivos, a Pensilvânia. Trump ganha no Arizona.

Mas, ontem, uma sondagem divulgada pelo *Des Moines Register* e realizada por Ann Selzer, considerada a “rainha das sondagens” do Iowa, colocava Harris à frente de Trump por três pontos percentuais. Este pequeno estado do Norte gelado, quase só habitado por brancos, onde tradicionalmente começam as “primárias” dos dois partidos e onde, há 16 anos, a América acordou definitivamente para o “fenómeno Obama”, só elege quatro mandatos para o Colégio Eleitoral. Votou quase sempre republicano. Selzer acertou pela diferença de um ponto percentual nas três últimas eleições. Os especialistas em sondagens apressaram-se a desqualificar este resultado “anómalo”. Selzer explica o resultado com um crescimento acentuado dos votos das eleitoras independentes na candidata democrata. Harris leva uma vantagem de 13 pontos percentuais no eleitorado independente, porque essa vantagem sobe para 28 pontos no voto feminino – 57% para 29%.

Entretanto, Josh Clinton, professor de Ciência Política da Universidade Vanderbilt, e John Lapinski, responsável pelas eleições da NBC News, publicaram um artigo muito citado por estes dias com um título convincente: “Muitas sondagens nos estados dão

empates. Estão empatados por causa dos eleitores ou dos especialistas em sondagens?” Mais precisamente, da sua aversão ao risco. As previsões enganaram-se em 2016, subestimando o voto em Donald Trump. Evitar este erro passou a ser quase uma obsessão. Em 2022, nas eleições de meio mandato para o Congresso, previram uma “vaga vermelha” que acabou por morrer na praia com um empate no Senado e uma escassa maioria para os republicanos na Câmara dos Representantes.

Terão razão? A surpresa pode vir dos dois lados, embora alguns analistas chamem a atenção para que, desta vez, se esteja a registar a tentação contrária – subestimar os votos em Harris.



Há outra maneira de olhar para estas interrogações. Kristen Soltis Anderson, colunista do *New York Times* e especialista em estudos de opinião a trabalhar para o Partido Republicano, escreveu recentemente que “as sondagens não contam a história toda”. O seu ponto é sobre o realinhamento das divisões políticas, que estão a transferir-se da raça e da classe económica para o género e o nível de educação. Harris leva vantagem no eleitorado feminino, incluindo as mulheres brancas (em grande medida, por causa da questão do aborto), e entre os eleitores com diploma universitário. Fareed Zakaria chamava a atenção para a mesma mudança, numa das suas colunas do *Washington Post*, concluindo que “estamos no início de uma transformação da paisagem política” da América. As sondagens não medem estas transformações? Medem com certeza. O nível de precisão pode, no entanto, variar. Vamos ver. Já só falta um dia.

Jornalista

Destaque Eleições EUA 2024

Guia essencial

Do voto antecipado ao Colégio Eleitoral, o caminho até à Casa Branca em

pontos

Em vésperas de umas eleições presidenciais norte-americanas decisivas, o PÚBLICO juntou, em pontos, tudo o que precisa de saber para as acompanhar

Leonor Alinho

É já amanhã, dia 5 de Novembro, que decorrem as eleições presidenciais dos Estados Unidos da América. Quem elege quem? Os votos dos estados valem todos o mesmo? O que é um estado decisivo? E, na verdade, quando se sabem os resultados? O PÚBLICO reuniu respostas a estas perguntas, e a mais algumas, para que possa acompanhar o processo eleitoral rumo à Casa Branca.

Os candidatos

Joe Biden, actual Presidente dos EUA, afastou-se oficialmente da corrida presidencial a 21 de Julho deste ano, na sequência de uma nuvem de dúvidas sobre se o seu estado de saúde lhe permitiria levar a cabo um novo mandato. Como alternativa, o Partido Democrata optou por Kamala Harris, actual vice-presidente do país. Ao seu lado, e para ocupar o seu cargo actual, concorre Tim Walz, governador do Minnesota.

Antes de chegar à vice-presidência, Kamala Harris foi procuradora distrital de São Francisco, procuradora-geral da Califórnia e senadora. Na verdade, já foi Presidente dos EUA em exercício, mas só durante 90 minutos, enquanto Joe Biden era submetido a uma colonoscopia.

Do outro lado, pelo Partido Republicano, concorre Donald Trump, com o candidato à vice-presidência, J.D. Vance, senador do estado de Ohio. Esta é a terceira vez que Trump almeja ao cargo. Em 2016, foi bem-sucedido, contra Hillary Clinton, tornando-se o 45.º Presidente dos EUA e cumprindo o mandato entre 2017 e 2021. Voltou a concorrer em 2020, contra Joe Biden, mas perdeu contra o democrata.

Antes de se dedicar à vida política, Donald Trump era mais reconhecido pelos negócios e pela televisão. Tendo herdado parte da fortuna do pai, um empresário do imobiliário de Nova Iorque, desde 1980 que o agora candidato acumulou vários negócios ligados ao mesmo sector, mas também aos hotéis, casinos, campos de golfe e ainda ao vestuário, perfumes, produtos alimentares e mobília. Também é o primeiro ex-Presidente dos EUA a ser julgado e condenado num processo-crime.

Trump passou pelo processo normal para voltar a ser candidato à presidência, vencendo as eleições primárias republicanas, que apuram quem representa o partido nas eleições de Novembro. Kamala Harris entrou na corrida presidencial depois da desistência de Biden, mas nenhum outro democrata se opôs, não tendo passado por um processo de primárias.

Há outros candidatos à presidência a concorrer de forma independente ou com o apoio de partidos

menores, como o Partido Verde e o Partido Libertário, mas o vencedor será certamente Harris ou Trump. O único candidato independente a vencer as eleições presidenciais norte-americanas foi George Washington, o primeiro Presidente dos EUA, num contexto histórico em que os partidos ainda não tinham a relevância que têm hoje.

Só se podem candidatar à presidência os cidadãos norte-americanos nascidos nos Estados Unidos (ou em território considerado americano à data, como no caso de John McCain, que nasceu em território do Canal do Panamá, na altura pertencente aos EUA), com um mínimo de 35 anos de idade e com residência permanente no país há, pelo menos, 14 anos.

Um sistema eleitoral indirecto

Ao preencher o boletim de voto, um cidadão norte-americano não está a eleger directamente no seu candidato presidencial favorito, mas sim a sinalizar ao seu estado em quem prefere que os respectivos delegados votem. Confuso? Vamos por partes.

Os Estados Unidos da América são, como o nome sugere, uma federação de estados. Cinquenta, neste caso, mais o Distrito de Colúmbia (DC), que é o território da capital federal, Washington. As eleições presidenciais norte-americanas começam, na prática, com 51 eleições, uma por cada um dos 50 estados mais DC. Os estados juntam-se depois, através dos seus delegados, para eleger o Presidente dos EUA no Colégio Eleitoral, conforme o que as suas populações determinaram.

Todos os estados têm direito a um número específico de delegados, designados como eleitores (não confundir com os cidadãos votantes), determinado de forma relativamente proporcional à sua população. A Califórnia, o estado mais populoso, tem direito a 54 eleitores. Um estado mais pequeno, como o Iowa, tem apenas seis. No total, são 538 e, assim, formam o Colégio Eleitoral.

Mas quem são estes eleitores? A sua identidade não é muito determinante. Em cada estado e em DC, quer o Partido Republicano, quer o Partido Democrata têm preparada uma lista de nomes para desempenharem esse papel em caso de vitória.

Os eleitores são atribuídos na sua totalidade a quem vencer em cada estado. Segue-se o princípio “winner takes all”, ou seja, o vencedor ganha tudo. Em termos práticos, se Kamala Harris tiver qualquer valor maioritário da percentagem dos votos na Califórnia, seja este 50,1% ou 99,9%, o resultado final é o mesmo: os 54 eleitores da Califórnia que vão representar o estado no Colégio Eleitoral serão pessoas escolhidas pelos democratas.

O sistema é usado em todos os

estados, à excepção do Maine e do Nebraska, que estão divididos em vários distritos, o que permite que os eleitores possam ser divididos por candidatos diferentes, sendo depois somados a outros eleitores atribuídos ao vencedor estadual.

Para vencer as eleições presidenciais, um candidato precisa de 270 votos no Colégio Eleitoral, onde cada eleitor vale um voto. Na esmagadora maioria das vezes, os eleitores votam de acordo com a vontade da maioria da população do seu estado, até porque, se se tornaram eleitores, foi porque o partido que os escolheu venceu ali. Mas não há uma obrigação constitucional de o fazer, o que pode levar a situações como a que aconteceu em 2016, na qual sete eleitores contrariaram a vontade da maioria da população que representavam. Há estados que prevêem multas e acções judiciais contra estes *faithless electors* (ou eleitores infieis).

Este sistema também permite que o vencedor da corrida presidencial não seja o candidato com mais votos da população, uma vez que é praticamente impossível atribuir eleitores a cada estado de forma perfeitamente proporcional. Em 2016, por exemplo, o vencedor das eleições foi Donald Trump, apesar de Hillary Clinton ter conseguido quase mais três milhões de votos a seu favor a nível nacional.

Sondagens e estados decisivos

Há, em todas as eleições, estados marcadamente vermelhos (republicanos) ou azuis (democratas). Noutros, mesmo sem uma preferência tão vinculada, é possível notar uma inclinação. Não é, contudo, o caso dos sete estados decisivos nesta eleição. No fundo, são os mais imprevisíveis, porque, nas sondagens, os candidatos estão separados por diferenças menores do que a margem de erro, muito próxima desta. São eles o Arizona (11 eleitores), Carolina do Norte (16), Georgia (16), Michigan (15), Nevada (6), Pensilvânia (19) e Wisconsin (10).

A expressão “swing states” é muitas vezes usada quando se fala de estados decisivos, mas não é exactamente a mesma coisa. Isto porque os *swing states* são estados que, historicamente, alternam o seu voto entre republicano e democrata, que balançam de eleição para eleição. Podem ou não coincidir com os estados decisivos de uma certa eleição. Podem não ser considerados decisivos porque, à partida, as sondagens podem revelar muito cedo que um dos candidatos vai vencer ali por uma margem muito segura.

A não confundir também com os estados que elegem um maior número de delegados. Aí estaríamos a falar de estados como a Califórnia (54),

Texas (40), Florida (30) e Nova Iorque (28). Mas estes estão seguramente do lado republicano (Texas e Florida) ou democrata (Califórnia e Nova Iorque), pelo que não se espera ali nenhuma surpresa e as campanhas já fazem os seus cálculos nacionais a contar à partida com esses ganhos e perdas.

São essas contas que fazem de estados como a Pensilvânia, o Arizona ou o Michigan absolutamente decisivos, e que levam as campanhas (e os jornalistas) a concentrar ali as suas atenções, e não na Califórnia ou em Nova Iorque, por exemplo.

Neste momento, as sondagens nacionais apontam para um empate a nível nacional, ainda que com ligeiríssima vantagem para Kamala Harris, com 48% das intenções de voto face a 47% de Trump, como no caso da mais recente pesquisa da ABC News. Isto, no entanto, não nos diz nada sobre o desfecho das eleições, uma vez que este dependerá de quem ganhar um somatório de estados decisivos que garantam a vitória, depois, no Colégio Eleitoral.

Depois de 5 de Novembro

É difícil saber quando se determina o vencedor, principalmente se houver margens muito próximas nos estados decisivos que desencadeiem processos de recontagem, ou se houver atrasos na contagem dos votos por correspondência. Esse cenário é muito provável este ano. E, depois de explicado o sistema eleitoral, podemos perceber que, portanto, há duas fases de votação.

Se um dos candidatos acumular votos para uma vitória com grande margem, as primeiras projecções podem sair na noite das eleições, a 5 de Novembro (já na madrugada de dia 6 em Portugal). Se não for esse o caso, pode demorar alguns dias. Em 2020, por exemplo, as televisões só declararam Joe Biden vencedor quatro dias depois das eleições, atraso motivado pelas margens muito pequenas nos estados decisivos.

Resolvida esta parte das eleições e confirmados os resultados internamente em cada estado, estão atribuídos os eleitores por partido. A 17 de Dezembro, estes reúnem-se nas capitais dos seus respectivos estados para votar, expectavelmente, no candidato preferido da maioria da população que representam.

Na improbabilidade de haver um empate depois das votações dos delegados ao Colégio Eleitoral, com 269 votos para cada lado, a decisão fica nas mãos da Câmara dos Representantes, a câmara baixa do Congresso em Washington (a alta é o Senado). Os congressistas são eleitos a 5 de Novembro, no mesmo boletim dos candidatos presidenciais e dos senadores.

A nova Câmara dos Representantes

Em 2020, as televisões só declararam Joe Biden vencedor quatro dias depois das eleições

A Califórnia, o estado mais populoso, tem direito a 54 eleitores. Um estado mais pequeno, como o Iowa, só tem seis



JIM LO SCALZO/EPA



DAVID MUSE/EPA

assume funções a 3 de Janeiro de 2025. No caso pouco provável de um empate, os congressistas decidirão, através de um voto por cada estado, quem ganha as eleições. Se uma maioria de congressistas republicanos tiver sido eleita num estado, esse estado poderá votar no candidato republicano, mesmo que os cidadãos desse estado tenham preferido a candidata democrata, e vice-versa. Já ao Senado cabe eleger o vice-presidente, com um voto por cada senador. É um cenário extremo, mas não completamente inédito: aconteceu na eleição de 1800, embora com regras diferentes à data. Em 1825, o Congresso também elegeu um Presidente, mas aí devido à ausência de uma maioria clara entre vários candidatos.

Mas, se tudo correr de forma mais habitual, o Congresso junta-se a 6 de Janeiro para validar os resultados do Colégio Eleitoral, um acto presidido

pelo vice-presidente em funções, neste caso, Kamala Harris.

Kamala pode tornar-se a quinta vice-presidente a supervisionar a sua vitória no Colégio Eleitoral. Ou a quarta a supervisionar a sua derrota.

Independentemente de a vitória ser previsível no dia das eleições, ou de ser só decidida na Câmara dos Representantes, há uma certeza relativa: no dia 20 de Janeiro, o candidato vencedor, seja qual for, prestará juramento e tornar-se-á o 47.º Presidente dos Estados Unidos.

Voto antecipado e voto no dia

Só podem votar os cidadãos dos EUA com, pelo menos, 18 anos no dia das eleições. Cada estado tem regras diferentes sobre outros critérios. Há

Mais de 55 milhões de norte-americanos já terão votado antecipadamente

Kamala pode tornar-se a quinta vice-presidente a supervisionar a sua vitória no Colégio Eleitoral. Ou a quarta a supervisionar a sua derrota

estados, por exemplo, que retiram o direito ao voto a quem cumpriu penas de prisão efectiva.

Também na quase totalidade dos estados, não é suficiente aparecer e votar. Os cidadãos que cumpram os critérios nacionais e dos estados têm o direito de votar, mas apenas se se registarem previamente para tal.

Quanto ao voto antecipado, as regras também não são homogêneas em todo o país. Não obstante, na grande maioria há a possibilidade de votar antecipadamente, presencialmente ou por correio. Há estados que pedem justificação para exercer este direito antes do dia das eleições. No Minnesota, foi possível votar 46 dias antes das eleições. O Kentucky, por outro lado, abre as urnas para voto antecipado apenas cinco dias antes. A data-limite para exercer o voto antecipado também é variável.

Vários órgãos de comunicação social norte-americanos apontam para que mais de 55 milhões de cidadãos norte-americanos já tenham votado antecipadamente.

No dia das eleições, os horários são diferentes. A começar, devido à diferença horária entre as várias regiões de um país tão vasto, mas também porque cada estado tem regras diferentes. A hora (de Portugal continental) de fecho das urnas em alguns dos estados decisivos ou importantes é: 00h de 6 de Novembro para a Georgia, Virgínia e parte da Florida, e meia hora mais tarde para a Carolina do Norte. As urnas da Pensilvânia, resto da Florida e uma parte do Michigan fecham à 1h, no Minnesota, Arizona, Wisconsin, Texas e o resto do Michigan será às 2h. Quando as urnas fecharem na Califórnia e na Costa Oeste, em Portugal continental já serão 4h. A essa hora, ou mesmo antes, pode ser possível declarar um vencedor. Ou será apenas o início de uma espera de vários dias.

Destaque Eleições EUA 2024

Kamala Harris vai derrotar Trump

Opinião



Álvaro Vasconcelos

Este artigo nasce da indignação perante a falta de convicção democrática e europeia dos participantes no programa *Eurodeputados*, de Fernanda Gabriel; em debate, a mais decisiva eleição para o futuro da democracia desde a Segunda Guerra Mundial.

Nenhum dos intervenientes defendeu Kamala Harris. Hélder Sousa e Silva, do PSD, fez a afirmação mais absurda: “Não estou verdadeiramente preocupado com o resultado das eleições.” Os demais, com mais ou menos ênfase, seguiram a linha de Cotrim de Figueiredo: “Dois candidatos destes é profundamente de lamentar.” A exceção foi o deputado do PCP João Oliveira. Fernanda Gabriel, claramente incomodada, questionou Catarina Martins se considerava Trump e Kamala Harris a mesma coisa, lembrando as diferenças entre os candidatos, nomeadamente no que diz respeito aos direitos das mulheres, como na

questão do aborto. Para meu espanto, Catarina Martins reafirmou que Kamala era uma escolha fraca e que na questão essencial – a posição face a Israel – Trump e Harris eram a mesma coisa.

Perante uma candidata que defende a democracia e o Estado de direito e um candidato que não esconde um projeto autocrático para a América e o mundo, a escolha deveria ser indiscutível, tanto mais que já ninguém pode, como em 2016, afirmar que Trump eleito não será Trump. O seu mandato terminou com a tentativa de golpe de Estado de 6 de janeiro de 2021, com o assalto ao Capitólio. Desta vez, Trump ainda será mais perigoso; tem uma enorme influência no Supremo e controla o Partido Republicano; não haverá republicanos tradicionais que o contenham. Não terá um vice-presidente conservador, como Mike Pence, que se recusou a colaborar no golpe, ou um chefe de gabinete como John Kelly, que hoje diz que Trump é fascista.

A vitória de Trump será trágica para a Europa. A Ucrânia será a primeira vítima, com Trump a apoiar o objetivo de Putin de colocar a Ucrânia sob tutela. Para a Europa, será difícil travar o

imperialismo russo, a começar pela Geórgia e a Moldova. Trump promoverá o negacionismo climático, numa altura em que as temperaturas médias atingiram +1,5º, nos últimos 16 meses, meta prevista pelo Acordo de Paris para 2050, provocando tragédias como a de Valência. Será o triunfo do machismo, do racismo e da deportação de milhões de migrantes, na linha do que é proposto pelos neonazis alemães e a AfD. Trump não é um mau candidato, como alguns afirmaram, é um candidato de extrema-direita.

A vitória de Trump será um enorme estímulo para a extrema-direita. Com Trump virão os interesses de oligarcas americanos, como Elon Musk e a sua rede social que servirá a contrarrevolução a que assistimos. Se Bolsonaro tentar um novo golpe, em 2026, encontrará na Casa Branca o apoio de que precisa para ser bem-sucedido. Este cenário não é ficção científica, é o programa de Trump e dos seus apoiantes. Por isso, também Lula manifestou o seu apoio inequívoco a Harris.

Kamala Harris não é só a alternativa a Trump, o que já não é pouco, não é “o menor dos males”. A sua vitória será o triunfo do



Perante uma candidata que defende a democracia e um candidato que não esconde um projeto autocrático para a América e o mundo, a escolha deveria ser indiscutível

Estado de direito nos Estados Unidos, a defesa do direito à igualdade, a continuação da política de Biden de transição energética e dos Acordos de Paris. Harris faz antever alguma hipótese de sucesso de um projeto de multilateralismo inclusivo e humanista, capaz de assumir as realidades do poder num mundo pós-hegemónico e travar uma paralisante bipolaridade Estados Unidos-China.

A falta de entusiasmo de tantos comentadores por Kamala Harris tem muito que ver com o facto de ser mulher e negra e também com a acomodação a um mundo em que a extrema-direita ganhou uma enorme influência ideológica e mesmo financeira.

Parte da esquerda, como Catarina Martins, recusa-se a escolher entre Trump e Kamala por causa da questão palestina. Biden é cúmplice objetivo de uma operação de limpeza étnica em Gaza, mas Trump será apoiante ativo do projeto do seu parceiro Netanyahu de criar o Grande Israel. Harris não fez da defesa dos palestinianos um tema da sua campanha e não se demarcou claramente de Biden, mas não tem nada que ver com Netanyahu – está perto da oposição israelita, o que pode vir a ser muito importante. E, como diz Bernie Sanders, a hipótese de mudar a política americana será muito maior com Harris.

Estou convencido de que Kamala Harris vai ganhar. Não me baseio nas sondagens, que dão um perigoso empate, nem na necessidade de transmitir energias positivas à distância, em que não acredito, nem mesmo a de viver mais três dias sem a angústia de pensar em Trump novamente Presidente. Baseio-me na razão, na minha confiança no voto dos eleitores. Os americanos já sabem quem é Trump e não faz sentido os eleitores elegerem quem quer destruir o seu direito de voto. Sei bem que outros fatores levam tantos americanos a votar Trump e que a análise tem de ter em conta o enorme descontentamento das classes médias, as paixões, o vírus do nacionalismo e do racismo, o papel da desinformação em tempo de inteligência artificial ou a compra de votos por milhões de dólares por Musk. Apesar disso, tendo a acreditar que a razão prevalecerá. Para o bem de todos nós, espero não me enganar.

Álvaro Vasconcelos é autor de *De Trump a Putin: a Guerra contra a Democracia*



QUINN GLABICKI/REUTERS

LISBON DATA & AI FORUM

Leading the future
with data

6 de novembro | LX Factory

Powered by



A Noesis, consultora **tecnológica internacional de origem portuguesa**, está a organizar a **8.ª edição** daquele que é o maior evento de **dados e Inteligência Artificial** do país. No dia **6 de novembro**, junte-se a nós no **LX Factory** e venha descobrir os mais recentes avanços tecnológicos.

Este ano, o evento contará com um painel de luxo composto por personalidades de renome a **nível nacional e internacional**, bem como diversos momentos de **networking** ao longo do dia.

Não perca esta oportunidade!

Obtenha já o seu bilhete gratuito!

Inteligência
Artificial

Gestão da
Qualidade dos Dados

Análise
de Dados

IA na
Cibersegurança

Transformação
Digital

Patrocinadores



Red Hat

celonis

IBM

Qlik

Parceiros

IDC

IT Insight

P

Espaço público

Amanhã é sempre longe demais

Editorial



David Pontes



Amanhã já é tarde demais para quem ainda não percebeu que as democracias vivem problemas existenciais que não se resumem à figura de Trump

É sempre longe demais quando sabemos que não teremos voz nas escolhas que podem determinar o nosso futuro. Amanhã seremos espectadores, na esperança de que, como em 2020, a maioria dos norte-americanos faça uma escolha sensata que proteja o nosso mundo – o da democracia, o dos direitos humanos, o da ordem internacional gerida por regras e não pela força – de mais um forte abalo.

Se fosse preciso, a forma como todo o espectro político olha atentamente para as eleições norte-americanas, como se procurasse sinais do que será o futuro das batalhas políticas, mostra que, por muito longe que a América possa estar, o que acontece lá virá bater-nos à porta, como consequência ou como imitação.

Mas amanhã já é longe demais para acreditar que mesmo uma vitória desejada de Kamala Harris seja o

suficiente para arrumar para o lado as forças sociais e políticas que encontram em Donald Trump o megafone. E não é só porque, como em 2020, ele poderá não aceitar os resultados eleitorais, é porque, como em 2020, as chances de ele ganhar são bem reais.

Aquele que é, porventura, o mais conceituado historiador do autoritarismo, o norte-americano Robert Paxton, resistiu a classificar Trump como fascista até ao dia em que viu como o encorajamento da violência pelo republicano conduziu à tomada do Capitólio. “Agora, o termo parece não só aceitável, como necessário”, escreveu.

Mas, para Paxton, o problema vai muito além de Trump. Em conversa com o *New York Times*, o historiador enfatiza que, o que quer que seja o “trumpismo”, ele vem “de baixo, como um fenómeno de massas, e os seus líderes vão correndo para se manter à frente dele”. Foi assim com

Hitler e Mussolini, aproveitando o descontentamento do pós-Primeira Guerra Mundial, é assim com Trump, concentrando as insatisfações de milhões de eleitores americanos.

Amanhã já é tarde demais para quem ainda não percebeu que as democracias vivem problemas existenciais que não se resumem à figura de Trump ou de outros como ele. O desafio está nas diversas questões que encarnam os milhões que não se sentem representados pelo “normal” do sistema político. Por muito “deploráveis” que essas questões possam parecer, não irão desaparecer se, negligentemente, se optar por as esquecer ou minorizar.

Tudo o que já aconteceu e que não se soube resolver já foi longe demais. As democracias de todo o mundo estão a ressentir-se disso. Mas não deixemos também de pensar que amanhã é um novo dia e com ele nasce uma miríade de possibilidades de fazer diferente em diante.

CARTAS AO DIRECTOR

Ah, Leão!

O presidente da Câmara de Loures, Ricardo (Coração de) Leão, pegou na bandeira do Chega e iniciou uma cruzada contra aqueles que causaram distúrbios no seu concelho. Despejo já, “sem dó nem piedade”. Castiguem-nos. Rua com eles. Vivam os sem-abrigo. Mais grave é, depois desta afirmação, achar que nada se passou, assobiar para o ar e afirmar “que a questão está resolvida, esta é uma polémica que não existe”. Que grande desfaçatez.

Enquanto cidadão, o que me preocupa é que um partido que se diz socialista mantenha alguém com este tipo de valores em lugar de responsabilidade. Preocupa-me também que possa haver mais “socialistas” que pensem da mesma forma. Tomar as bandeiras do Chega é a melhor forma de se perder a identidade e perder eleições. Na verdade, no campo do populismo, a extrema-direita será sempre

muito melhor. Despejem-no já, “sem dó nem piedade”.

Fernando Vasco Marques, Várzea de Sintra

O poder da ONU em questão

A Organização das Nações Unidas (ONU) é a instituição internacional mais abrangente e representativa no mundo actual, correspondendo à época após o termo da Segunda Guerra Mundial. Mas qual a sua força e respeito pelos seus órgãos? Exemplos recentes para meditar. O secretário-geral, António Guterres, foi considerado *persona non grata* pelo Governo israelita, por ter tomado a justíssima posição contra o massacre que prossegue em Gaza. De máxima gravidade, é decidida a interdição pelo Governo de Israel da UNRWA (United Nations Relief and Works Agency), a única agência das Nações Unidas para assegurar o apoio para a sobrevivência da população de Gaza, sujeita ao extermínio contínuo, desde há um ano. Houve sanções contra o Governo de Israel? Não. Ficam

reservados para outros. Na semana passada, a Assembleia Geral das Nações Unidas votou, pela 32.ª vez, uma resolução para cessar o bloqueio dos EUA a Cuba, por 187 votos a favor, dois votos contra, dos EUA e de Israel, e a abstenção da Moldova. Prossegue o bloqueio *sine die*. E Guantánamo, num recanto da ilha.

José Manuel Jara, Lisboa

CGD, banco público para quê?

A CGD foi multada por violação das regras da concorrência. Ao invés de manter uma saudável distância dos concorrentes privados, fez o contrário, com prejuízo dos portugueses. Que também foram chamados a pagar as imparidades de um inacreditável conjunto de negócios ruinosos. E o seu preçário de *spreads*, encargos e comissões é caro. A maioria dos instrumentos de regulação financeira está no BCE, mas o Estado, accionista único, poderia (deveria?) utilizar o seu banco para pressionar em baixa o mercado interno de

encargos bancários. E anunciou este semestre 889 milhões de lucro (aumento de 46%!). Deveríamos estar descansados, mas satisfeitos, não. Afinal, os dividendos que entregará ao Estado representarão uma outra forma de esbulho dos portugueses, a par dos impostos. Banco estatal, sim, sem prejuízos também, mas se não contribuí para os portugueses terem uma banca segura, credível e a preços acessíveis, para que serve? *José Pombal, Vila Nova de Gaia*

Tropas da Coreia do Norte na Rússia

Apesar da comprovada presença de tropas norte-coreanas na Rússia, a reacção da Europa não foi, na realidade, nenhuma. Fica provado, uma vez mais, que a Europa, enquanto força política, é muito fraca e, por isso, e só por isso, é que a Rússia continua a fazer praticamente o que quer na Ucrânia. Em verdade, nua e crua, a ajuda do Ocidente à Ucrânia tem ficado muito abaixo do mínimo exigível para quem diz e proclama

que quer defender o Ocidente. (...) Todos os amantes da liberdade têm de acordar de imediato pois, se não o fizerem, a liberdade da Europa estará em risco. Acordem antes que seja demasiado tarde. Acordem, por favor. Os ucranianos merecem isso.

Manuel Morato Gomes, Senhora da Hora, Matosinhos

Jornais e campanhas eleitorais

Diversos comentadores políticos insurgiram-se contra o facto de o *Washington Post* e o *Los Angeles Times* não apoiarem a candidatura presidencial de Kamala Harris. Se um jornal de referência português apoiasse abertamente um partido ou uma personalidade em campanha eleitoral nacional, caía o Carmo e a Trindade. Como se trata de presidenciais norte-americanas, tudo é possível. É certo que a dinâmica política varia em muitos países, mas há um patamar que não deve ser enxovalhado: o da isenção e da honra.

Ademar Costa, Póvoa de Varzim

ESCRITO NA PEDRA

As dificuldades são o aço estrutural que entra na construção do carácter
Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

A primazia da música

Ainda ontem



Miguel Esteves Cardoso

Quando duas coisas distintas se cruzam, quando, por um instante, coincidem na personagem da nossa cabecinha, é impossível não pensar nelas conjuntamente – isto é, como se fossem importantes.

Assim foi com o livro *Contented Dementia*, de Oliver James, e o drama de uma adolescente, filha de amigos nossos, que passa o dia a ouvir música, indiferente à preocupação dos pais.

A música passa por ser uma coisa frívola, mas no fim da vida, quando a cabeça já não funciona como funcionava, a música é a última coisa que se esquece.

A música é mágica, no sentido mais exuberante que pode ter o conceito de magia: entra, inexplicavelmente, nos lugares mais fechados, e altera, para melhor, o que parecia inalterável.

Pense naquelas canções irritantes que não consegue tirar da cabeça. Sabe lá se, um dia, não serão elas a última ligação que existirá à memória da sua vida.

Deveríamos passar todos um dia num lar com pessoas dementes, para perceber como se divertem. Quais são os alívios, os intervalos, as consolações daquelas vidas?

Uma parte importantíssima da resposta é a música. Continuamos a responder à música. É mais difícil esquecer a música do que todas as outras coisas da vida. É mais difícil esquecer uma canção de amor do que as pessoas que foram os nossos amores nesta vida.

Sendo assim, o adolescente que passa os dias a ouvir música está a fazer um bom investimento. Se a música é a nossa mais certa companheira, porque não a tratamos como uma noiva para toda a vida?

Nem falo, de propósito, do prazer da música. Falo da companhia. Falo da ligação. Falo do poder que tem, para acordar, para adormecer, para evocar tempos que de outra forma estariam perdidos para todo o sempre.

Investir na música é o investimento mais inteligente e interessado e rentável e humano e bonito que se pode fazer.

Escorraça-la como um passatempo corriqueiro, como uma lengalenga de feira, como uma alienação, ou uma droga, é não perceber nada do que nos move e leva a viver.

ONÚMERO

1300

voluntários foram ontem mobilizados para ajudar a população em Valência

ZOOM DÁRIEN, PANAMÁ



Um casal de cidadãos venezuelanos – Luís (25 anos) e Sharon (19) – e o filho Matias (um ano) atravessam o rio Turquesa, depois de passarem a selva, em Dárien, fronteira natural entre a Colômbia e o Panamá

P

publico.pt



Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR

David Pontes

Directores adjuntos

Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira,
Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro

Directora de arte

Sónia Matos

Directora de design de produto digital

Inês Oliveira

Editoras executivas

Helena Pereira, Patrícia Jesus

Editor de fecho

José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bourgard (editora multimédia); Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais); Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Corção Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Anibal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Cláudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terror** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.

Presidente Ângelo Paupério

Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral
Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim
Direcção Comercial João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonacom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Outubro 18.442 exemplares
O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial publico.pt/nos/estatuto-editorial
Reclamações, correções e sugestões editoriais podem ser enviadas para leitores@publico.pt

ASSINATURAS Linha azul 808 200 095 (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

O Relatório Draghi é um susto



José da Silva Peneda

Para quem anda distraído sobre o que se passa na Europa, o Relatório de Mario Draghi é um susto. O que nos diz Draghi é que, a manter-se a tendência das últimas duas décadas, a Europa vai ser menos próspera, mais desigual, menos segura e, como resultado, vai ter uma capacidade de manobra muito estreita para decidir sobre o seu destino.

Mario Draghi vai mais longe e afirma que, a manter-se um cenário de inércia, é o próprio projeto político europeu que fica ameaçado, porque a Europa pode chegar ao ponto de não conseguir aplicar os valores que são a essência do projeto europeu: paz, democracia, liberdade, igualdade e prosperidade.

Ele fundamenta a sua posição em dados indiscutíveis que evidenciam que a Europa se afasta cada vez mais dos Estados Unidos e da China, nomeadamente em termos de criação

de riqueza, de dependência face ao exterior, no preço da energia, nas novas tecnologias, na inovação e na defesa.

Perante esta fotografia, Mario Draghi propõe uma atuação das autoridades europeias baseada em três eixos: diminuir a distância que separa a Europa dos Estados Unidos e da China nas tecnologias inovadoras; baixar os preços da energia; e aumentar a segurança e reduzir as dependências.

Para cada um destes eixos Draghi apresenta um conjunto de políticas que podem contribuir para alterar a evolução verificada nos últimos tempos, das quais uma das importantes é a mobilização de 800 mil milhões de euros por ano, para que a Europa possa acompanhar o ritmo de crescimento dos EUA e da China. Com esse montante financeiro, a taxa de investimento na Europa passaria dos atuais 22% do PIB para 27%, invertendo um declínio de várias décadas na maioria das grandes economias da União Europeia. Este montante é o dobro do do Plano Marshall, que contribuiu para recuperação da Europa após a Segunda Guerra Mundial.

Draghi sugere que esse recurso financeiro deveria ser obtido através da emissão de instrumentos de dívida contraída a nível comunitário, tal como sucedeu com o modelo “Next Generation Funds”, concebido como resposta à pandemia da covid-19.

Aqui começam os problemas. Se qualquer aumento das contribuições dos Estados cria reações negativas em partes significativas do eleitorado, nomeadamente das forças mais extremistas, a emissão de dívida comum não é aceite por alguns Estados-membros, nomeadamente pelos Países Baixos, Áustria e Alemanha. O caso alemão é ainda mais complicado porque o Tribunal Constitucional só deixou passar a emissão de dívida comum no caso do combate à covid-19 a título excecional e sem possibilidade de repetição.

Mas o problema não se põe apenas com a mobilização de meios financeiros. Também as políticas relacionadas com bens públicos, como as redes e interconexões internacionais, energia, equipamento, investigação, inovação, investimento em tecnologias



A grande fragilidade da Europa tem que ver com os processos de decisão e com a organização institucional

avanzadas, em inteligência artificial e na aquisição comum nas áreas da defesa, terão de ser concebidas em conjunto. De outro modo, todo o esforço que venha a ser feito nunca será suficientemente rentabilizado.

O caso da energia é exemplar. A Europa tem energia a um preço muito mais alto do que os seus concorrentes, porque nunca foi capaz de se entender para a criação de um mercado único da energia. Há Estados-membros, nomeadamente a França, que não abdicam de ter o seu próprio mercado e não aceitam que se avance na integração mais ampla do mercado energético.

A grande fragilidade da Europa tem que ver com os processos de decisão e com a organização institucional. A Europa não é capaz de coordenar as políticas mais decisivas para inverter a tendência dos últimos anos. As políticas que são decisivas para o desenvolvimento da Europa ou têm uma base comum ou muito pouco poderão avançar no sentido proposto por Draghi.

Por isso, o sentimento que retiro da leitura do Relatório de Mario Draghi é o de que o que nele é proposto faz todo o sentido. Mas sou assolado por uma enorme dúvida sobre a capacidade política da União Europeia para adotar as reformas necessárias nos processos de decisão.

Economista

Pinhal de Leiria: prova dos factos



Miguel Freitas

A 15 de outubro de 2017, dois incêndios vindos de fora dizimaram a Mata de Leiria. Ardeu 86% da área. No ano seguinte, a tempestade Leslie destruiu mais 10%. Uma perda secular. Sem precedentes. Restaram 800ha incólumes.

Recomeçar é tarefa complexa. Fazer escolhas, num território afetado por um fogo desta dimensão, requer tempo. Tempo para encomendar um plano de recuperação a uma comissão científica independente, com uma abordagem multidisciplinar. Tempo para retirar a madeira ardida e cuidar das questões fitossanitárias. Tempo para os leilões de madeira. Tempo para decidir o que replantar e em que áreas aproveitar a regeneração natural. Tempo para implementar um modelo de governação, para interpelar, avaliar e monitorizar o trabalho executado – com a criação do Observatório do Pinhal do Rei.

Factos: (1) deu-se primazia à rearborização,

tendo-se já intervencionado 6400ha, estando em execução mais 750ha até ao primeiro trimestre do próximo ano; (2) da rearborização, são 70% plantações e 30% regeneração natural; (2) além disso, foram executados projetos de gestão ativa de combustíveis (538ha), controlo de invasoras lenhosas (692ha) e controlo e monitorização do nemátodo-do-pinheiro (790ha).

Finalmente, foram beneficiados 22km de rede viária florestal. Até finais de 2025 estarão investidos 8,7 milhões de euros. A tudo isto acresce, até ao momento, 1100ha em ações de prevenção e gestão florestal, executados com meios próprios pelo ICNF.

Reconheça-se que, em torno deste processo, dificilmente haverá consensos, nem técnicos, nem políticos. Como em tudo, há a perspetiva de quem faz e o olhar de quem observa. O que se pede é uma discussão viva, exigente e bem informada. Para isso, é preciso transparência e capacidade de comunicação de quem gere – o ICNF. E críticas, todas válidas, desde que bem fundamentadas e não lançadas de sobrevoos, sobre os documentos e o território. Críticas mais frequentes:

1. A relação entre floresta de produção e de proteção alterou-se, tendo transitado mais 1875ha para floresta de proteção; a justificação suporta-se na ideia de que estes talhões já teriam pinheiro-bravo de baixa qualidade; refira-se que a diferença destas áreas se coloca, essencialmente, na

intensidade de gestão.

2. O tempo de decisão sobre a regeneração natural é excessivo; a justificação avançada é que há talhões onde a avaliação tem sido inconclusiva; foram intervencionados 1300ha e estão em execução mais 750ha; falta intervir em cerca de 2000ha, com um custo previsto 4,5 milhões de euros.

3. Há perdas relevantes nas áreas plantadas; de facto, em cada época de plantação, as perdas foram da ordem dos 20%; nestes casos, foram realizadas retanchas (replantação); nos 1500ha plantados através de voluntariado, as retanchas ainda estão por fazer.

4. O material genético não foi o mais apropriado; todas as plantas foram colocadas pelo ICNF, com plantas de origem certificada, provenientes dos viveiros de Escaroupim, Ovar, Grândola e Valença (Centro Pinus) e, em casos específicos, da região de Landes – França.

5. O Observatório do Pinhal do Rei não funcionou; conceber um modelo participativo, colher sensibilidades diversas, ter instituições científicas e técnicas, retira, muitas vezes, operacionalidade; por outro lado, requer uma coordenação capaz de gerar participação e avaliação rigorosa dos factos, sem ambiguidade.

Retomo esta última questão, pois creio que o modelo de governação é absolutamente crucial para um debate esclarecido no espaço

público. Faz sentido revisitar a composição do Observatório do Pinhal do Rei, publicar atas das reuniões desta entidade, impor um protocolo de monitorização rigoroso ao ICNF, repor o inventário florestal contínuo após encerrar este ciclo de investimentos, criar um modelo de avaliação bianual e um modelo de comunicação consensualizado entre as partes envolvidas.

Nesta fase, faz sentido promover um estudo técnico independente sobre o estado da arte do que está realizado no Pinhal de Leiria e, por extensão, nas restantes matas do litoral – Urso, Pedrógão e Quiaios. Sugere-se que seja solicitado esse trabalho ao Colégio Florestal da Ordem dos Engenheiros. Essa iniciativa deve partir do Observatório do Pinhal do Rei. Por outro lado, recomenda-se à Assembleia da República a criação de um grupo de trabalho no âmbito da Comissão de Agricultura, para uma leitura política e um acompanhamento mais próximo da situação.

Nota final: para realizar as medidas e ações fundamentais para a consolidação dos investimentos já executados no Pinhal de Leiria, serão necessários, anualmente, 1,5 milhões de euros, que deverão ser assegurados ao longo dos próximos oito a dez anos. Seria importante que houvesse uma rubrica específica com esse fim no Orçamento do Estado.

Professor universitário

Os marcianos e a singularidade



Arlindo Oliveira

Talvez nenhum outro cientista tenha feito tantas e tão relevantes contribuições, em campos tão diversos, como John von Neumann

Uma fracção anormalmente elevada dos cientistas que trabalharam no projecto Manhattan era de origem húngara, e ficaram conhecidos como “Os marcianos”. Falavam com um sotaque inconfundível, tinham todos nascido perto de Budapeste durante um curto período e eram de uma craveira intelectual tão destacada que a única explicação possível era terem tido origem noutra planeta. Embora nunca se tivesse esclarecido como é que Budapeste tinha gerado, num período tão curto, um número tão grande de cientistas de topo, um deles destacava-se, mesmo no contexto de um laboratório como Los Alamos, onde trabalhavam as pessoas mais brilhantes do mundo: John von Neumann. Dizia-se, a brincar, que se muitos deles tinham vindo de Marte, Von Neumann tinha vindo de outra galáxia. É considerado, por muitos, como a pessoa mais brilhante que alguma vez existiu, e as histórias que ilustram o brilhantismo do seu intelecto são demasiado numerosas para serem reproduzidas aqui.

A história da vida e das contribuições de Von Neumann foi objecto de diversas biografias, entre as quais a fascinante *O Homem Que Veio do Futuro*, de Ananyo Bhattacharya, ou a versão romanceada *The MANIAC*, por Benjamín Labatut. Talvez nenhum outro cientista na história da humanidade tenha feito tantas e tão relevantes contribuições, em campos tão diversos, na física, matemática, economia e engenharia. Vários conceitos e tecnologias que usamos hoje devem-se a Von Neumann, directa ou indirectamente, incluindo a arquitectura dos computadores modernos, a teoria de jogos, os autómatos celulares, a ideia da deterrência nuclear e a formalização do conceito de colapso da função de onda em sistemas quânticos.

Nascido em 1903, János von Neumann (o seu nome original) foi um polímata, que desde muito novo devorava informação das mais variadas fontes, e nas mais variadas línguas. Quando começou a trabalhar no Projecto Manhattan, já tinha feito diversas contribuições em teoria de jogos (economia), mecânica quântica (física) e teoria de números (matemática). Muitos dos seus trabalhos nestas áreas vieram a revelar-se extremamente frutíferos e inspiraram

importantes desenvolvimentos subsequentes.

Mas talvez as contribuições de Von Neumann que vieram a tornar o seu nome conhecido até hoje (embora não tanto como seria de esperar) são as que resultam do seu trabalho como colaborador do Projecto Manhattan, que tinha como objectivo o desenvolvimento da primeira bomba atómica. O projecto de bombas atómicas exige o cálculo detalhado do que acontece quando se usa uma explosão química para criar as condições para que seja atingida a massa crítica do combustível fissível (urânio ou plutónio) e tenha lugar a reacção em cadeia de fissão de átomos que leva à libertação das enormes quantidades de energia que causam a explosão. Na altura, a simulação destes fenómenos exigia laboriosos cálculos que eram efectuados por computadores humanos, pessoas (geralmente mulheres) que repetiam, dia após dia, os cálculos necessários à elaboração das tabelas matemáticas necessárias. Von Neumann foi o maior proponente do uso das novas máquinas que começavam a aparecer no horizonte, como o Harvard Mark I ou o Konrad Zuse Z3, que usavam mecanismos electromecânicos para executar cálculos matemáticos. Com o ENIAC (*Electronic Numerical Integrator and Computer*), que usava apenas circuitos electrónicos e não tinha partes móveis, apareceu a possibilidade de construir computadores muito mais rápidos e de uso mais geral. Mas o ENIAC tinha sido desenvolvido para um fim específico, o cálculo de tabelas balísticas para

armas de fogo.

As limitações do ENIAC e de outros computadores da altura levaram a que Von Neumann escrevesse o agora famoso relatório “Primeiro rascunho de um relatório do EDVAC” (*First Draft of a Report on EDVAC*), onde propõe a arquitectura que veio a ficar conhecida como a “arquitectura de Von Neumann”, que serve de base a todos os computadores modernos. Von Neumann não pode ser considerado o único inventor dos computadores modernos, uma vez que a ideia da criação de computadores que pudessem ser programados para executarem cálculos arbitrários estava, nessa altura, a ser proposta por diversos cientistas, incluindo John Mauchly e John Eckert, nos Estados Unidos, Alan Turing, na Inglaterra, e Konrad



Numa altura em que a evolução tecnológica nos parece estar a conduzir para territórios inexplorados, esta ideia da singularidade aparece como cada vez mais intrigante

CORBIS/GETTY IMAGES



Zuse, na Alemanha. Mas o esforço que foi desenvolvido em Los Alamos para criar o primeiro computador moderno, com base no ENIAC e nas ideias de Von Neumann, fazem seguramente dele um dos nomes mais importantes da revolução digital que se seguiu. Em Los Alamos, o ENIAC foi adaptado com as ideias do EDVAC e foi usado com sucesso para correr as simulações que tornaram possíveis as primeiras bombas atómicas. A partir daí, a ideia de que era possível construir computadores “programáveis”, em que o mesmo *hardware* podia ser usado para muitas funções usando simplesmente programas diferentes, generalizou-se de tal forma que agora nos parece uma coisa óbvia e evidente. Tal deve-se, em grande parte, ao génio de Von Neumann.

O fascínio de Von Neumann por computadores não terminou com o esforço do Projecto Manhattan nem com os computadores que posteriormente veio a ajudar a desenvolver, incluindo o MANIAC. Diversas outras ideias de Von Neumann na área da computação vieram a ficar na história. Von Neumann foi dos primeiros cientistas a considerar a possibilidade de programas, computadores e *robots* se reproduzirem, tendo escrito um livro sobre o tema (*Theory of Self-Reproducing Automata*). As chamadas “sondas de Von Neumann” (“*Von Neumann probes*”) inspiram, ainda hoje, muitos dos visionários da tecnologia de exploração espacial. Von Neumann imaginou sistemas capazes de deixar a Terra, aterrarem em planetas distantes e produzirem cópias de si mesmos, que, por sua vez, continuariam a expansão usando o mesmo mecanismo. O crescimento exponencial deste tipo de tecnologia permitiria, em princípio, que a civilização humana colonizasse, em alguns milhares de anos, todos os planetas habitáveis das centenas de milhares de milhões de estrelas da nossa galáxia, uma ideia tão disruptiva como fascinante.

Deve-se também a Von Neumann o conceito da singularidade tecnológica, que foi mais tarde popularizado por autores como Verner Vinge e Ray Kurzweil. Von Neumann terá referido, numa conversa com Stanislaw Ulam, que o rápido desenvolvimento da tecnologia e o seu impacto na forma como vivemos parece estar a aproximar-nos de uma singularidade na história da nossa espécie, para além da qual o nosso estilo de vida, tal como o conhecemos, não poderá continuar. Falecido em 1957, com 53 anos, Von Neumann estava já nessa altura impressionado com as profundas alterações causadas pelas tecnologias de ponta da altura: as bombas nucleares, o avião a jacto, as telecomunicações e os computadores.

Sete décadas depois, numa altura em que tanto a evolução tecnológica como os desafios sociais nos parecem estar a conduzir rapidamente para territórios inexplorados, esta ideia da singularidade, que também devemos a John von Neumann, aparece como cada vez mais possível e cada vez mais intrigante.

Política Como pode o Parlamento agir perante comportamentos dos deputados

Inquéritos, repreensões ou recomendações para afirmação de Pedro Pinto sobre polícias

Mesmo que limitados, o Parlamento tem alguns instrumentos que pode usar para responder às declarações do líder da bancada do Chega, Pedro Pinto, num debate na RTP3

Ana Bacelar Begonha

Os deputados querem debater como a Assembleia da República (AR) pode responder às declarações do líder da bancada do Chega, Pedro Pinto, num debate na RTP3, em que defendeu que, “se [os polícias] disparassem mais a matar, o país estava mais na ordem”. As opiniões divergem quanto à ideia de que o deputado estava no exercício de funções e à capacidade mais ou menos limitada que a AR tem para responder a uma afirmação proferida fora do Parlamento, mas deputados e ex-deputados apontam ao PÚBLICO que é possível abrir um inquérito, fazer uma repreensão ou um reparo a Pedro Pinto e tecer recomendações, nomeadamente, para que cumpra as regras.

Esta declaração de Pedro Pinto foi feita a 23 de Outubro, a propósito da morte de Odair Moniz, alvejado por um agente da PSP. E já levou um grupo de cidadãos a apresentar uma queixa-crime e a Procuradoria-Geral da República a abrir um inquérito, acções que visam também declarações de André Ventura, líder do partido, – “Obrigado. Era esta a palavra que devíamos estar a dar ao polícia que disparou sobre mais este bandido” – e de Ricardo Reis, assessor do Chega – “Menos um criminoso... menos um eleitor do Bloco”.

Mas, independentemente do curso que a justiça possa tomar, será que o Parlamento também pode agir sobre estas declarações? No entender da maioria dos partidos, essa é uma reflexão que deve ser feita, designadamente na conferência de líderes. No plenário de 24 de Outubro, Pedro Delgado Alves, vice-presidente da bancada do PS, considerou as declarações de Pedro Pinto “gravemente atentatórias do Estado de direito, dos direitos fundamentais dos cidadãos”, e indicou que os socialistas vão pedir uma “avaliação em local próprio” sobre se “o código de conduta habilita declarações deste teor”.

O deputado teve o apoio de todas as bancadas, à excepção do CDS, que

argumentaram que o Parlamento “pode e deve mesmo discutir tudo o que acontece no país”, que estas declarações merecem uma “profunda reflexão” ou que a “actividade de deputado não se pode restringir ao que diz em plenário”. Já Pedro Pinto defendeu que, “se começamos a trazer” para a AR “o que se passa nos debates televisivos, tínhamos muita coisa para trazer”, e que a sua afirmação “foi apenas uma simples suposição com algum tipo de ironia”.

O líder parlamentar do BE, Fabian Figueiredo, que estava presente no debate da RTP3, com Pedro Pinto, já apresentou um requerimento ao presidente da Assembleia da República para que o assunto seja debatido na próxima conferência de líderes, em que defende que as declarações de Pedro Pinto “põem em causa preceitos constitucionais e legais”. Ainda não há data marcada para a reunião.

Comissão de transparência

Ao PÚBLICO, o líder da bancada do BE explica que o debate “aconteceu entre líderes parlamentares”, já que foram convidados e participaram nessa qualidade, concluindo que “se enquadra no trabalho parlamentar”. Nesse sentido, defende que “o código de conduta foi violado”, porque prevê que os deputados têm o “dever de urbanidade, respeito pelos cidadãos e lealdade institucional”. Ora, “nenhum destes princípios foi respeitado, muito menos o dever de respeito pela dignidade da Assembleia, plasmado no estatuto dos deputados”, argumenta.

Por outro lado, os deputados “gozam de irresponsabilidade” civil, criminal e disciplinar, mas Fabian

Figueiredo argumenta que isso “não significa que tenham carta-branca para apelar ao cometimento de crimes”. Caso Pedro Pinto tivesse feito estas declarações no hemiciclo, o bloquista defende que o presidente da Assembleia “poderia ter censurado a declaração”. Tendo sido fora do Parlamento, admite que é preciso “reflexão” na conferência de líderes sobre como a AR pode actuar no “quadro do dever da responsabilidade” e da “auto-regulação” dos deputados.

Mas adianta já que “a comissão de transparência pode analisar casos como estes” e “fazer recomendações”, algo que espera que seja “uma das conclusões da conferência”. Isto porque o código de conduta estabelece que essa comissão pode “proceder oficiosamente a inquéritos, a pedido do visado ou mediante determinação do presidente da Assembleia da República” e “emitir declarações genéricas ou recomendações”.

O líder parlamentar do BE garante que terá “propostas concretas” de recomendações, que não se prendem com sanções aplicadas pela AR aos deputados, sem as adiantar por agora. Mas aponta que estes casos “têm de servir no mínimo para fixar uma doutrina sobre o desempenho do mandato e sobre a forma como a AR actua”, defendendo que é preciso “densificar o código de conduta”.

Já o deputado Pedro Delgado Alves, do PS, sinalizou, no Parlamento, que “parece de difícil leitura face à Constituição” concluir que Pedro Pinto violou o código de conduta. O PÚBLICO tentou contactar o deputado e questionou o grupo parlamentar do PS sobre o local em que querem discutir o tema, sem sucesso.

Ex-deputados apontam vias

Também Paulo Trigo Pereira, ex-deputado eleito como independente pelo PS e posteriormente não inscrito, que fez parte da comissão eventual para o reforço da transparência, defende que este assunto “é, sobretudo, do foro criminal, do Ministério Público”, por estar em causa uma

Líder parlamentar do BE requereu que o assunto seja debatido na conferência de líderes





DANIEL ROCHA

eventual “instigação e apologia à prática de um crime”.

O também economista diz que o estatuto indica que “os deputados não respondem civil, criminal ou disciplinarmente pelos votos e opiniões que emitirem no exercício das suas funções”. Por considerar que Pedro Pinto “não estava no exercício das funções” durante o debate televisivo, Trigo Pereira defende que pode ter de responder por essas declarações civil e criminalmente.

Mas “o Parlamento não pode fazer grande coisa nem deve porque não foi proferido no Parlamento”, defende. A “única pessoa com autoridade” para impor algum tipo de sanção seria o presidente da AR, mas Trigo Pereira sublinha que essa autoridade é “limitada”: “Não está previsto nenhum tipo de fiscalização da conduta dos deputados”, refere, apontando que o presidente do Parlamento só pode agir para garantir o “respeito pela Assembleia e os outros deputados” nos trabalhos parlamentares.

Concretamente, o regimento indica que o presidente pode “requisitar e usar os meios necessários e tomar as medidas que entender convenientes” para “manter a ordem e a disciplina, bem como a segurança da AR”, assim como advertir os deputados e retirar-lhes a palavra. Por isso, no limite, “poderia haver um reparo”, defende Trigo Pereira, considerando que “a punição” que pode ser feita a Pedro Pinto “é mais política”.

Já Márcia Passos, ex-deputada do PSD que fez parte da comissão da transparência e do estatuto dos deputados e presidiu ao grupo de trabalho de aplicação do código de conduta, considera que “o exercício das funções não é só entre as quatro paredes” do Parlamento e que Pedro Pinto não esteve no debate “apenas como pessoa singular”, mas “a representar” o seu partido.

Como tal, a também advogada acredita que Pedro Pinto pode ter violado o dever de “urbanidade em relação aos cidadãos”, além “do Estado de direito democrático”. O código de conduta tem um artigo referente à urbanidade e lealdade institucional, que indica que os deputados “devem desempenhar as suas funções com respeito pelos demais deputados e pelos titulares dos demais órgãos de soberania, pelos cidadãos que representam e pelas entidades públicas e privadas com as quais se relacionem no exercício do seu mandato”.

Como o “Parlamento não tem uma função sancionatória”, a ex-deputada põe de parte que possam ser aplicadas sanções. Mas conclui que a AR “pode ter a função de repreensão”. Concretamente, o grupo de trabalho de aplicação do código de conduta pode “fazer algumas diligências no sentido de apurar” se Pedro Pinto violou o código e recomendar que o cumpra, o que teria “um sentido disciplinador e preventivo”.

Parlamento tem feito um esforço de aproximação aos cidadãos, mas hesita

Liliana Borges

A obra de quase 200 páginas faz uma viagem pelos desafios e esforços de aproximação do Parlamento aos cidadãos

O mundo mudou e o Parlamento mudou com ele. Desde a criação do primeiro *site* do Parlamento, em 1996 – quando apenas cerca de 3% dos portugueses tinham acesso à Internet –, ao lançamento de uma página de Instagram, os esforços de aproximação da Assembleia da República aos cidadãos têm sido vários, mas ainda muito pode ser feito. As conclusões surgem no livro *Parlamento de Portas Abertas? A relação da Assembleia da República com os cidadãos*, da investigadora Sofia Serra-Silva, que procura combater a ausência de mais olhares atentos à “relação da opinião pública com o Parlamento”, que vá além das sondagens “à confiança e satisfação dos cidadãos”.

“Sabemos que, hoje em dia, as instituições políticas estão mergulhadas num conjunto de desafios, desde a alienação, a desconfiança, a desinformação e a insatisfação”, diz. Ora, o Parlamento, “enquanto espaço ideologicamente plural e representativo, ocupa um lugar cativo na resolução deste problema”, vinca Serra-Silva, em conversa com o PÚBLICO. E esse esforço tem sido feito através de uma crescente aproximação aos cidadãos, reconhece a investigadora auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, actualmente no Cevipol, Universitée Libre de Bruxelles. É que, embora as instituições parlamentares sejam mais acessíveis ao público e ao seu escrutínio, paradoxalmente, o sentimento de distanciamento e alienação do processo democrático formal nunca foi tão agudo, assinala a autora. Aliás, o crescente cepticismo tem “gerado novas demandas e reivindicações por mais oportunidades de participação directa no processo político que contornem as elites”, lê-se.

Se, para alguns, “o Parlamento representa o expoente máximo da representatividade”, o símbolo de “construção de um futuro mais justo”, para outros, “é uma estrutura imponente e distante, cujas decisões parecem desconectadas das realidades e necessidades quotidianas”.

Há ainda os mais desacreditados, que olham para a Assembleia da República como “um teatro de sombras, onde promessas e interesses indivi-

duais se escondem nas entrelinhas da retórica política”, lê-se na obra. Um número que poderá aumentar no contexto actual muito “polarizado e fragmentado”, em que “comportamentos menos polidos” se tornam cada vez mais frequentes na arena parlamentar, acrescenta ao PÚBLICO. Serra-Silva antecipa que esta crescente tensão possa ter “um impacto negativo e destruir o esforço do trabalho das últimas décadas em melhorar a imagem da Assembleia da República e aproximar o Parlamento dos cidadãos”.

Os exemplos

A autora partilha teorias e modelos democráticos, como caminhos para reformar a democracia representativa; as formas de comunicação e interacção com os cidadãos; os desafios da Internet, para as instituições parlamentares, e as estratégias e instrumentos de envolvimento público e reforço democrático que têm sido adoptadas pela Assembleia.

A obra destaca ainda o trabalho de António Almeida Santos (responsável pelo lançamento do *site* do Parlamento em 1996) e de Eduardo Ferro Rodrigues (que em 2016 criou o Grupo de Trabalho para o Parlamento Digital), elegendando-os como figuras-chave desta tarefa.



Sofia Serra-Silva é a autora desta obra, que teve uma menção honrosa do Prémio António Barbosa de Melo

Questionada sobre o que falta fazer, a autora nota que “não existe uma avaliação da eficácia destes instrumentos” por parte do Parlamento. Por outro lado, há ainda “muita relutância, algumas resistências e pouco consenso entre os partidos”. Do Parlamento austríaco, por exemplo, chegam exemplos de inovações democráticas mais progressistas, como o *crowdsourcing* legislativo, uma forma de participação directa dos cidadãos na construção de leis.

O livro de Sofia Serra-Silva, que recebeu em 2020 uma menção honrosa do Prémio António Barbosa de Melo – que distingue trabalhos de investigação com conexão ao parlamentarismo –, já está à venda na livraria da Assembleia da República e pode ser adquirido online. E a autora já tem planos para o futuro. “Quero investigar como é que estas ferramentas impactam a imagem que as pessoas têm das instituições.”

Sociedade Reorganização dos serviços de obstetrícia, ginecologia e pediatria

Comissão quer incentivos para todos os profissionais de obstetrícia e pediatria

Alberto Caldas Afonso O presidente da Comissão de Saúde Materna, da Criança e do Adolescente diz que quase metade dos casos que chegam a estas urgências não é urgente

Entrevista

Alexandra Campos Texto
Nelson Garrido Fotografia

Alberto Caldas Afonso, o médico escolhido pela ministra da Saúde para presidir à comissão encarregada de reorganizar as urgências de ginecologia-obstetrícia e pediatria, adianta que o grupo se prepara para propor um novo modelo de incentivos que abrangerá todos os profissionais destes serviços, não só os que fazem urgência, e que foi abandonada a ideia de dar 750 euros por cada parto acima da média às equipas, medida anunciada em Maio por Ana Paula Martins. O pediatra que dirige o Centro Materno-Infantil do Norte (CMIN), no Porto, acredita ainda que, com a nova linha SNS Criança e com os novos algoritmos da “triagem de Manchester 3”, será possível retirar das urgências “as coisas banais” e passar a ter médicos suficientes para evitar ter que fechar rotativamente maternidades.

Como é que chegámos à situação actual, com urgências de ginecologia-obstetrícia a fechar rotativamente?

Chegámos aqui devido a estratégias e opções políticas erradas, basicamente na última década. Por um lado, não se tem percebido que a nova geração tem uma percepção da jornada de trabalho diferente, valoriza a disponibilidade de tempo para a família, os amigos, o repouso. Segundo: [desapareceu] o modelo de incentivos que estava associado às PPP [parcerias público-privadas], como Vila Franca de Xira e Loures. Em Braga conseguimos estancar, mas, a partir do momento em que a PPP acabou, metade dos colegas saíram para a privada ou para actividade liberal. Aliás, a maternidade de

Cascais [o único hospital que se mantém em PPP] nunca fechou, com quadros de profissionais inferiores a algumas que fecham rotativamente. No sector público temos excelentes gestores, mas o *by the book* não permite premiar quem trabalha mais. Não conseguimos fixar profissionais no SNS se não tivermos uma nova visão de um pacote de incentivos. **Quando foi lançado o plano de emergência, a ministra da Saúde anunciou que pagariam 750 euros às equipas por cada parto acima da média. Isso já não vai avançar?**

Na altura pensámos nessa medida, mas não nos pareceu suficiente para mobilizar as pessoas. Temos agora uma medida completamente diferente. É muito mais abrangente, envolve todo o serviço, quer de pediatra, quer de ginecologia-obstetrícia. Os 750 euros eram só para os profissionais que faziam urgência, mas há internamentos, consultas, técnicas, meios auxiliares de diagnóstico... temos que dar oportunidade a todos. Obviamente que a disponibilidade para o serviço de urgência tem que ser majorada. **Os incentivos vão ser semelhantes aos dos hospitais em PPP?**

Queremos ser mais inovadores. Esta é uma área quase finalizada, que vamos propor, e que é um modelo parecido com o da contratualização das unidades de saúde familiar [nos centros de saúde] modelo B [com remuneração associada ao desempenho], com indicadores com majoração. Isso passa por criar uma unidade de gestão autónoma nos serviços de pediatria e de ginecologia-obstetrícia. E não tenho dúvidas de que, com alguns exemplos que já temos do que está a acontecer com os centros de responsabilidade integrada, virão profissionais do privado para o

público. Mas não é só a parte financeira que é importante, as pessoas só estão onde são felizes.

No Porto e noutros pontos do país, as maternidades não têm fechado. Fecham sobretudo em Lisboa e Vale do Tejo. É por causa da concorrência dos hospitais privados, que em 2023 fizeram mais partos do que os públicos, à excepção da Maternidade Alfredo da Costa?

No Porto também há hospitais privados... não queria entrar em conceitos regionalistas, mas há, de facto, uma postura distinta. Em 1990, no Porto estávamos numa situação crítica na pediatria, com urgências abertas no Santo António, no São João, no Maria Pia, em Gaia e em Matosinhos. Eram cinco portas abertas, víamos 600 crianças por dia, 20% iam a mais do que uma urgência e não tínhamos pediatras para aquilo tudo. E ficou só a urgência concentrada no São João e em Gaia, com partilha de profissionais. **Os médicos dos outros hospitais aceitaram de bom grado ir fazer urgência ao São João?**

Houve um sentido de que é um bem comum e este era o único caminho, não havia pediatras. Agora, quando se faz algo diferente, vêm sempre os velhos do Restelo que criticam por criticar e as críticas são baseadas em dois pressupostos: a questão da triagem e a dos cuidados de saúde primários. Mas, neste momento, temos um protocolo sólido, robusto, balizado em 70 países, o da triagem de Manchester 3, que foi assinado pelo Ministério da Saúde no fim de Setembro. **É uma triagem diferente da actual?**

Incorporou aquilo que tínhamos já identificado como limitações ou vulnerabilidades da triagem de Manchester 2. Temos, portanto, uma triagem robusta, uma validação da necessidade

Há locais onde todos os partos são por cesariana. ERS “tem de reger

Alberto Caldas Afonso defende que a Entidade Reguladora da Saúde (ERS), que há dias divulgou o último relatório de monitorização da actividade dos 58 blocos de parto e serviços de neonatologia do continente, não pode limitar-se a enumerar dados. **Segundo a última monitorização da ERS, em 2023, exceptuando a Maternidade Alfredo da Costa (MAC), a segunda com maior número de partos, os maiores blocos de parto do país foram os três privados de Lisboa — dos hospitais da Luz, Lusíadas e CUF. Fizeram até mais partos do que o Centro Materno-Infantil do Norte (CMIN), que dirige. Isto acontece porque em Lisboa há mais pessoas com seguros de saúde ou ADSE?**

O problema não está aí. Conhece a MAC? Conhece o Hospital de Santa Maria antes das obras? Conhece o CMIN e Gaia? No CMIN, todos os dias são atendidas pessoas com muito dinheiro, com todos os

seguros de saúde, que sabem que este é o local melhor em termos das instalações e de segurança para a mulher e o recém-nascido. Somos altamente competitivos e o sector privado só funciona para quem quer ir fazer directamente cesarianas.

Os dados da ERS revelam que há unidades onde todos ou quase todos os partos foram por cesariana.

Como é possível haver locais onde se fizeram 11 partos, todos por cesariana? Não são blocos de parto, mas sim blocos cirúrgicos de vão de escada. Alguém tem que responder a isto. A Entidade Reguladora da Saúde serve para quê? Então identifica o problema, e é independente de poderes políticos, tem todas as condições para regular, é para isso que serve.

A monitorização indica ainda que os óbitos fetais e neonatais (até 28 dias após o nascimento) quase duplicaram na região de Lisboa e Vale do Tejo no ano



ular”

passado, em comparação com 2022.

A Direcção-Geral da Saúde tem que investigar isto, é necessário avaliar os casos um a um. Sem conhecer as razões de cada uma destas situações, é difícil perceber.

Mas já admitiu que isto pode, em parte, estar relacionado com o facto de o número de filhos de mães estrangeiras estar a aumentar, uma vez que algumas destas gravidezes não são seguidas.

Imagino que a questão das mães estrangeiras possa ser um factor importante. No último ano, 18% dos nascimentos no CMIN já foram de mães estrangeiras. Algumas das senhoras nem falam português e desconhecemos a sua história obstétrica. Esse número deve ser analisado e detalhado e também é preciso avaliar a questão da acessibilidade e, depois, a da taxa de cesarianas. A cesariana é um parto de risco. Têm que ser tomadas medidas para regular isto.

assistencial de acordo com os sintomas. É aquilo que faço todos os dias, como pediatra, quando recebo chamadas ou por WhatsApp com imagens, de pais que perguntam – o menino está com febre, com pingos no nariz, vou à urgência? Não, vai fazer as medidas simples e, se os sintomas não passarem, no dia seguinte volta a ligar. Conseguimos seriar e deixar a urgência para situações graves. Temos de fazer este caminho. Os advogados ou os cidadãos que querem avançar com um processo em tribunal não vão logo para a Relação, vão para a primeira instância. Depois, se não concordarem, é que vão para a Relação.

Mas para a seriação inicial já existe a linha SNS24 e, no final dos anos 1990, foi lançada a pioneira linha “Dói, dói, trim, trim”, dedicada às crianças. O que é que a linha SNS Criança tem de novo?

Na linha “Dói, dói, trim, trim”, que infelizmente foi suspensa, não tínhamos na época modelos de identificação com segurança da situação clínica. Portanto, servia para coisas muito simples. Hoje temos fluxogramas que já utilizamos nos hospitais e nos dão total garantia.



Não conseguimos fixar profissionais no SNS se não tivermos uma nova visão de um pacote de incentivos

Ninguém quer fechar o que quer que seja. Com estas medidas, ao retirar os 40% de idas não apropriadas às urgências, vou passar a ter uma maior almofada de recursos humanos

Vai ser como a linha SNS Grávida? Cerca de 70% das chamadas para a linha SNS Grávida têm sido encaminhadas para as urgências.

A linha SNS Grávida tem algoritmos muito defensivos. A comissão trabalha desde há dois meses, reviu tudo, há algoritmos novos e vai haver um plano de formação para quem vai utilizar os algoritmos, que são os enfermeiros especialistas, quer na linha, quer nos hospitais. Tem noção de que, na pediatria, cerca de 50% das situações não são urgentes? Na urgência obstétrica, 45% a 50% são situações banais. É a senhora que tem uma leucorreia, teve um atraso menstrual, que vai lá para saber se está grávida, casos que estão a consumir recursos humanos que deviam estar vocacionados para o nascimento. Temos que retirar da urgência as coisas banais.

O problema é que, em Lisboa e Vale do Tejo, 20% dos utentes não têm médico de família atribuído. A quem vão recorrer os doentes sem gravidade?

Sim, mas nós pensámos em planos A, B e C. E é por isso que também há outras condições que propus à senhora ministra – a de que a comissão tinha que ser suficientemente ecléctica nas áreas fulcrais e que ficasse na dependência do seu gabinete, porque aquilo que vi nas comissões anteriores é que as coisas não aconteciam. O que o plano prevê é que, depois da seriação, as situações sem gravidade vão para consulta diferida nos centros de saúde, que pode ir até às 72 horas. Segundo patamar: consulta aberta nos centros de saúde. Mas vamos imaginar que estas opções já estão esgotadas. Cada serviço hospitalar, o de pediatria ou o de ginecologia, tem uma consulta aberta.

Por que é que no Porto, onde a cobertura de médicos de família é quase total, vai ser preciso um Centro de Atendimento Clínico (CAC) para a pediatria? E por que motivo escolheram de novo o Hospital da Prelada?

Na urgência [pediátrica] metropolitana do Porto temos, em média, 250 a 300 crianças por dia e, destas, metade são crianças sem doença ou doença de baixo risco que devem ser vistas noutro sítio. E escolhemos a Prelada porque queremos um sítio com condições, instalações e equipamento já disponíveis, até porque funciona ali o CAC de adultos.

Disse que deixará de haver urgências de ginecologia-obstetrícia abertas rotativamente. Mas, se o número de médicos não aumentar entretanto, não será preciso concentrar, fechar urgências?

Ninguém quer fechar o que quer

que seja. Com estas medidas, ao retirar os 40% de idas não apropriadas às urgências, vou passar a ter uma maior almofada de recursos humanos. Este projecto-piloto durará três meses, teremos indicadores quer da satisfação dos utentes e dos profissionais, quer de qualidade e humanização. Depois, vamos ver onde se mantêm dificuldades.

Mas ainda há poucos meses admitiu a hipótese de concentração e a ministra da Saúde também o fez há poucos dias, em entrevista à RTP.

Vamos ter para a semana reuniões com comunidades intermunicipais. Temos que envolver os municípios. A Península de Setúbal, com três hospitais [Almada, Barreiro e Setúbal], teve períodos em que todas as urgências de obstetrícia estiveram fechadas. Também há problemas no triângulo Leiria-Caldas da Rainha e Santarém. Não se trata de fechar literalmente. O que há é um sítio vocacionado para o nascimento. Podemos centralizar no hospital de Almada, mas os outros dois podem fazer cesarianas e induções programadas e mantêm a actividade de consulta e internamento. Se, com o teste piloto, se perceber que isto não é suficiente, teremos que reorganizar partilhando responsabilidades. Não é concentrar.

Isso era o que propunha a anterior comissão, mas os médicos não podem ser obrigados a ir a outro hospital fazer urgência.

No Norte percebemos, quando foi da pediatria, que era a única solução. E as pessoas não querem mais estar neste registo do “fecha, abre, abre, fecha”. Portanto, essa percepção positiva já existe, o que me tranquiliza, porque não há outra hipótese – temos 760 obstetras no SNS e 44% têm mais de 55 anos. Pensámos noutra medida para os sítios com maiores dificuldades, é o trabalho que vamos fazer a seguir. Cada serviço, de acordo com a sua dimensão e missão, tem que ter um número mínimo de recursos humanos. Não posso permitir que, enquanto o número mínimo nos locais mais carenciados não for reposto, sejam abertas vagas em sítios que têm profissionais a mais. Por exemplo, Coimbra tem 76 obstetras e 40 internos, portanto só deveria poder abrir vagas para substituir alguém que se reformou. Se não, está a fagocitar o que está ao lado.

No Natal e no Ano Novo já não haverá blocos de parto a fechar rotativamente?
Não me peça isso, não temos tempo... Mas, no próximo Verão, acho que haverá reflexos muito positivos.

Sociedade

Estado proibido de cobrar custas a quem ganha abaixo do mínimo

Ana Henriques

Tribunal Constitucional diz ser intolerável um sistema que apenas proporciona justiça “a quem a pode pagar e aos indigentes”

O Tribunal Constitucional proibiu o Estado de cobrar custas judiciais a um casal cujas pensões ficam abaixo do salário mínimo. O Instituto da Segurança Social fica obrigado a dispensar o casal do pagamento de taxas de justiça num processo judicial em que se encontra envolvido e ainda a pagar-lhe advogado.

Para os juízes do Palácio Rattón, as normas da lei do apoio judiciário que permitem ao Estado cobrar taxas de justiça mesmo a quem tem condições precárias de subsistência violam claramente a Constituição, que diz, no seu artigo 20.º, que “a todos é assegurado o acesso ao direito e aos tribunais para defesa dos seus direitos e interesses legalmente protegidos, não podendo a justiça ser denegada por insuficiência de meios económicos”.

Mas é precisamente essa denegação de justiça que está a ser praticada, concluem os conselheiros do Constitucional, de cada vez que o Instituto da Segurança Social exige a pessoas que recebem o salário mínimo, ou ainda menos do que isso, que custeiem os processos judiciais em que se viram envolvidas.

O caso mais recente sobre o qual se debruçaram os juízes do Palácio Rattón diz respeito a um casal cuja mulher recebe uma pensão de 454 euros mensais, enquanto o marido aufer 727 euros. Viram recusado pelo Instituto da Segurança Social o seu pedido para serem dispensados do pagamento da taxa de justiça e beneficiarem de advogado oficioso. O máximo a que podiam aspirar, decidiu este organismo, era a um pagamento faseado das despesas em que iam incorrer em tribunal. Que lhes custaria, nessa modalidade de pagamento em prestações, um encargo mensal de 80 euros, a subtrair às suas já magras pensões.

Quando o casal recorreu desta decisão administrativa e viu um tribunal de primeira instância dar-lhe razão, o Ministério Público apelou para o Tribunal Constitucional, como é obrigatório por lei fazer quando um juiz se recusa a aplicar uma lei que considera inconstitucional. No passado dia 16 de Outubro, cinco dos 13 juízes do Rattón subcreveram aquele que é também o



É a segunda vez que o Tribunal Constitucional põe em causa o regime que rege o apoio judiciário

entendimento do Ministério Público sobre a questão: consentir com um regime que funciona nestes termos “é aceitar um sistema que proporciona a justiça a quem a pode pagar e, num outro extremo, aos indigentes ou quase indigentes, negando-a a um considerável grupo de cidadãos posicionados entre os dois extremos”.

Justiça para ricos e pobres

São velhas de anos as críticas à complexa fórmula através da qual o Instituto da Segurança Social decide quem tem ou não direito ao apoio judiciário, e que assentam no chavão de que há uma justiça para ricos e outra para pobres.

Sendo a segunda no mesmo sentido – houve uma primeira em 2022 –, a decisão agora tomada pelo Tribunal Constitucional pode constituir um passo importante para mudar alguma coisa, uma vez que, depois de uma terceira deliberação sobre outro caso concreto que lhes seja submetido à apreciação, os conselheiros já podem levar a cabo uma reflexão final e abstracta sobre o assunto.

E, ao contrário de outros temas que têm suscitado controvérsia entre estes juízes, parece consensual entre a maioria que as disposições legais que negam o acesso à justiça de muitos dos que não podem pagar os respectivos encargos devem ser abolidas. Já uma anterior versão da lei que enfermava do mesmo problema foi, de resto, decretada inconstitucional em 2007.

A ideia não é atribuir apoio judiciário a todos os que o peçam, mas permitir uma existência condigna a quem quer fazer valer os seus direitos na justiça, refere o mais recente acórdão sobre a questão. Se a lei lhe fosse aplicada, o casal de pensionistas “veria o seu rendimento descer abaixo do considerado digno para um nível de vida satisfatório e, por essa razão, deixaria de ter condições para a prática de actos processuais correspondentes à defesa dos seus direitos e interesses legítimos”, pode ler-se no acórdão do mês passado. O sistema deixa as pessoas em situação idêntica “intoleravelmente desprotegidas”, ao “vedar-lhes, na prática, o acesso ao direito e aos tribunais”.

“Um tal nível de desprotecção tem forçosamente de ser considerado incompatível com a Constituição”, prosseguem os juízes, repetindo a posição expressa pelo mesmo tribunal há dois anos.

Uma vice-presidente da Ordem

“Um tal nível de desprotecção tem forçosamente de ser considerado incompatível com a Constituição”, escrevem juízes do Palácio Rattón

dos Advogados, Lara Figueiredo, assinala um dos erros em que assenta a fórmula de cálculo para atribuição do apoio judiciário: para efeitos de contabilização do rendimento dos requerentes, leva em linha de conta o seu património imobiliário. “Ora ninguém vai vender a casa onde mora para custear uma acção em tribunal”, observa, explicando que a Ordem já propôs ao Ministério da Justiça um sistema escalonado, em que cada um pagasse uma parte dos encargos consoante os seus rendimentos.

“É chocante que a fórmula de cálculo usada se destine a impedir que mais pessoas tenham acesso à justiça”, diz Lara Figueiredo.

A descida do valor das taxas de justiça tem sido alvo de promessas dos sucessivos governos. “O montante elevado das custas judiciais representa um obstáculo ao acesso dos cidadãos à Justiça. As custas de um processo devem ser claras, transparentes, determináveis e previsíveis. Devem ser ajustadas ao serviço efectivamente prestado”, diz o actual programa do Governo. Em Março de 2023, quando ainda tinha maioria parlamentar, o PS votou contra todos os projectos de lei que pretendiam reduzir o valor das custas.

O Ministério da Justiça reage à decisão do Constitucional dizendo que “há que a respeitar”, recordando, porém, que só é aplicável ao caso concreto do casal de pensionistas, não tendo força obrigatória geral.

Saúde manda investigar mortes por atrasos no 112

Averiguações surgem após denúncia do Sindicato dos Técnicos de Emergência Pré-Hospitalar

O Governo pediu uma auditoria interna ao Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) para avaliar as condições em que ocorreram duas mortes nos últimos três dias por alegado atraso no atendimento na linha 112, anunciou ontem o Ministério da Saúde.

Em comunicado, a tutela adianta que tem estado a acompanhar toda a situação que envolve o atraso das respostas do INEM no atendimento de duas chamadas de emergência e lamenta “as mortes ocorridas, cujas circunstâncias estão a ser averiguadas”. A auditoria, que deve estar concluída no prazo de um mês, irá também avaliar “os atrasos que estão a ser sentidos no atendimento de outras chamadas de emergência, numa altura em que os técnicos de emergência pré-hospitalar se encontram a realizar uma greve de zelo”.

O Sindicato dos Técnicos de Emergência Pré-Hospitalar revelou, no sábado, que duas pessoas morreram nos últimos três dias por atrasos no atendimento na linha 112, considerando que as condições continuam a agravar-se “por escassez” de profissionais.

O presidente do sindicato, Rui Lázaro, contou que anteontem, na freguesia de Molelos, Tondela, um familiar de uma mulher de 94 anos em paragem cardíaca conseguiu ligar para a linha de emergência às 9h34, mas a chamada só foi transferida para o Centro de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) às 10h19, ou seja, cerca de 45 minutos depois. A nonagenária ainda foi transportada para o centro hospitalar de Lamego, onde foi declarado o óbito.

Na passada quinta-feira, em Bragança, a mulher de um homem em paragem cardíaca esteve mais de uma hora a tentar ligar para o 112 e, quando foi atendida, explicou que o marido estava naquela situação há mais de uma hora e que, durante todo aquele tempo, ninguém atendeu, prosseguiu o mesmo dirigente sindical. Se a chamada tivesse sido atendida e activada uma viatura médica do hospital de Bragança que se encontrava àquela hora a cerca de dois minutos, “o desfecho da situação poderia ter sido outro”. Neste caso, o óbito foi declarado no local.

Polícia de elite acusado de homicídio depois de cilada sexual

Ana Henriques

Agente da Unidade Especial de Polícia podia ter imobilizado assaltante com um tiro na perna, mas acertou-lhe no coração

Aquilo que um agente da PSP antecipa como uma noite de diversão sexual inconsequente acabou, afinal, com o polícia a alvejar mortalmente um civil dentro do apartamento onde morava.

Naquela segunda-feira de madrugada de Abril passado, havia um casal apostado em arranjar dinheiro para comprar droga. Parecia simples o plano que gizaram: irem até a um estacionamento nas imediações do Estádio Nacional do Jamor, onde sabiam haver procura por encontros sexuais a três, e assaltarem quem lhes aparecesse à frente.

Pegaram num BMW de alta gama e por ali ficaram à espera, ela ao colo dele, no banco traseiro do carro. De folga e à civil, não podiam adivinhar que lhes tinha saído na rifa um polícia, ainda por cima de elite, membro do corpo de segurança pessoal da Unidade Especial de Polícia, cuja missão é proteger as altas figuras do Estado.

O guarda-costas parou o carro ao lado do casal e entabulou conversa. Foi convidado a rumar a uma autocaravana que a mulher tinha estacionada junto à praia de Algés, mas não chegaram a entrar: dentro do BMW, apontaram-lhe uma pistola à barriga. Era um assalto, avisaram-no. Não terá percebido que se tratava de uma *airsoft*, uma reprodução de uma arma de fogo usada num desporto que simula operações policiais, e cujas munições são de plástico. A ideia do casal era levarem-no até ao multibanco mais próximo e resolverem logo ali o assunto, mas os planos saíram-



O caso remonta a Abril passado

lhes furados. Revistaram-lhe o carro sem encontrar nada que valesse a pena.

O polícia, que tinha deixado em casa a carteira, o dinheiro e o telemóvel, convenceu-os de que lhes daria o que queriam se fossem a sua casa no Charquinho, um bairro social de Ben-

fica, em Lisboa. Ela ficou de atalaia, no carro, enquanto o parceiro subia ao primeiro andar, a mão a segurar a arma guardada no cós das calças. A almejada carteira lá estava, com vários cartões bancários e ainda 45 euros dentro, bem como um telemóvel que também lhe havia de render algum.

Mas o agente tinha conseguido chegar entretanto à arma de serviço, uma Glock de 9mm que o fez virar o jogo. “Introduziu uma munição na câmara e gritou: ‘Polícia’, ordenando ao outro que largasse a arma e se colocasse de joelhos”, descreve o despacho do Ministério Público que acusa o polícia de homicídio.

O ladrão, porém, não se deu por vencido: vociferou umas palavras imperceptíveis e levou uma das mãos ao cós das calças. “Assustado, e antes que alcançasse a arma, o agente fez um disparo na sua direcção”, prossegue a mesma descrição dos acontecimentos. Mortífera, a bala percorreu

cerca de um metro antes de atingir o coração da vítima.

Diz o Ministério Público que o agente da autoridade, que tem 49 anos, podia ter disparado para uma zona do corpo não letal do assaltante, como as pernas, dadas as suas especiais aptidões de tiro, que treinava habitualmente. De mais a mais, encontrava-se numa posição de vantagem, uma vez que tinha a arma apontada a alguém que ainda conservava a pistola no cós das calças.

A acusação deduzida invoca o crime de homicídio simples, punível com entre oito e 16 anos de cadeia, mas também a disposição do código penal que estipula que quem recorrer de forma excessiva à legítima defesa pode ver a sua pena especialmente atenuada.

Acusada, mas por roubo e por utilização da arma *airsoft*, foi também a assaltante. Está detida em casa com pulseira electrónica.

Para empresas que querem ir longe!

- 📍 Acesso a uma rede alargada de postos;
- 📍 Faturação ao preço afixado no posto;
- 📍 Controlo online gratuito;
- 📍 Uma única fatura quinzenal;
- 📍 Controlo dos consumos por matrícula.

EXCLUSIVO EMPRESAS

Intermarché

FROTA COMBUSTÍVEIS



Intermarché

OneCard Edenred



ADIRA GRÁTIS

Mundo Contestação em Espanha

Sánchez e reis atingidos por lama e apupados em vila afectada pelas cheias

Cinco dias após chuvas torrenciais e inundações, 214 pessoas morreram e muitas continuam desaparecidas. Novos alertas de chuva forte emitidos para a região de Valência

Leonor Alinho
e João Pedro Pincha

Os reis de Espanha, Felipe VI e Letizia, acompanhados por Pedro Sánchez, presidente do Governo espanhol, e de Carlos Mazón, presidente da Comunidade Valenciana, visitaram ontem a localidade de Paiporta, uma das mais afectadas pelas cheias. Mas a população recebeu-os com insultos, arremessou lama e outros objectos, o que levou à retirada de Pedro Sánchez do local, enquanto os reis tentavam acalmar os ânimos e conversar com os habitantes.

As autoridades espanholas tiveram dificuldades em conter a população indignada, que gritou “Assassinos!” e “Fora!” à comitiva, que chegou à localidade ao início da tarde e teve de abandonar pouco depois. Os habitantes de Paiporta queixam-se de atrasos e de falta de coordenação na resposta à crise. Os principais alvos dos apupos foram Pedro Sánchez e Carlos Mazón, segundo o jornal valenciano *Las Provincias*, referindo que se ouviram gritos de “Mazón, demissão” e “Onde está Pedro Sánchez?”.

Felipe VI e Letizia mantiveram-se ainda vários minutos junto da população, conversando com algumas pessoas e tentando acalmar os ânimos. O rei, por exemplo, esteve algum tempo a tentar falar com três jovens visivelmente revoltados, que se queixavam de terem sido “abandonados” e de estarem a contar apenas com a ajuda de voluntários. Já a rainha, que num primeiro momento foi retirada para uma zona mais afastada da tensão, acabou por também ouvir lamentos de alguns habitantes.

Estava previsto que os monarcas, Sánchez e Mazón seguissem para Chiva, outra localidade muito afectada pela tempestade, mas a visita acabou por ser cancelada. Mais tarde, ao presidir a uma reunião do Centro de Coordenação Operativa Integrado (Cecopi), o rei disse que “há que entender a irritação e a frustração de muitas pessoas que passaram mal” e que é fundamental que a população “perceba que os mecanismos do Estado, nos seus diferentes níveis, estão a funcionar”.

Já Sánchez afirmou que as cenas de Paiporta se deveram a “alguns violentos absolutamente marginais” e garantiu que “a amplíssima maioria dos cidadãos o que quer é uma solução”.



Populares criticaram a resposta demorada por parte do Governo central. Sánchez teve mesmo de ser retirado do local

Visita a outra das zonas afectadas pelo mau tempo foi mesmo cancelada

Catalunha, Comunidade Valenciana, Múrcia e ilhas Baleares podem ainda ser assoladas por aguaceiros e tempestades fortes ou muito fortes nas próximas horas, avança a agência Lusa. Almería está sob aviso vermelho. O aviso foi dado pela Agência Estatal de Meteorologia espanhola (Aemet), que pede cautela nestas zonas onde podem cair entre 100 e 150 litros de chuva por metro quadrado. O último balanço avançado pela Lusa e pelo *El País* confirma que já morreram 214 pessoas.

Perigo “extremo”

A costa sul de Tarragona, interior norte e costa norte de Castellón e costa norte e sul de Valência foram algumas das zonas mais afectadas pela chuva que caiu ontem, e continuam sob aviso amarelo. Almería, por sua vez, viu o alerta aumentado para aviso vermelho. A Aemet recorreu ao X, antigo Twitter, para avisar que nesta zona “o perigo é extremo”. Perante esta previsão, o Centro de Coordenação Operativa Integrado (Cecopi) limitará o trânsito a pessoas não residentes em 11 concelhos da Comunidade Valenciana, para que se facilitem os trabalhos de emergência. No sábado, as autoridades de Valência já tinham implementado restrições à circulação, no sentido de limitar estas zonas

aos serviços essenciais e empresas que garantem fornecimento de serviços básicos.

Os actos de solidariedade espontâneos e consequente movimentação de grandes grupos de pessoas causaram, na sexta-feira, vários constrangimentos à circulação. Apesar de a Comunidade Valenciana ter criado um centro de coordenação dos voluntários para diminuir estes efeitos, no sábado, segundo a Direcção-Geral do Tráfego espanhola, continuaram a ocorrer vários problemas de circulação nas estradas de Valência e Castellón.

Há excepções para a limitação à circulação. Atendimento em centros, serviços e estabelecimentos de saúde, viagens para cumprimento de obrigações laborais, institucionais ou legais, regresso ao local de residência habitual ou familiar, assistência e cuidados a idosos, menores, dependentes, pessoas com deficiência ou especialmente vulneráveis, acções urgentes perante organismos públicos, judiciais ou notariais e viagens por motivo de força maior ou situação de necessidade podem acontecer, avança a Lusa.

Desafio às autoridades

A afluência de voluntários aos autocarros do governo valenciano, desti-

nados a distribuir e mobilizar a população para onde a ajuda é necessária, diminuiu substancialmente, avança o *El País*. Foram mobilizados cerca de 1300 voluntários que apareceram na Cidade das Artes e Ciências de Valência, mas nem por isso a onda solidária enfraqueceu.

Várias pessoas que se disponibilizaram a ajudar queixaram-se de ter passado o dia de sábado sem fazer nada, por falta de meios ou desorganização do centro formal de voluntariado. Por isto, milhares de pessoas desafiam as autoridades e atravessam as pontes que separam Valência dos municípios vizinhos para, pelos seus meios, irem ajudar.

A Polícia Nacional colocou agentes nas rotas de entrada para estas zonas afectadas, mas amontoam-se as publicações nas redes sociais que sugerem caminhos alternativos e livres de autoridades.

“O que temos de fazer: ouvi-los e ver a tragédia passar sem fazer nada? Bem, não”, disse um dos voluntários indignados à agência noticiosa EFE. A indignação dos ouvidos prendia-se com uma desconfiança que pairava sobre as restrições de circulação: servirão de facto para facilitar a movimentação dos meios de socorro ou devia-se à visita do rei de Espanha a algumas das zonas afectadas?

Resgate três dias depois

Uma mulher, que passou três dias presa dentro de um automóvel, foi resgatada com vida. O veículo estaria imobilizado perto da entrada de uma passagem subterrânea de Benetússer, avança a Lusa. A notícia foi avançada no sábado à noite pela Protecção Civil da Comunidade Valenciana. O jornal *Las Provincias* acrescentou que a mulher foi transferida de imediato para o hospital.

Nos comunicados governamentais feitos no sábado, não foi especificado o número de desaparecidos, apesar de Pedro Sánchez ter usado a expressão “dezenas”. Vários jornais espanhóis estimam que estarão centenas de pessoas em parte incerta. Do total de 188 cadáveres recuperados apenas na província de Valência, já foi efectuada uma autópsia a 183. Contudo, apenas 67 foram identificados pela Polícia Nacional ou pela Guarda Civil, confirmou o Supremo Tribunal de Justiça da Comunidade Valenciana.

Autoridades da Moldova falam de “enorme interferência” russa nas eleições

Maria João Guimarães

Antes de estarem contados todos os votos, Maia Sandu, Presidente da Moldova, segue com ligeira vantagem

As autoridades da Moldova disseram que houve uma “enorme interferência” russa na segunda volta das eleições presidenciais, cujos resultados parciais conhecidos à hora do fecho desta edição apontavam para uma vitória, por pouco, da Presidente, Maia Sandu, contra Alexandr Stoianoglo, apoiado por um partido tradicionalmente pró-russo: com mais de 95% dos votos contados, Sandu contava com mais de 52% dos votos, segundo o *site* da comissão eleitoral.

O conselheiro de segurança nacional da Presidente, Stanislav Secieru, foi documentando na rede social X

(antigo Twitter) casos do que descreve como “uma enorme interferência russa” na votação com “grande potencial de alterar o resultado”.

Mostrou várias imagens do que parecia ser transporte de eleitores organizado, que é ilegal na Moldova, mostrou uma imagem de um *voucher* para uma refeição num restaurante, dado a quem votasse em Moscovo, e falou de rumores, falsos, de alertas de ameaças de bomba em locais de voto em Liverpool, Northampton, Frankfurt e Kaiserslautern, que estão a ser investigados pelas autoridades britânicas e alemãs.

As votações na diáspora poderão favorecer a actual Presidente, que diz que o seu adversário é um “cavalo de Tróia” político para a Rússia na Moldova. Stoianoglo recusa a ideia e acusa Sandu de políticas divisivas no país que tem uma minoria russófona.

Stoianoglo afirmou que, caso seja eleito Presidente, irá querer renego-

ciar a importação de gás russo, mais barato, e que as ligações com a Rússia são importantes para o interesse nacional moldavo. Disse ainda que se reuniria com o Presidente russo, Vladimir Putin, se essa fosse a vontade da população da Moldova.



Maia Sandu acusa Alexandr Stoianoglo de ser um “cavalo de Tróia” ao serviço dos interesses de Moscovo

Além de determinar a presidência, a eleição irá marcar o tom para as legislativas do próximo ano, com a possibilidade de o partido de Sandu perder a maioria.

“Hoje é uma eleição crucial para nós. Vamos para um lado ou para o outro. Não temos uma eleição assim tão importante há 30 anos”, disse

Mihai David, 58 anos, à Reuters.

Sandu declarou, depois de votar, à população da Moldova que “ladrões” querem comprar o seu voto e o seu país, apelando a que preservem a independência da Moldova, cita a BBC.

A polícia esteve mais activa a tentar evitar uma repetição do que foi descrito como um grande esquema de compra de votos por um milionário que enfrenta um processo na Moldova e que vive actualmente na Rússia, Ilan Shor, segundo a Reuters.

Shor prometeu, abertamente, através de mensagens nas redes sociais, que pagaria a quem votasse de acordo com as suas instruções. Nega que tenha feito algo de errado, dizendo que o dinheiro é seu.

A Rússia rejeitou alegações anteriores, como tinham feito noutras ocasiões em que acusaram as autoridades moldavas de “russofobia”.

“Recusamos de modo firme quaisquer acusações de que estamos a interferir de algum modo. Não estamos”, disse o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, citado pela BBC.

A conselheira Olga Rosca disse ao *site* Politico que as autoridades se tinham mobilizado “com uma abordagem dupla, [para] dismantlar a rede e desencorajar potenciais participantes”.

Na primeira volta, há duas semanas, uma pessoa da produção da BBC ouviu uma pessoa perguntar, ao depositar o voto, a uma das pessoas da mesa onde poderia recolher o dinheiro de pagamento.

A eleitora admitiu que lhe tinham oferecido dinheiro para votar de um certo modo, e estava sobretudo zangada porque o homem que lhe tinha prometido o dinheiro já não estava a atender os seus telefonemas, relatou na altura a emissora britânica. “Enganou-me!”, queixou-se. **com Reuters**

PUBLICIDADE

Misty Fest

09 NOVEMBRO
CASA DA MÚSICA
PORTO

CHRISTIAN
LÖFFLER

RÁDIO 98.9
NOVA
35
ANOS

CONTINENTE

Guerra na Ucrânia

Como os *drones* russos estão a caçar civis nas ruas de Kherson

Reportagem

Alex Horton e Serhii Korolchuk

Cidade no Sul da Ucrânia tem sido um alvo das forças russas. Entre Julho e Outubro, já morreram mais de 130 pessoas

As forças russas intensificaram os ataques indiscriminados com *drones* contra civis na cidade de Kherson, no Sul da Ucrânia, matando e mutilando dezenas de pessoas, naquilo que os habitantes locais descrevem como um “safári humano”.

Ao contrário do que acontece noutros pontos da linha da frente, as forças russas em Kherson estão mesmo do outro lado do rio da cidade e utilizam pequenos *drones* para atacar a população, quer colidindo com alvos que considera estratégicos e fazendo-os explodir, quer lançando granadas e pequenas minas camufladas. A situação é bastante singular em comparação com o resto da Ucrânia, onde as tropas russas têm de utilizar armas de longo alcance para atingir os civis.

As equipas que prestam serviços humanitários e os transportes urbanos, como os carros de bombeiros e os autocarros, parecem estar particularmente ameaçados, segundo as autoridades, embora as crianças que andam de bicicleta e os idosos que se reúnem nos mercados também tenham sido atingidos.

Castigar a cidade

Kherson foi a primeira grande cidade ucraniana capturada pela Rússia após a invasão em grande escala de 2022, suportando nove meses de ocupação antes de ser libertada. Mas mesmo depois de as tropas ucranianas terem retomado a cidade, os russos reposicionaram as suas forças a uma curta distância através do rio Dnieper, mantendo a pressão com fogo regular que os habitantes locais descreveram como uma espécie de castigo.

Mas os últimos meses foram os piores que Kherson conheceu, mesmo durante a ocupação, segundo os residentes. Entre Julho

e Outubro, os *drones* e as minas mataram 133 pessoas, segundo a administração militar de Kherson, e feriram 1350. O Ministério da Defesa russo não respondeu a perguntas sobre a política de utilização de *drones* pelas suas forças em Kherson. Várias pessoas relataram stress e ansiedade insuportáveis devido a ataques que podem ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar.

Oleksandr Prokudin, o governador regional, disse que as forças russas lançaram quase 7000 ataques de *drones* na região de Kherson desde Agosto. O governo está a fornecer equipamento de guerra electrónica às unidades militares para ajudar a contornar o problema, disse. “Trata-se de terrorismo dirigido”, disse Prokudin. “Eles vêm e sabem quem estão a atacar e, ao mesmo tempo, vangloriam-se nas redes sociais com vídeos de como matam e ferem civis.”

Kherson tem estado sob uma pressão particularmente difícil porque as tropas ucranianas não conseguem acompanhar os ataques dos *drones* russos, disse Solomiya Khoma, directora de cooperação internacional do Centro de Segurança e Cooperação Ucraniano, um grupo de reflexão com sede em Kiev. “Consideramos que se trata de mais um método de pressão e terror sobre a população civil, com o objectivo de pressionar ainda mais as autoridades ucranianas para as levar a negociar [para um acordo de paz com os termos de Moscovo]”, afirmou.

Viver na zona vermelha

As ambulâncias são um alvo prioritário, seguidas dos autocarros urbanos e dos carros civis, disse Yevhen Piatak, um voluntário do grupo de ajuda Global Empowerment Mission. Os ataques criaram uma necessidade urgente de extintores de incêndio, disse ele, porque os *drones* equipados com termite provocaram incêndios infernais e os pilotos de *drones* tentaram atingir os camiões de bombeiros que reagiam. “Estão a disparar contra tudo o que se move”, disse Piatak.

As páginas no Telegram ligadas às unidades militares russas avisaram os civis de que iriam atacar todos os veículos que se encontrassem na

zona, tendo algumas delas posto a circular mapas da zona visada, com largas faixas vermelhas ao longo do rio. “Este é um dos nossos principais objectivos”, diz uma das publicações, encorajando os habitantes locais a informar onde se encontravam os meios militares ucranianos para se salvarem. Os ataques são mais comuns nessa zona vermelha, mas também têm ocorrido noutras zonas, segundo as autoridades e os observadores.

O único alívio tem vindo das tempestades de chuva que varrem o mar Negro e que obrigam os *drones* russos a aterrar. Trovões e relâmpagos atingiram a zona de Kherson numa tarde de Outubro, permitindo que as pessoas fizessem fila para receber ajuda humanitária com alguma confiança de que não seriam atingidas.

Mas nos dias claros e soalheiros, o desespero paira no ar e os habitantes locais discutem decisões difíceis sobre se devem ficar ou partir. Os residentes também descrevem como os *drones* estão a bombardear toda a área de Kherson com pequenas minas antipessoais. As munições, na sua maioria de plástico, PFM-IS, são vulgarmente designadas por “minas de pétalas” devido à forma distinta e inócua.

Explodem quando são pisadas e são tipicamente verdes ou castanhas para se camuflarem no solo. Segundo os habitantes locais, as “minas de pétalas” estão por todo o lado e nas páginas das redes sociais da comunidade são deixados alertas para os locais onde foram detectadas.

A Rússia não é signatária do Tratado de Proibição de Minas de 1997, que proíbe este tipo de armas, e utilizou-as amplamente durante a guerra. Há também provas de que a Ucrânia as utilizou no campo de batalha, apesar de ser signatária.

A sobrecarga de *drones* a sobrevoar o terreno e de minas debaixo dos pés tem-se revelado devastadora para os civis. Recentemente, um comboio destinado a retirar civis de Kherson chegou à estação de Mykolaiv, nas proximidades, com várias famílias e algumas pessoas que viajavam sozinhas, com os olhos escurecidos e ensanguentados pelos constantes ataques nocturnos.

Olena Boiko sentou-se ao lado do filho Henrikh, de oito anos, e



ALICE MARTINS/FOR THE WASHINGTON POST





ALICE MARTINS/FOR THE WASHINGTON POST

descreveu como foi o seu ponto de rotura no início de Outubro. Um *drone* pairava sobre quatro crianças que brincavam num quintal, incluindo Henrikh. Boiko disse-lhes para correrem para um lugar seguro e chamou a atenção para o *drone*. O *drone* acabou por voar para longe. Henrikh confidenciou que estava assustado, disse a mãe. Acabaram por partir para se juntarem à irmã na Noruega, via Polónia. O seu marido, deficiente, ficou para trás.

“Percebi que a criança tinha de ser salva”, disse Boiko, enquanto Henrikh olhava fixamente para o telemóvel.

No meio de relatos de desespero, muitos contaram a história de uma filha que tentou pôr o pai em segurança: Oleksandra Solonko e os seus esforços para retirar o pai da cidade tornaram-se um exemplo sombrio para a população de Kherson.

A história de Oleksandra

O pai de Oleksandra, Petro, vivia na aldeia de Antonivka, junto a Kherson, e perigosamente perto das linhas russas. Sob ataques constantes, a população de 13.000 habitantes antes da guerra tinha diminuído para apenas 400 a 500 pessoas, na sua maioria idosos que não podiam sair facilmente.

É nos dias de chuva e trovoadas que os habitantes de Kherson se sentem mais seguros. Os drones têm de ficar em terra e as pessoas podem respirar alguma normalidade.

Olena Boiko e Henrikh, na foto vertical à esquerda, fugiram de Kherson depois de ameaçados por um drone



Eles vêm e sabem quem estão a atacar e, ao mesmo tempo, vangloriam-se nas redes sociais com vídeos de como matam e ferem civis

Oleksandr Prokudin
Governador do Oblast de Kherson

Solonko decidiu que o pai tinha de partir.

Dois dias antes de regressar a Kherson para colocar o pai no comboio usado para retirar civis da cidade, o telefone tocou. Ele tinha morrido numa explosão enquanto ia buscar água. Petro não era um homem fácil e a relação entre eles era tensa há muito tempo. Ela descreveu-o como um homem que bebia muito, que tinha deixado a família para trás e começado outra, e que depois a tinha deixado também. Mas, nos últimos anos, tinham-se tornado mais próximos. “Ele era o meu pai”, disse ela, “independentemente de quem fosse.”

Solonko dividia o tempo entre trabalhar na Polónia e na Ucrânia e cuidar dos três *pitbulls* com o pai. Ajudava a abastecer a casa do pai com alimentos da horta. Solonko ficou comovida, diz ela, ao descobrir que o pai alimentava discretamente uma dúzia de cães abandonados pelos donos.

De volta à Polónia, ouviu falar da gravidade da situação em Kherson. Um amigo avisou-a para não voltar, dizendo que se tinha tornado demasiado perigoso. Uma mulher que ela conhecia tinha apanhado um pano na rua, ligado a uma “mina de pétalas”, que lhe rebentou com o braço e lhe queimou a cara. Solonko temia pelo pai e foi obrigada a agir.

Eu disse-lhe: “Pai, por favor, quando andares, olha para os teus pés, não pagues em nada. Se vires um saco de ouro, passa por cima dele”, recorda. O plano era metê-lo no comboio e instalá-lo na pacífica região dos Cárpatos, em Ivano-Frankivsk.

Depois, os seus piores receios concretizaram-se. Durante dias, ninguém conseguiu recuperar os restos mortais porque era demasiado perigoso, e o corpo inchado ficou ali, disse ela, apesar dos telefonemas frenéticos para a polícia e para outros funcionários a pedir ajuda. Quando o corpo foi finalmente recolhido, não houve qualquer cerimónia adequada, disse ela, pois os funerais tinham-se tornado mais um alvo da campanha aérea russa. Os funcionários da morgue disseram que era demasiado arriscado para ela ver o corpo. A única coisa que lhe deram foi um pedaço de cabelo.

A irmã de Solonko telefona-lhe todos os dias da Noruega e pede ao filho que a convença a partir.

Está a trabalhar para recolher as fotografias que restam da mãe e do pai. Ainda não decidiu sair, disse, apesar de a cidade natal estar a desfazer-se pedaço a pedaço. “O meu coração está em Kherson.”

**Exclusivo PÚBLICO/
The Washington Post**



AVISO

PROCEDIMENTO DE SELEÇÃO PARA CONSTITUIÇÃO DE BOLSA DE RECRUTAMENTO DE ADMINISTRADORES HOSPITALARES DE 3.ª CLASSE

Faz-se público que se encontra aberto, pelo prazo de 10 (dez) dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicação deste aviso, procedimento de seleção para constituição de uma bolsa de recrutamento para contratação de Administradores Hospitalares, para celebração de contrato individual de trabalho, tendo em vista o preenchimento das necessidades que vierem a ocorrer na Unidade Local de Saúde da Arrábida, EPE. O procedimento é válido pelo período de 18 (dezoito) meses, a contar da data da publicação da lista de ordenação final dos candidatos.

1. Política de igualdade: Em cumprimento da alínea h) do art.º 9.º da Constituição, a Administração Pública, enquanto entidade empregadora, promove ativamente uma política de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao emprego e na progressão profissional, providenciando escrupulosamente no sentido de evitar toda e qualquer forma de discriminação.

2. Âmbito: Podem candidatar-se os profissionais com habilitações, formação e experiência profissional adequadas ao exercício das funções a desempenhar, mediante a entrega dos documentos referidos no n.º 6 do presente aviso.

3. Conteúdo funcional: O conteúdo funcional, regime de trabalho e remuneração aplicável são os estabelecidos na legislação em vigor, nas regras e princípios aplicáveis às entidades públicas empresariais do Serviço Nacional de Saúde.

4. As funções serão desempenhadas na Unidade Local de Saúde da Arrábida, E.P.E. (ULSA)

5. Requisitos obrigatórios de admissão:

- Ter nacionalidade portuguesa, salvo nos casos excecionados pela Constituição, lei especial ou convenção internacional;
- Não estar inibido ou interdito para o exercício das funções a que se candidata;
- Possuir robustez física e perfil psíquico indispensáveis ao exercício de funções;
- Ter cumprido as leis da vacinação obrigatória;
- Possuir habilitações académicas adequadas à função.

5.1 Requisito específico de admissão:

Conclusão com aproveitamento do Curso de Administração Hospitalar, ministrado pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Universidade Nova de Lisboa.

6. Formalização das candidaturas: As candidaturas devem ser formalizadas mediante requerimento dirigido ao Senhor Presidente do Conselho de Administração da Unidade Local da Arrábida, EPE e remetidas para o email recrutamento.ulsaa@ulsaa.min-saude.pt. O requerimento para candidatura encontra-se disponível no site da Instituição (www.chs.min-saude.pt)

6.1 O requerimento deve ser acompanhado dos seguintes documentos:

- 6.1.1** Cópia do Certificado de Habilitações;
 - 6.1.2** Cópia do Certificado de conclusão do Curso de Administração Hospitalar;
 - 6.1.3** Um exemplar do *Curriculum Vitae*, devidamente datado e assinado, com um limite máximo de 10 páginas.
- 6.2** A não apresentação, dentro do prazo de candidatura, dos documentos referidos nos números 6.1.1 e 6.1.2 e 6.1.3 implica a não admissão ao processo de recrutamento. Os candidatos devem juntar os documentos comprovativos das situações que invoquem. Caso o júri entenda ser necessária a apresentação de outros documentos, notificará o candidato para os apresentar no prazo de 3 dias úteis. A não apresentação de um documento solicitado pelo júri implica a não classificação do item respetivo. Caso a informação comprovada seja dissonante com a informação que consta no processo de candidatura inicial, será o candidato excluído do procedimento.

7. Critérios de avaliação:

- 7.1** - A Classificação Final (CF) dos candidatos é obtida através da seguinte fórmula: $CF = (AC \times 50\%) + (E \times 50\%)$ Em que: AC = Avaliação Curricular; E = Entrevista.
- 7.2** - Só serão admitidos a entrevista os candidatos com avaliação positiva (avaliação = ou > a 9,5) na avaliação curricular.
- 7.3** - Para a entrevista os candidatos serão notificados, via correio eletrónico, da data e local da mesma.
- 7.4** - Os critérios de apreciação e de ponderação da avaliação curricular e da entrevista, bem como o sistema de classificação final constam de ata n.º 1 do júri do processo de contratação, que será facultada aos candidatos desde que solicitada.
- 7.5** - São excluídos os candidatos, cuja entrevista não se realize, por motivos imputáveis ao candidato.

8 - A publicação das diversas listas de candidatos e outras informações respeitantes ao presente procedimento será realizada na página eletrónica da Unidade Local de Saúde da Arrábida, EPE - <http://www.chs.min-saude.pt/>.

9 - Composição do Júri de seleção:

Presidente:

- Sr. Dr. LOURENCO MANUEL DRAGO MONTEIRO BRAGA - Administrador Hospitalar

Vogais:

- Sra. Dra. FILIPA INÉS CABRAL ALVES BRITO SERRA - Administradora Hospitalar

- Sra. Dra. CELESTE DA CONCEIÇÃO TERÊNCIO DA SILVA - Administradora Hospitalar

Vogais Suplentes:

- Sr. Dr. AURÉLIO JOSÉ AMEIXA SANTOS - Administrador Hospitalar

- Sr. Dr. ANTÓNIO JOSÉ RAMALHO MONTALTO FIALHO - Administrador Hospitalar

Unidade Local da Arrábida E.P.E., 28 de Outubro de 2024

O Presidente do Conselho de Administração,
Dr. Luís Pombo

CONHEÇA A NOSSA SELECÇÃO DE MODA E ACESSÓRIOS

EDIFÍCIO DIOGO CÃO
DOGA DE ALCANTARA NORTE, LISBOA (JUNTO AO MUSEU DO ORIENTE)
HORÁRIO:
2.º - 6.º FEIRA: 9H - 19H
SÁBADO: 11H - 17H

MAIS INFORMAÇÕES: loja.publico.pt | 210 111 010

Economia Orçamento do Estado para 2025

Governo conta com bancos para obter mais contribuições extraordinárias

Executivo manteve todas as contribuições extraordinárias que perduram no tempo, prevendo um encaixe de 412 milhões de euros em 2025. Ao todo, já foram cobrados 3685 milhões desde 2011

Luís Villalobos

O executivo liderado por Luís Montenegro manteve todas as contribuições extraordinárias que perduram no tempo e têm sido cobradas nos últimos anos, e estima que estas cresçam em 2025, chegando aos 412 milhões de euros graças aos contributos dos bancos.

A subida face ao que está previsto para este ano, no valor de dois milhões de euros, cabe exclusivamente, de acordo com os dados da proposta do Orçamento do Estado (OE) para 2025, ao adicional de solidariedade sobre o sector bancário (ASSB), aplicado pela primeira vez em 2020 para ajudar a suportar os custos da pandemia de covid-19 e que tem sido muito contestado pelo sector.

Ao adicional, que sobe 5% nas contas do Governo, somam-se 210 milhões da contribuição sobre o sector bancário (CSB), o mesmo valor que foi inscrito pelo anterior executivo no OE para este ano.

O PÚBLICO questionou o Ministério das Finanças sobre estas contribuições, nomeadamente o porquê de só o ASSB subir, e nesse valor, mas não obteve resposta.

A CSB é a contribuição extraordinária, tal como foi designada em 2011, que perdura há mais tempo. Juntamente com a ASSB, estas duas fontes de receita representam a maior parte (61%) do total de 412 milhões de euros que se pretende encaixar com este tipo de cobranças.

À ASSB e à CSB juntam-se 125 milhões de euros da contribuição extraordinária sobre o sector energético (CESE), 18,9 milhões da contribuição extraordinária sobre os fornecedores do Serviço Nacional de Saúde (SNS) de dispositivos médicos (Cefid) e 17,2 milhões da contribuição extraordinária sobre a indústria farmacêutica (CEIF).

É certo que uma coisa é a estimativa orçamental e outra o seu encaixe efectivo, mas, a concretizar-se, a verba de 412 milhões de euros será a mais elevada de sempre, numa cronologia que começa com a CSB em 2011.

O adicional sobre os bancos é das contribuições que mais resistência têm gerado, com suporte na justiça. No âmbito da entrevista que deu ao PÚBLICO em Outubro, o presidente da Associação Portuguesa de Bancos



Executivo de Luís Montenegro conta com banca, sector energético, indústria farmacêutica e fornecedores de dispositivos médicos para ir buscar receitas extraordinárias

A concretizar-se, a verba de 412 milhões de euros será a mais elevada de sempre, numa cronologia que começa com a CSB em 2011

(APB), Vítor Bento, destacou que “já houve três decisões do Tribunal Constitucional que deram razão aos bancos”. O que, disse, “leva a que, também como foi noticiado, o Ministério Público tenha suscitado a questão da uniformização da jurisprudência; no fundo, para tornar esse entendimento como o entendimento geral de inconstitucionalidade da medida”.

“Estamos a falar do adicional de

Valores com tendência de subida

Montante arrecadado com contribuições extraordinárias, em milhões de euros*



*Inclui contribuições extraordinárias sobre o sector bancário e adicional de solidariedade, sobre o sector energético, sobre a indústria farmacêutica, e sobre os fornecedores do SNS de dispositivos médicos.

**Estimativas orçamentais.

Fonte: Pareceres do Tribunal de Contas sobre a Conta Geral do Estado; Orçamentos do Estado PÚBLICO

solidariedade, que foi criado durante a pandemia, para atender a questões específicas da pandemia, e que se tem mantido desde então, não obstante a pandemia ter desaparecido. É quase uma espécie de covid longa do ponto de vista fiscal, se quiser uma brincadeira”, acrescentou este responsável.

Para o presidente da APB, as contribuições extraordinárias sobre o sector “são injustas porque são dis-

criminatórias, quer relativamente a outros sectores, quer – e esta é uma parte importante – relativamente aos concorrentes que não residem em Portugal, mas que actuam” no território nacional.

Ao todo, entre 2011 e 2023, as contribuições extraordinárias existentes já representaram um encaixe de 3685 milhões de euros para o Estado, de acordo com as análises do Tribunal de Contas à Conta Geral do Estado

consultadas pelo PÚBLICO (e deverão ser ultrapassados os quatro mil milhões já este ano). Os bancos assumem a liderança nos pagamentos, com 2427 milhões de euros (66% do total), seguindo-se as energéticas com 1070 milhões, e as empresas farmacêuticas e fornecedoras do SNS com 188,5 milhões.

A contribuição extraordinária sobre os fornecedores do SNS de dispositivos médicos é a mais recente, tendo sido implementada em 2021, seis anos depois da que abrangeu a indústria farmacêutica e sete depois da aplicada ao sector energético.

Esta última foi a protagonista das oscilações nos pagamentos destas contribuições, que só normalizaram o seu ritmo quando a EDP chegou a acordo com o Estado e retomou o pagamento da CESE em 2020, já com valores em atraso.

O conflito ficou sanado depois de o Estado se comprometer com a transferência da verba para o sistema eléctrico nacional, tal como estava inicialmente previsto, em vez de o incluir no “bolo” do OE. Já a REN tem pago, mas contesta ainda a cobrança, enquanto a Galp contesta e não tem pago.

Se, até agora, o ano com maior valor destas contribuições foi o de 2020, com 409 milhões de euros (valores arredondados), isso deve-se, de acordo com o Tribunal de Contas, “à regularização de 66 milhões de euros [de contribuições] relativas à CESE”, pagas nesse exercício. Assim, na prática, o ano com maior encaixe, sem factores de efeito único, foi o de 2023, ao chegar aos 403 milhões.

A este montante pode-se somar os cinco milhões arrecadados no ano passado com a contribuição de solidariedade, excepcional e de carácter temporário, sobre os lucros excedentários dos sectores da energia e da distribuição alimentar.

Esta contribuição, ligada aos elevados preços da energia e ao surto inflacionário recente, foi mesmo extraordinária no tempo, mas nem por isso sem contestação: vigorou durante apenas dois anos, ligados aos exercícios de 2022 e 2023.

Pelo caminho, ficou a contribuição extraordinária sobre o alojamento local, criada pelo PS mas revogada pelo actual Governo sem que tivesse havido lugar a qualquer pagamento. **com Rafaela Burd Relvas e Ana Brito**

Estrangeiros colocam Açores no topo da subida de turistas no Verão

Luís Villalobos

Portugal contou com 13.286 mil hóspedes entre Junho e Setembro, mais 4% do que em 2023. Destes, 8355 mil foram estrangeiros

O arquipélago dos Açores foi a região turística que mais cresceu em número de hóspedes nos quatro meses ligados à época de Verão. Entre Junho e Setembro deste ano, de acordo com a estimativa rápida da actividade turística do Instituto Nacional de Estatística (INE), os Açores tiveram uma subida de 8% no número de hóspedes face a idêntico período de 2023, chegando aos 492,7 mil.

Numa conjuntura de novos recordes para o sector do turismo (todas as regiões tiveram mais hóspedes), os dados do INE demonstram que esta subida foi suportada pelos turistas estrangeiros, que subiram 12% para 347,7 mil, enquanto nos hóspedes nacionais houve uma descida de 1%.

Além dos Açores, apenas a Madeira teve um decréscimo nos visitantes portugueses, mas neste caso a queda foi bem mais expressiva, de 10%, enquanto nos estrangeiros se registou uma progressão de 5%.

Contas feitas, o crescimento da Madeira foi de 1%, chegando aos 768,7 mil hóspedes nos quatro meses em análise, segundo o INE (que não contabiliza as unidades de alojamento local com menos de dez camas).

Ao todo, o país contou com 13.286 mil hóspedes nos quatro meses de Verão, mais 4% do que em 2023. Destes, 8355 mil eram estrangeiros (mais 5%), e 4931 hóspedes (mais 3%) eram nacionais.

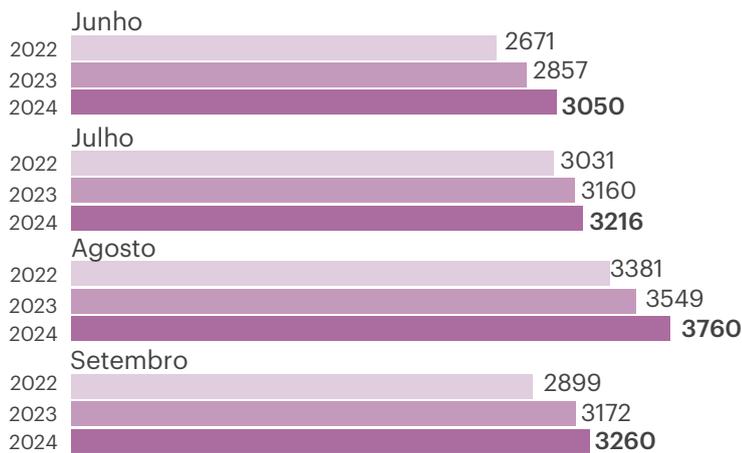
Em termos absolutos, a região de Lisboa liderou a tabela, com 3228,5 mil hóspedes (mais 5%), seguindo-se a região Norte, com 3081,5 mil (mais 6%) e o Algarve com 2614 mil (mais 3%). Esta última região recuperou turistas residentes em Portugal, mas, mesmo assim, os valores deste ano ficaram abaixo dos registados em 2022, quando o número de hóspedes nacionais entre Junho e Setembro no Algarve chegou aos 864 mil (este ano fixou-se nos 791 mil, mais 3% do que no ano passado).

Olhando para as nacionalidades, o destaque deste Verão vai para o forte crescimento dos turistas polacos, que subiram 22% em termos homólogos, com 173 mil hóspedes, seguidos pelos canadianos.

De acordo com o INE, os turistas do Canadá aumentaram 11%, com 297,6

Turistas batem novos recordes

Nº de hóspedes nos estabelecimentos de alojamento turístico
Em milhares



Fonte: INE

PÚBLICO

mil hóspedes contabilizados, enquanto o número de norte-americanos cresceu 10%, chegando perto de um milhão (988 mil hóspedes). Os espanhóis ocuparam a primeira posição, com 1138 mil hóspedes entre Junho e Setembro (com destaque para Agosto), seguindo-se os britânicos, com 1102 mil hóspedes.

Se o indicador for o de dormidas, no entanto, os visitantes do Reino Unido passam para o primeiro lugar, com 4699 mil, seguindo-se os espanhóis com 2822 mil. O maior crescimento em dormidas – tendência comum a todas as regiões – foi também dominado pelos Açores, com mais 8% (para 1542 mil), mas em termos absolutos a liderança coube ao Algarve, com 10.813 mil, seguindo-se Lisboa com 7536 mil dormidas.



Açores e Madeira tiveram menos visitantes portugueses

O INE ainda não divulgou o valor das receitas turísticas de Setembro, mas o Banco de Portugal já publicou o indicador preliminar das viagens e turismo da balança de pagamentos para esse mês (mais abrangente do que os cálculos do INE). Segundo o banco central, as receitas (medidas pelas exportações) subiram 8,9%, para 3076 milhões de euros nesse mês, elevando o total dos quatro meses de Verão para 12.937 milhões de euros (mais 7,5%).

Nos primeiros nove meses, o número de hóspedes contabilizados pelo INE subiu 4,8%, para 24.585 mil, com destaque a subida de estrangeiros (mais 6,4%, para 15.254 mil). Já as dormidas tiveram uma subida mais moderada, de 3,9%, para 63.548 mil. Nesse período, segundo o Banco de Portugal, as receitas subiram 9,1% para 22.233 milhões de euros.

Até ao final do ano, de acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI) já noticiadas pelo PÚBLICO, as receitas deverão chegar aos 26,2 mil milhões de euros, mais 4,4% face a 2023. O turismo deverá continuar a bater recordes nos próximos anos, chegando aos 31,4 mil milhões de euros em 2029, mas, segundo as previsões do FMI, o seu peso no total da criação de riqueza do país tenderá a diminuir.

Para esta instituição internacional, a perspectiva é a de que o peso das receitas do turismo no produto interno bruto (PIB), depois de ter chegado aos 9,5% em 2023, desça para 9,4% este ano, perdendo depois mais 0,1 pontos percentuais (p.p.) em 2026, em 2027 e em 2028. Em 2029, deverá voltar a crescer 0,1 p.p., para 9,2%.



AVISO

- Nos termos e para os efeitos previstos no n.º 2 do artigo 47.º da Lei n.º 19/2012, de 8 de maio, torna-se público que a Autoridade da Concorrência recebeu, em 28 de outubro de 2024, uma notificação prévia de uma operação de concentração de empresas apresentada ao abrigo do disposto no artigo 37.º do referido diploma.
- A operação de concentração consiste na aquisição, pela Square Asset Management – Sociedade Gestora de Organismos de Investimento Coletivo, S.A. (“**SQUARE**”), do controlo exclusivo sobre a Alegro Montijo – Gestão de Centro Comercial Sociedade Unipessoal, Lda. (“**Alegro Montijo**”) e a sua subsidiária Brafero – Sociedade Imobiliária, S.A. (“**Brafero**”) (em conjunto as “**Adquiridas**”), através da sua nomeação como entidade gestora no contexto da conversão das Adquiridas em Sociedade de Investimento Coletivo (“**SIC**”).
- As atividades das empresas envolvidas são as seguintes:
 - SQUARE** – sociedade que tem como função a administração, gestão e representação de fundos de investimento imobiliário e qualquer outro que seja permitido por lei. A SQUARE é controlada pela Right – Square, SGPS, S.A, cuja atividade consiste na prestação de serviços de consultoria imobiliária no âmbito de aquisições, gestão e venda de imóveis ou carteiras de imóveis. O portfólio gerido pela SQUARE inclui, atualmente, 11 centros comerciais.
 - Adquiridas** – detêm e operam o centro comercial Alegro Montijo, estando ativas, por essa via, no mercado da locação a terceiros de espaços em centros comerciais para comércio a retalho, restauração, lazer e atividades similares. A Alegro Montijo é totalmente detida pela Lighthouse Netherlands B.V., uma empresa ativa no mercado do investimento imobiliário, focada principalmente no setor dos centros comerciais de grande dimensão.
- Quaisquer observações sobre a operação de concentração em causa devem identificar o interessado e indicar o respetivo endereço postal, e-mail e n.º de telefone. Se aplicável, as observações devem ser acompanhadas de uma versão não confidencial, bem como da fundamentação do seu caráter confidencial, sob pena de serem tornadas públicas.
- As observações devem ser remetidas à Autoridade da Concorrência, no prazo de 10 dias úteis contados da publicação do presente Aviso, indicando a referência **Ccent 71/2024 – Square Asset Management / Alegro Montijo* Brafero**, através do e-mail adc@concorrenca.pt.



ANÚNCIO

Substituição dos representantes dos comercializadores de eletricidade e de gás natural no Conselho Consultivo da ERSE

O Presidente do Conselho de Administração da ERSE, nos termos dos artigos 41.º, n.º 8 dos Estatutos da ERSE, aprovados pelo Decreto-Lei n.º 97/2002, de 12 de abril, na redação em vigor, e do artigo 7.º n.ºs 2 e 3 do Regulamento n.º 628/2019, de 9 de agosto – convoca reuniões de interessados – a pedido de mais de um terço dos interessados que participaram nas reuniões anteriores de designação (realizadas a 4 e 6 de outubro de 2022) –, com vista à substituição de representantes no **Conselho Consultivo** desta Entidade Reguladora a realizar nas seguintes datas:

- **Dia 21 de novembro de 2024, pelas 14 horas, reunião para designação dos representantes dos comercializadores de gás natural em regime livre** no Conselho Consultivo da ERSE (artigo 41.º, n.º 1, alínea y) dos Estatutos da ERSE);
- **Dia 21 de novembro de 2024, pelas 15 horas, reunião para designação dos representantes dos comercializadores de eletricidade em regime livre** no Conselho Consultivo da ERSE (artigo 41.º, n.º 1, alínea r) dos Estatutos da ERSE);

Os membros serão designados para completar o mandato em curso do Conselho Consultivo, em ambas as secções.

As reuniões realizar-se-ão nos termos estabelecidos no Regulamento n.º 628/2019, de 9 de agosto, nas instalações da ERSE, sitas na Rua Dom Cristóvão da Gama, Edifício Restelo, n.º 1-3.º, 1400-113 Lisboa.

Os representantes dos comercializadores devem encontrar-se munidos de documento que lhes atribua poderes representativos e, quando o efetivo fornecimento de clientes não resulte dos dados do Operador Logístico de Mudança de Comercializador, devem enviar comprovativo do respetivo registo junto da DGEG, bem como do efetivo fornecimento de clientes, em cada um dos setores, por referência à data deste anúncio. Estes elementos devem ser **recebidos na ERSE** por via postal ou email (erse@erse.pt), com a **antecedência de 48 horas** em relação à data indicada.

Eventuais esclarecimentos sobre esta matéria poderão ser solicitados, pelos mesmos meios, ao Diretor de Serviços Jurídicos da ERSE, que está incumbido de acompanhar e dirigir o processo e as reuniões, nos termos do n.º 5 do artigo 4.º do mencionado Regulamento e do artigo 55.º do Código do Procedimento Administrativo.

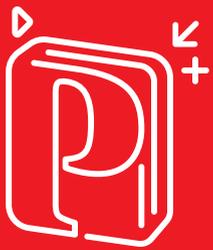
30 de outubro de 2024
Prof. Pedro Verdelho
Presidente



CONHEÇA AS NOSSAS COLEÇÕES DE
MÚSICA, LITERATURA, CINEMA, BANDA DESENHADA, HISTÓRIA E VINHOS



MAIS INFORMAÇÕES: loja.publico.pt | 210 111 010



ACADEMIA

CURSO ONLINE

7 - 28 DE NOVEMBRO
TODAS AS QUINTAS
DAS 18:30 ÀS 20:00
PLATAFORMA ZOOM

VAGAS LIMITADAS

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO
DA FUNDAÇÃO CUPERTINO
DE MIRANDA

PARCEIRO

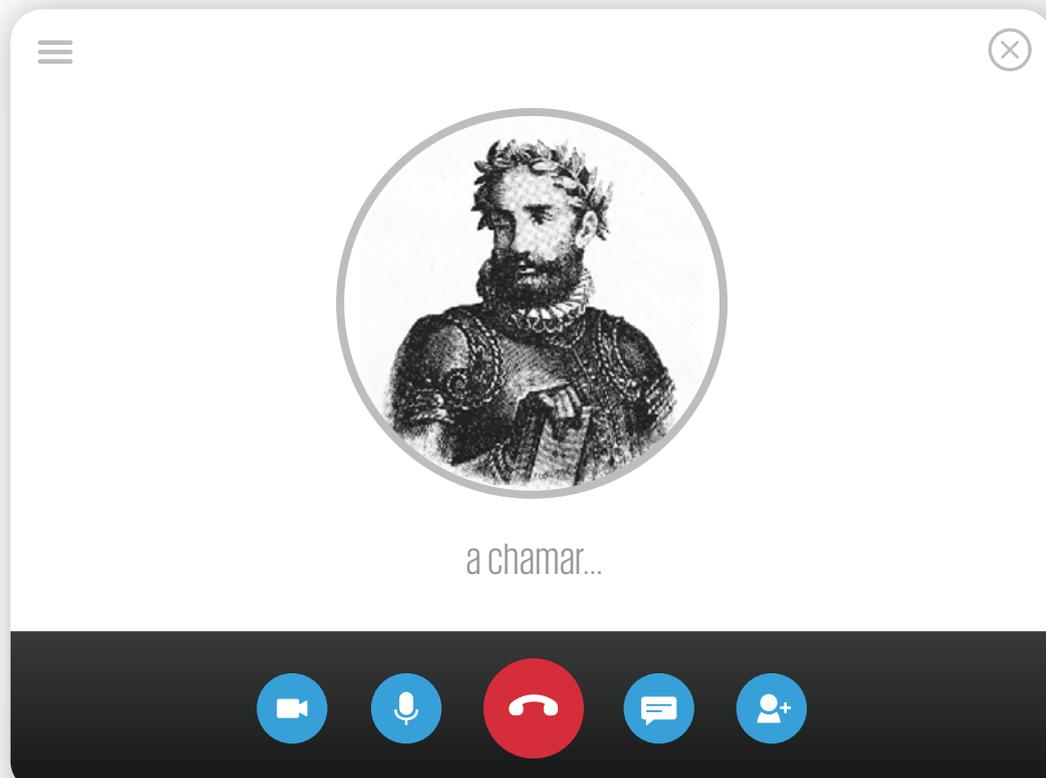


130 €

90 €

ASSINANTES PÚBLICO

INSCREVA-SE AQUI:



Camões como nunca o viu

Curso Camões, uma viagem ao centro do cânone

Mudam-se os tempos, mantém-se o cânone, ou não fosse Camões considerado o poeta mais importante da literatura portuguesa. Ele está um pouco por todo o lado, empresta o nome a ruas, praças, escolas, etc. Mas quem o conhece realmente, além do nome omnipresente e do imaginário? No ano do V centenário do seu nascimento, fazemos Zoom à vida e obra de Camões através de um curso coordenado por João R. Figueiredo.

7 de Novembro: *Os Lusíadas* (I)

João R. Figueiredo

O que faz da obra-prima de Camões o clássico que é? Será que a podemos considerar verdadeiramente um poema épico? Que imagem de Camões emerge d'*Os Lusíadas*?

21 de Novembro: A lírica camoniana (I)

Isabel Almeida

O desconcerto do mundo, para Camões, um tema obsidiante. Como o enfrenta o poeta? Que relações estabelece, ao desenvolvê-lo na sua obra? Descobrir-se-á, também por este viés, a comunicação entre a lírica e a épica?

14 de Novembro: *Os Lusíadas* (II)

João R. Figueiredo

Camões escreveu sobre o feito de Vasco da Gama, que acontecera mais de 70 anos antes, para ensinar alguma coisa aos seus contemporâneos. O quê? Que resultado pretende Camões ao entrecruzar esses dois tempos (o da viagem de Gama e o da corte de D. Sebastião) de um modo tão decisivo?

28 de Novembro: A lírica camoniana (II)

Hélio J. S. Alves

O caso e a crença na lírica de Camões, isto é, a relação que aquela poesia estabelece entre a experiência do sucedido e o quadro mental, filosófico-teológico, do poeta.

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte,
1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt

Tel. 21 011 10 10/20 Fax 21 011 10 30
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS



ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VIANA DO CASTELO
Fundada em 15 de Maio de 1881
Pessoa Colectiva de Utilidade Pública Administrativa desde 1928

Edital

Para efeitos do disposto no n.º 1 do art.º 70.º, dos Estatutos da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo, comunica-se que está aberto o processo eleitoral para os corpos gerentes da Associação, para o triénio 2025-2027.

Mais se comunica que as listas concorrentes aos órgãos sociais, a submeter a sufrágio, deverão ser apresentadas ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, na sede da Associação, até ao dia 15 Novembro de 2024.

Viana do Castelo, 30 Outubro de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Rodrigues Oliveira Valença



AVISO

Nos termos do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15/01, na sua atual redação faz-se público que, será publicitado, pelo prazo de 10 dias úteis, na Bolsa de Emprego Público (BEP), procedimento concursal de seleção para recrutamento de titular de cargo de direção intermédia de 2.º grau de Coordenador do Núcleo da Contabilidade da Direção de Contabilidade, integrada no Departamento de Orçamento e Conta do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social.

Os requisitos e condições de admissão ao procedimento concursal, perfil exigido, composição do júri e métodos de seleção constará da publicitação na Bolsa de Emprego Público, em www.bep.gov.pt, e na página eletrónica do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, I.P., em <http://www.seg-social.pt/procedimentos-concursais>.

Lisboa, 04 de novembro de 2024

A Presidente do Conselho Diretivo
Teresa Fernandes



Universidade de Aveiro

Processo de Seleção e Recrutamento (M/F)

Publicita-se a abertura do seguinte processo de seleção e recrutamento no sítio dos Serviços de Gestão de Recursos Humanos da Universidade de Aveiro: <https://www.ua.pt/pt/sgrh/pessoal-tag-novos-concursos-e-ofertas>: Nos termos da alínea c) do n.º 3 do artigo 23.º dos Estatutos da Universidade de Aveiro, na versão homologada pelo Despacho Normativo n.º 1-C/2017, publicados na 2ª Série do *Diário da República*, de 24 de abril de 2017, e do Regulamento de Carreiras, Retribuições e Contratação do Pessoal Técnico, Administrativo e de Gestão em regime de contrato de trabalho da Universidade de Aveiro, publicado na 2ª Série do *Diário da República* n.º 173, de 4 de setembro de 2020, alterado pelo Despacho n.º 8321/2023, publicado na 2ª Série do *Diário da República* n.º 158, de 16 de agosto de 2023, pretende-se contratar em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo certo, com fundamento no disposto no artigo 140.º do Código do Trabalho, aprovado e publicado em anexo, pela Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro:

Ref.º CND-CTTRC-54-SGRH/2024 – Um (1) Técnico Superior, na 2ª posição remuneratória, nível 16 (1 439,31 €), acrescido do direito a subsídios de refeição, de férias e de Natal, para desempenhar as seguintes funções:

- Acompanhamento da produção gráfica e execução de trabalho de pré-print;
- Conceção e concretização de espaços, exposições, stands e outros;
- Conceção de trabalhos gráficos, sinalética, merchandising e edição de imagem;
- Criação de layouts e outros componentes gráficos para o desenvolvimento de sites e de produtos multimédia;
- Gestão e desenvolvimento de conceitos e de produto, definição de identidade corporativa e acompanhamento da sua aplicação.

REQUISITOS DE ADMISSIBILIDADE:

HABILITAÇÕES:

- Licenciatura em Design.

Caso a habilitação académica tenha sido obtida no estrangeiro, exige-se reconhecimento, equivalência ou registo do grau nos termos da legislação aplicável.

PERFIL REQUERIDO:

São condições a valorizar, possuir comprovadamente:

- Mestrado em Design – especialização em design de comunicação;
- Experiência no desempenho de funções análogas às atribuições indicadas no ponto I;
- Possuir comprovados conhecimentos de tipografia, ilustração, paginação e multimédia;
- Experiência em gestão de Marca;
- Experiência na utilização dos *softwares* da Adobe.

VALIDADE DO PROCEDIMENTO:

O procedimento concursal é válido para ocupação de idênticos postos de trabalho, a ocorrer no prazo máximo de 12 meses contados da data de homologação da lista de ordenação final do presente procedimento.

O prazo de candidatura é de 10 dias úteis, contados a partir da data da publicitação do anúncio no jornal.

Universidade de Aveiro, em 24 de setembro de 2024
O Reitor, Prof. Doutor Paulo Jorge dos Santos Gonçalves Ferreira



COMPLETE AS SUAS COLECÇÕES NAS LOJAS PÚBLICO

EDIFÍCIO
DIOGO CÃO
DOCA DE ALCÂNTARA NORTE, LISBOA (JUNTO AO MUSEU DO ORIENTE)
HORÁRIO:
2.ª - 6.ª FEIRA: 9H - 19H
SÁBADO: 11H - 17H

MAIS INFORMAÇÕES: loja.publico.pt | 210 111 010



AVISO

Nos termos do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15/01, na sua atual redação faz-se público que, será publicitado, pelo prazo de 10 dias úteis, na Bolsa de Emprego Público (BEP), procedimento concursal de seleção para recrutamento de titular de cargo de direção intermédia de 2.º grau de Coordenador do Núcleo Jurídico da Direção de Gestão de Fundos, integrada no Departamento de Gestão Financeira, do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social.

Os requisitos e condições de admissão ao procedimento concursal, perfil exigido, composição do júri e métodos de seleção constará da publicitação na Bolsa de Emprego Público, em www.bep.gov.pt, e na página eletrónica do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, I.P., em <http://www.seg-social.pt/procedimentos-concursais>.

Lisboa, 04 de novembro de 2024

A Presidente do Conselho Diretivo
Teresa Fernandes



OFEREÇA MÚSICA



MAIS INFORMAÇÕES: loja.publico.pt | 210 111 010



CONVOCATÓRIA

A "Criança Diferente/Associação de Amigos" convoca os seus associados, nos termos do artigo 29º, do nº 2 dos Estatutos da Associação, para a Assembleia Geral Ordinária a realizar, na sua sede, sítio na Urbanização Monte Penedo – Praceta Arquiteto Mário Bonito s/n, Milheirós, Maia, às 19h00 do dia 18 de novembro de 2024.

Da agenda de trabalho constam os seguintes pontos:

Ponto um: Análise, apreciação e votação do orçamento para o ano de 2025 e do parecer do conselho fiscal.

Ponto dois: Outros assuntos de interesse para a Instituição e seus associados.

Se à hora marcada não estiver presente o número necessário de associados, a Assembleia realizar-se-á trinta minutos mais tarde, com qualquer número de sócios.

Maia, 25 de outubro de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
José Manuel Resende da Vinha



Alzheimer Portugal

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Cultura Festival terminou na madrugada de ontem

Uma gloriosa Mabe Fratti deu brilho ao 11.º round do Mucho Flow

A guatemalteca caminhou num equilíbrio perfeito entre composição e improvisação livre. Pertenceu-lhe o melhor concerto do festival de música exploratória de Guimarães

Daniel Dias

É difícil não nutrir nem que seja só um pouco de apreço pelo Mucho Flow, festival de música exploratória cuja 11.ª edição decorreu entre quinta-feira e a madrugada de ontem em quatro espaços de Guimarães: o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (que acolheu conversas), o Teatro São Mamede (onde se realizaram os *afters*), o Teatro Jordão e o Centro Cultural Vila Flor (palcos dos concertos). A generalidade do público desconhece a maioria dos nomes programados pela promotora e editora Revolve, organizadora do festival. Mas há confiança numa curadoria que tem feito um trabalho admirável ao longo dos anos. E também uma indelével curiosidade musical. Quem vai ao Mucho Flow deseja activamente saltitar de um género para o outro. E não tem medo de mergulhar no desconhecido, por mais intimidante que às vezes possa parecer.

Esta edição não terá sido das mais espectaculares, mas, como seria de se prever, colocou no radar alguns nomes que merecem atenção no futuro. E contou com pelo menos um grande concerto: está na hora de voltarmos a falar de Mabe Fratti, que tem vindo a Portugal com relativa regularidade – sorte a nossa.

Este reencontro da violoncelista latino-americana com os palcos nacionais decorreu depois de, no Verão, ter lançado o seu quarto álbum em nome próprio, *Sentir Que No Sabes*, em que, sem perder a relação com o experimentalismo, torna mais sério e declarado o seu compromisso com a exploração das possibilidades do formato canção. Uma bela ideia: a jovem compositora nascida na Guatemala (e há muito radicada no México) é uma grande escultora de melodias, o que muito ajuda a fazer de *Sentir Que No Sabes* um disco consistentemente interessante e recompensador, num território situado algures entre a pop autoral, a neoclássica, o ambient e o jazz.

Na sexta-feira, no Vila Flor – onde o festival convida o público a ver os concertos não sentado nas cadeiras, mas sim em pé no próprio palco, a uma distância ainda mais curta dos



músicos –, Mabe Fratti caminhou num equilíbrio perfeito entre a composição e a improvisação livre. Sublimemente acompanhada por Héctor Tosta (guitarra) e Gibrán Andrade (bateria), comandou um trio que soube abrandar quando o concerto pedia delicadeza e aumentar a intensidade quando a tensão criada exigia uma conduta para sair disparada. Héctor Tosta foi particularmente importante neste segundo momento: era sobretudo ele quem ia fazendo vir ao de cima o talvez improvável lado rock das canções, que são entidades vivas e têm no palco o lugar onde podem evoluir ou revelar as suas faces escondidas.

Houve espaço para uma beleza conciliadora, para o transe, para uma ansiedade sónica absolutamente

viciante (ouça-se a fortíssima *Desde el cielo* e a forma como, nela, o barco arrisca mover-se sobre águas que, a qualquer momento, podem perfeitamente engoli-lo), para a catarse (ouça-se *Aire*, em que a repetição incessante da mesma linha de violoncelo nos deixa em estado de alerta, contribuindo para que a voz celestial de Mabe Fratti ganhe toda uma outra urgência). Os músicos iam, aqui e ali, trocando sorrisos cúmplices, mesmo quando a música caminhava para um lugar de combustão – o espírito de camaradagem potencia, podemos supor, a sua conexão artística.

Mabe Fratti tem estado em continuada rota de ascensão e pode ainda nem ter atingido o pico dos seus poderes. É muito bom quando temos a sorte de ver ao vivo alguém que se



Mabe Fratti (na foto principal) tem visitado Portugal com alguma regularidade; nas fotos da esquerda, Florence Sinclair e Anastasia Coope

encontra nessa fase do seu percurso criativo. Que as visitas a Portugal continuem a ser regulares.

Uma folk assombrada

Os restantes concertos deste Mucho Flow não atingiram o mesmo nível (a ausência, por motivos de saúde, de Clarissa Connelly, compositora nascida na Escócia e radicada na Dinamarca, foi uma baixa de peso), mas alguns dos nomes que compuseram o alinhamento estão no início de um trajecto que poderá vir a ser interessante. Um deles é Anastasia Coope.

A música da jovem norte-americana está atolada de fantasmas. É impressionante aquilo que consegue fazer com uma única frase, repetida *ad nauseam*: “*He is on his way home, we don't live together.*” Apenas estas

A 11.ª edição do Mucho Flow não terá sido das mais espectaculares, mas colocou no radar nomes que merecem atenção no futuro

FOTOS: JOÃO OCTÁVIO PEIXOTO



criação de um emaranhado de sons que se vai agigantando perante nós. Noutras momentos, é a sensação de espaço vazio que provoca a mesma intranquilidade. Quereríamos fugir, se as melodias, por vezes desoladoras, não nos prendessem.

O seu concerto nas galerias do Teatro Jordão, em que ora usou o computador para ter consigo as várias gravações da sua voz (e os instrumentais), ora tornou os seus temas ainda mais esqueléticos – uma única voz e guitarra eléctrica, formato económico que, apesar disso, não retirou peso emocional às canções –, estava a ser promissor. Uma pena, então, o final totalmente anticlimático: passados apenas cerca de 20 minutos, a norte-americana pede que alguém na fila da frente lhe diga que horas são e, obtida a resposta, anuncia algo como: “Pronto, era esse o tempo que tinha, adeus.” Os concertos no Mucho Flow não costumam ser longos (nesta edição, raros foram os que chegaram a uma hora de duração), mas esta actuação foi especialmente curta.

Tal como Anastasia Coope, também os Ebbb mostraram algum potencial. O trio britânico, composto por Will Rowland (voz), Levent Ceylan (sintetizadores) e Scott MacDonald (bateria), descreve-se como o resultado bastardo de um encontro entre Brian Wilson e os Death Grips. A comparação pode parecer questionável se nos ficarmos pelo EP de estreia, em que uma voz falseada povoa instrumentais electrónicos, acrescentando-lhes a assinatura de uma indie pop caleidoscópica e onírica, mas ganha alguma razão de ser em palco, onde a música se robustece. Os níveis de caos que definem o grupo do incendiário MC Ride nunca são atingidos, mas a bateria torna-se mais tribal, como que para dificultar a nossa escolha: seguimos a voz de Rowland até às nuvens ou ficamos aqui em baixo a dançar furiosamente com a melancolia que ela deixa escancarada à nossa frente?

Açúcar e desconforto

Também no Vila Flor, onde os Ebbb actuaram na primeira noite, a jovem dupla norte-americana de pop maximalista e bastante nostálgica Snow Strippers teve do seu lado, no encerramento, aquele que foi o público mais ruidoso deste 11.º Mucho Flow. A vocalista Tatiana Schwaninger e o produtor Graham Perez sabem escrever um ou mais refrães inegáveis, isso ficou claro – numa noite em que o palco do centro cultural se tornou uma suada danceteria com direito ao ocasional *moshpit* –, mas o “ritmo reels” do concerto, que não dava a nenhuma canção tempo para existir (todas tinham de sprintar como se estivessem numa corrida de estafetas), instalou prematuramente uma sensação de cansaço que a natureza monocórdica do repertório viria mais tarde a acentuar.

Numa edição não tão memorável,

os Angry Blackmen assinaram uma actuação acima da média, o que não significa necessariamente que o duo norte-americano de hip-hop experimental seja imperdível. Os *flows* decididos de Brian Warren e Quentin Branch, dois *rappers* com uma presença de palco convincente q.b., tendem a ser seguros, mas, pelo menos no Teatro Jordão, pareceram, num par de ocasiões, não se entrosar muito organicamente com os ritmos pouco óbvios das batidas sujas e agressivas que os sustentam. Também no que toca a “ganchos” melódicos a dupla deixa a desejar: vários são os refrães que consistem apenas numa repetição incessante da mesma frase, de uma maneira que não é muito interessante do ponto de vista sónico.

Melhores indicadores pareceu ter deixado Florence Sinclair, cuja voz grave, ora cantada ora falada, habita canções flutuantes, entre o hip-hop experimental e a pop hipnagógica, que tanto podem ter elementos electrónicos como guitarras acústicas, cordas, sintetizadores ou *samples* dos Smiths. Tal como no caso dos Snow Strippers, houve um ponto a partir do qual as canções começaram a confundir-se umas com as outras, mas talvez *Departures*, *Wonders & Tears* (2023), o seu álbum mais recente, mereça uma oportunidade.

Importa ainda falar dos Still House Plants, grupo britânico cujo disco mais recente, intitulado *If I Don't Make It, I Love U*, foi muito aplaudido. O *The Guardian* deu-lhe cinco estrelas – e escreveu na sua crítica que o trio é “a banda mais vital no Reino Unido hoje em dia”.

Não conseguimos ser tão laudatórios. Há definitivamente elementos interessantes na música da banda, que vai ao math rock buscar os seus ritmos fragmentados (e a um sítio entre o pós-rock e o slowcore recolher as suas guitarras esparsas e sombrias), mas a monotonia – voltamos ao mesmo problema – leva a que não existam pontos de fuga, o que faz das canções lugares quase demasiado claustrofóbicos e inóspitos. Poderíamos dizer que os Still House Plants ultrapassam a linha que Anastasia Coope apenas pisa – ou não transpõe sem nos atirar uma qualquer bóia de salvamento, seja esta relativamente fácil de reconhecer enquanto tal ou nem por isso.

A pouco convencional voz soul de Jessica Hickie-Kallenbach ora é a peça que desbloqueia toda a catarse emocional, quando cada uma das desalinhadas peças está exactamente no sítio certo (ouça-se *MMM*), ora é outro factor causador de algum desconforto. Talvez um ambiente doméstico, mais controlado, seja o melhor para se escutar esta banda. Ou talvez o desconforto seja justamente o objectivo. Talvez. Já fomos salvos por música desconfortável muitas vezes no passado. Na sexta-feira, nas galerias do Teatro Jordão, isso não nos aconteceu.



Perguntas e respostas

O cheque-livro prometido pelo anterior Governo chega hoje. Quem e como o pode usar?

O anterior Governo criou um incentivo à leitura e à frequência de livrarias na forma de um cheque-livro de 20 euros para os cidadãos nascidos em 2004 e 2005. Após alguns atrasos, o *voucher* pode ser emitido a partir de hoje.

O que é o cheque-livro?

O cheque-livro destina-se a jovens residentes em Portugal que tenham atingido a maioria no último biénio. Vale 20 euros na compra de livros em lojas aderentes, estando excluídos os manuais escolares, os dicionários e os livros de apoio ao estudo.

O valor não era mais elevado?

Sim. A proposta inicial da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), que remonta a 2022, era que o cheque-livro fosse de cem euros. Surgiu na pandemia, entre outras sugestões da APEL para mitigar a crise do sector, como a abolição do IVA de 6% sobre a compra de livros. Com Pedro Adão e Silva no Ministério da Cultura, houve receptividade para a adopção desta medida que existe já noutros países europeus, tendo sido anunciado em 2023 que o valor final seria de 20 euros por beneficiário.

Quantas pessoas vão beneficiar deste cheque?

A previsão da tutela é que chegue a 200 mil pessoas.

Como pode ser usado?

Depois do registo no *site* www.souleitor.gov.pt, usando o cartão de cidadão ou a chave móvel digital, o beneficiário obtém o cheque-livro no seu telemóvel. O *voucher* pode ser usado até 23 de Abril de 2025 numa livraria aderente. O valor final da factura tem de ser igual ou superior a 20 euros; nesse caso, o montante em falta será saldado noutra forma de pagamento. O cheque é intransmissível e o seu valor não acumula para o ano seguinte.

Quantas são as livrarias aderentes?

Na plataforma Sou Leitor contabilizam-se 192 lojas que aceitam o cheque-livro.

E onde estão?

A distribuição geográfica é bastante irregular, sendo que todos os distritos e regiões autónomas estão representados. O distrito de Lisboa soma o maior número de lojas, 66, seguido do Porto, com 42; nos distritos de Beja, Guarda e Portalegre, ou em todo o arquipélago dos Açores, apenas uma livraria aceita o cheque. Segundo a APEL, em 2022 as maiores quebras na compra de livros ocorreram no Porto (-14%), no litoral (-10%) e no interior (-10%).

Que livrarias aceitam o cheque-livro?

A resposta simplista é: as que aderiram ao programa. A resposta analítica indica que a forma como se distribuem pelo país e por “marcas” espelha a situação do mercado livreiro em Portugal. Há muitas cadeias, estrangeiras como a Fnac ou portuguesas como a Bertrand ou a Almedina, e uma forte presença das lojas Note, marca da Sonae (detentora do PÚBLICO). Nas maiores cidades verifica-se a adesão de livrarias independentes, como a Buchholz ou a Baobá, em Lisboa, mas também das lojas El Corte Inglés. O litoral está francamente mais bem munido de livrarias e, por isso, de estabelecimentos aderentes, e os distritos do interior, salvo aqueles em que há fortes comunidades de estudantes do ensino superior, estão sub-representados. Em Coimbra, por exemplo, há 14 aderentes; em Castelo Branco, são apenas cinco.

Como funciona para as lojas?

Os livreiros devem pedir mensalmente o reembolso do valor relativo ao conjunto de cheques-livro facturados no mês anterior. O programa tem uma dotação orçamental de 4,4 milhões de euros. O Estado tem 45 dias para processar o reembolso. Não há um limite para o número de cheques-livro que as livrarias podem aceitar.

Joana Amaral Cardoso

palavras, que dão título a uma canção homónima (a primeira do seu álbum de estreia *Darning Woman*, lançado no final de Maio), são suficientes para imaginar toda uma possível narrativa desassossegadora.

Anastasia Coope cria uma folk experimental e minimalista em que várias gravações da sua voz, mergulhada em *reverb*, se erguem sobre linhas simples de guitarra acústica ou, mais infrequentemente, piano, criando um coro assombrado. As canções parecem, por vezes, vir de um passado remoto, transportando espíritos sedentos de algum tipo de vingança. Nalguns momentos, instala-se uma certa sensação de desordem – é assim a parte final de *He Is On His Way Home*, *We Don't Live Together*, em que o raro uso de percussão contribui para a

Ciência e Ambiente Doença cardíaca em Portugal

Nove em cada dez adultos têm pelo menos um factor de risco cardiovascular

Sedentarismo, falta de sono e má alimentação estão entre os principais factores de risco para a doença cardiovascular. Um terço da população tem, pelo menos, três factores de risco identificados

Tiago Ramalho

É mais um aviso para o coração: a falta de actividade física, de um sono adequado ou de uma alimentação saudável aumenta o risco cardiovascular – e os portugueses não parecem estar a contrariar esse risco. Na verdade, juntando estes aspectos com outros riscos (como colesterol elevado ou obesidade), nove em cada dez adultos portugueses têm pelo menos um factor de risco cardiovascular.

“Sabemos, infelizmente, que as doenças cardiovasculares são a principal causa de morte em Portugal”, sublinha Hélder Dores, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e cardiologista no Hospital da Luz. “Mas também sabemos que se devem muito a factores de risco que podem ser modificados: estima-se que uma em cada três mortes pode ser evitada”, reforça o investigador, que, juntamente com o cardiologista José Ferreira Santos, assina o estudo.

O factor de risco mais comum é a inactividade física: 58,4% das mais de 4000 respostas mostravam maior fidelidade ao sedentarismo. Os inquiridos para este estudo foram recrutados através da página de divulgação científica Cardio na Vida, da qual Hélder Dores e José Ferreira Santos fazem parte, sendo depois as pessoas instadas a responder a um questionário *online* sobre os seus hábitos regulares.

Além do sedentarismo, os maus hábitos alimentares e a falta de sono são características muito comuns nesta população estudada – todos entre os 40 e os 69 anos, sem doença cardíaca diagnosticada e sendo a esmagadora maioria mulheres (77,9%). O colesterol elevado e a hipertensão arterial estão entre os problemas de saúde mais comuns, e que afectam a saúde cardiovascular, entre estas mais de 4000 pessoas. Os resultados do estudo são apresentados hoje às 19h, numa sessão *online*, onde estarão presentes Cristina Gavina, presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, e Rosália Páscoa, da Sociedade Portuguesa de Medicina do Estilo de Vida.

Ao todo foram analisados oito factores de risco prevalentes na doença cardiovascular: tabagismo, hipertensão, diabetes, colesterol elevado, obesidade, falta de sono, inactivida-



MANUEL ROBERTO

O factor de risco mais comum é a inactividade física: 58,4% das mais de 4000 respostas mostravam maior fidelidade ao sedentarismo

de física e maus hábitos alimentares. Nove em cada dez inquiridos tinham um destes factores de risco. Mais: 37% tinham pelo menos três destes factores de risco – ou seja, uma em cada três pessoas.

Continua a faltar prevenção

Como já se torna habitual quando se fala em risco cardiovascular, ou noutras doenças, a prevenção é chamada ao caso, mas continua a ser “o parente pobre da medicina”, admite Hélder Dores. “Falamos muito em tratar a doença, tomar medicamentos ou fazer intervenções cirúrgicas, mas, quando falamos em prevenir problemas, isto fica sempre aquém do desejável. É mais fácil tomar um comprimido do que alterar um estilo de vida, muitas vezes mau e viciante, como o tabaco.”

Apesar da responsabilidade individual pela mudança e também dos

próprios médicos em consulta, por exemplo, o cardiologista realça que é necessário actuar a um nível mais estratégico e político, promovendo o exercício físico nas escolas e no local de trabalho, bem como uma melhor alimentação.

“Por exemplo, podemos desenvolver áreas em que, a nível laboral, as

As doenças cardiovasculares são a principal causa de morte em Portugal e todos os anos determinam a morte de 18,6 milhões de pessoas em todo o mundo

pessoas possam durante o dia fazer alguma actividade física – e isso ser valorizado”, sugere.

“Também haver uma disponibilidade de haver uma educação de saúde voltada para a prevenção, que começa desde pequenino, nos primeiros anos de escolaridade, até ao idoso, por exemplo”, acrescenta Hélder Dores.

Os dados acabam por estar em linha com estudos anteriores, como o do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (Insa), publicado em 2019, no qual cerca de 90% da população estudada tinha pelo menos um factor de risco – aqui, importa frisar que o estudo englobou pessoas dos 18 aos 79 anos.

Os resultados que serão agora apresentados por Hélder Dores e José Ferreira Santos ainda não foram publicados numa revista científica, embora já tenham sido submetidos

à validação por pares.

A escassez na prevenção também se revela noutros factores, como a falta de conhecimento de doenças coronárias, como a insuficiência cardíaca. Embora se estime, segundo dados publicados no final de 2023, que mais de 700 mil portugueses acima dos 50 anos tenham esta doença crónica grave, 90% não sabem que têm este problema de saúde.

As recomendações perante estes dados não destoam do que se vai escrevendo sobre doenças cardiovasculares – responsáveis todos os anos por 18,6 milhões de mortes no mundo.

A prática de actividade física, uma alimentação saudável e hábitos de sono regulares (com pelo menos sete horas de sono por noite) são essenciais para diminuir o risco cardiovascular, às quais se pode acrescentar parar de fumar, por exemplo.

A Música de John Williams, banda sonora da vida do cinéfilo

Está na Disney+ o documentário de Laurent Bouzereau que vai além do simples produto promocional. Recheado de grandes nomes, é música para os olhos

Joana Amaral Cardoso

Sabia que um dos filhos de John Williams é o vocalista dos Toto, a banda por muitos considerada um “one hit wonder” por causa da canção *Africa*? Sabia que John Williams foi pianista de jazz, com discos gravados sob o nome Johnny Williams? Sabia que, quando John Williams lhe tocou as duas notas que perfazem o inconfundível som de *Tubarão* (1975), Steven Spielberg achou que o compositor estava a gozar? Agora já sabe, mas tudo isto só é possível porque desde sexta-feira existe *A Música de John Williams* na Disney+.

John Williams tem 92 anos e uma carreira que é sinónimo da revitalização, ou talvez da nova entronização, da banda sonora orquestral no cinema do pós-anos 1960. Deu aos espectadores das últimas décadas (e ele nem se considera bem um espectador, admite: não vai muito ao cinema) uma parte substancial da banda sonora das suas vidas. Soma cinco Óscares, 54 nomeações, e dezenas de filmes responsáveis por muito trautear, muito reconhecimento imediato, muita história contida em belíssimas notas musicais.

O documentário de Laurent Bouzereau poderia não passar de uma daquelas elegias que pululam no streaming industrial: elogios, “*talking heads*”, breve história de vida, inserção do maior número de produtos, perdão, títulos de que a plataforma que o encomenda dispõe no seu catálogo para uma “inocente” promoção cruzada. Mas a polinização existe. Porque Williams famosamente salvou o pequeno caos que era *Star Wars – A New Hope* (1977) com os seus temas evocativos de cada personagem ou momento, porque deu a Indiana Jones o seu ambiente de filme de aventuras dos anos 1940, porque criou a magia de *E.T.*, e tudo isso está, convenientemente, na Disney+.

Os convidados, os tais “*talking heads*”, também podiam ser os expectáveis membros da família Disney. E são. A presidente da Lucasfilm e produtora Kathleen Kennedy, os realizadores George Lucas ou J.J. Abrams, e por aí fora. Mas o que separa *A Música*



John Williams e Steven Spielberg nos anos 1970: a parceria começou logo em *Asfalto Quente* (1974)

de John Williams dos restantes documentários que parecem só filmes promocionais é a abertura da sua lente (sobretudo na primeira hora). Bouzereau fez vários documentários de bastidores de filmes de Steven Spielberg e, portanto, há um efeito “mosca na sala” quando filma Spielberg e Williams à conversa.

Tudo começou quando Steven Spielberg viu o filme *Os Ratoneiros* (1969), protagonizado por Steve McQueen, e se apaixonou pela banda sonora. Teria de ser aquele autor, decidiu, a compor a música para *Asfalto Quente* (1974), a sua primeira longa-metragem para cinema. E foi. A relação entre os dois nunca mais se quebrou, tendo sido Williams o responsável por levar às lágrimas o cineasta e a sua mulher, a atriz Kate Capshaw, só de ouvirem as primeiras dez notas de *A Lista de Schindler* (1993), ou por entusiasmar ao nível da alegria infantil o saxofonista e compositor Branford Marsalis perante o jazz na música dos Modal Nodes na cena da cantina de Mos Eisley em

A New Hope (Spielberg convenceu Williams a trabalhar com Lucas no filme). O mesmo jazz que emprestou a *Apanha-me Se Puderes* (2002), por exemplo.

Do Tubarão a Harry Potter

Mas John Williams não pertence a ninguém. Talvez pertença a um plano em que a música, as pautas, as notas que ainda escreve à mão pairam até se encaixarem no seu processo criativo. Uma das frases mais bonitas do documentário vem do falecido Christopher Reeve, o mais icónico *Super-Homem* (1978), que numa entrevista de arquivo diz: “Sem a sua música, os poderes do Super-Homem ficam imensamente diminuídos. Acreditem, se tentarem voar sem aquela música, não vão a lado nenhum.”

Sem aquela música, não se teriam reunido Alan Silvestri e Chris Martin, dos Coldplay, ou Seth MacFarlane e Thomas Newman, Yo-Yo Ma, Emanuel Ax, Anna-Sophie Mutter, Chris Columbus, Ron Howard, Frank Marshall e tantos outros devotos do seu traba-

lho. *A Música de John Williams* não esquece, por falar em Columbus, que a música dos primeiros três filmes *Harry Potter* é igualmente evocativa logo aos segundos iniciais. Nem que, como músico de orquestra – “Tocar piano era a minha única ambição” –, Williams participou na banda sonora de *West Side Story*, dirigido por Leonard Bernstein.

Nascido numa família de músicos e que ainda mais músicos originou (dos três irmãos, dois são compositores e a irmã era pianista), John Williams passou igualmente, com a sua mulher (a atriz e cantora Barbara Ruick, que morreu aos 41 anos), a veia musical aos seus três filhos.

Com lacunas assinaláveis e notórias cedências ao mundo Disney/Fox, *A Música de John Williams* é, ainda assim, 105 minutos de exploração de alguém que passou por poucas polémicas na vida e parece universalmente adorado nos *plateaus*. Como Spielberg comenta no início do documentário, Williams tem “umas mãos lindas”.

Estreias da semana

RTP2

O Legado

Quarta-feira, 22h

Série neerlandesa baseada no livro de Alexander Munninghoff que conta a história da sua família, e que em oito episódios recuará duas gerações para confrontar o pai nazi, o avô autoritário, a mãe desaparecida. E depois Munninghoff torna-se pai...

Mal – Embriaguez Divina

Sábado, 22h

Uma coreografia de Marlene Monteiro Freitas sobre o mal e suas diferentes formas, e que, como habitualmente nas peças da artista de origem cabo-verdiana, cruza referências à alta cultura e à cultura popular, entre a agonia e o êxtase. O registo desta criação estreada em 2020 estará também disponível na RTP Play.

FILMIN

A Carga

Quinta-feira

Documentário de Miguel Eek (*A Primeira Mulher*) que colige testemunhos de 12 homens reunidos num fim-de-semana numa casa de campo para falar de masculinidade tóxica, heteropatriarcado, traumas passados e novas dinâmicas rumo à transformação pessoal.

PRIME VIDEO

My Old Ass

Quinta-feira

Filme de Megan Park que se estreou no Festival de Sundance e que parte de uma *trip* de cogumelos que faz com que a adolescente Elliott se confronte com o seu eu de 39 anos. Que não é flor que se cheire. Calha ser Aubrey Plaza, o que é convidativo apesar dos pesares.

MAX

Tornados

Sexta-feira

O filme-sensação do Verão (em termos de pequenos *blockbusters* do cinema de acção) chega ao streaming na sexta-feira: Glen Powell, Daisy Edgar-Jones e Anthony Ramos respondem à realização de Lee Isaac Chung em torno do poder dos tornados, três décadas depois de *Tornado*, com Helen Hunt e Philip Seymour Hoffman.

Guia

Cinema

Lisboa

Cinema City Alvalade

Av. de Roma, 100. T. 214221030

Os Indesejáveis M12. 15h, 19h25;

Um Café e Um Par de Sapatos Novos

M12. 21h30; **Lee Miller: Na Linha da**

Frente M14. 17h05; **O Melhor dos**

Mundos M12. 13h30; **O Jogo da Rainha**

M14. 15h10, 21h20; **Megalopolis** M14.

16h20, 21h25; **Disco Boy** M14. 13h15; **The**

Apprentice - A História de Trump M14.

19h; **O Teorema de Marguerite** M12.

17h30; **Os Papéis do Inglês** M12.

13h25; **Venom: A Última Dança** M12.

19h30; **Alma Anciana** M12.

19h45; **Anora** M16. 13h30, 16h10, 21h40

Cinema City Campo Pequeno

Centro de Lazer. T. 214221030

Gru - O Maldispósito 4 M6. 13h40 (VP); **Os**

Vizinhos Lá de Cima M12. 20h; **Beetlejuice**

Beetlejuice M12. 17h55; **Joker: Loucura**

a Dois M14. 20h50; **Robot Selvagem** M6.

13h15, 15h20, 17h35, 19h45 (VP), 13h35,

17h40, 22h (VO); **Todo o Tempo Que**

Temos M12. 15h25, 19h50, 21h55; **Sorri**

2 M16. 19h, 21h50; **O Jogo da Rainha** M14.

13h30, 15h50; **Megalopolis** M14. 21h40;

The Apprentice - A História de Trump

M14. 15h35; **Venom: A Última Dança**

M12. 13h10, 15h20, 17h30, 19h40, 21h40;

A Substância M16. 13h15, 16h, 18h50,

21h30; **O Gangue dos Monstros** M6. 15h40

(VP); **Anora** M16. 15h45, 18h30, 21h10

Cinema Fernando Lopes

Cp. Grande. T. 217515500

Anora M16. 21h

Cinema Ideal

Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295

Anora M16. 14h, 19h

Cinemas Nos Alvaláxia

R. Francisco Stromp. T. 16996

Um Café e Um Par de Sapatos Novos

M12. 18h; **Gru - O Maldispósito 4** M6.

13h40 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12.

21h25; **Lee Miller: Na Linha da Frente** M14.

13h30, 16h05, 21h30; **Joker: Loucura a**

Dois M14. 14h10, 17h10, 20h30; **Robot**

Selvagem M6. 14h, 16h30 (VP); **Todo o**

Tempo Que Temos M12. 13h50, 16h20,

19h10, 21h40; **Sorri 2** M16. 13h10, 16h,

18h50, 21h50; **Megalopolis** M14. 16h10,

20h40; **The Apprentice - A História de**

Trump M14. 19h, 21h40; **Os Papéis do**

Inglês M12. 13h35, 16h40, 20h45; **Venom.**

Sala Atmos - 13h20, 15h50, 18h30, 21h10;

A Substância M16. 14h30, 17h50,

20h50; **Alma Anciana** M12. 13h25, 15h20;

O Conde de Monte-Cristo M6. 17h40,

21h20; **O Gangue dos Monstros** M6. 13h15,

15h30 (VP); **Anora** M16. 14h20, 17h30, 21h

Cinemas Nos Amoreiras

C.C. Amoreiras. Av. Eng.º Duarte Pacheco.

Os Indesejáveis M12. 13h10; **Lee Miller:**

Na Linha da Frente M14. 20h50; **Robot**

Selvagem M6. 13h40, 16h10, 18h50

(VP); **Todo o Tempo Que Temos** M12. 13h20,

15h50, 18h20, 21h10; **Megalopolis** M14.

21h20; **Os Papéis do Inglês** M12. 13h10,

16h10, 18h55, 21h40; **Venom: A Última**

Dança M12. 13h20, 15h50, 18h20, 21h;

A Substância M16. 15h30, 18h30, 21h40;

O Conde de Monte-Cristo M6. 13h30,

17h10; **Anora** 13h40, 16h50, 20h10, 21h20

Cinemas Nos Colombo

Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusitana.

Joker: Loucura a Dois M14. 12h0, 15h40,

19h, 21h50, 00h10; **Robot Selvagem** M6.

13h20, 16h, 18h30 (VP), 21h10 (VO); **Todo**

o Tempo Que Temos M12. 13h10, 15h45,

18h20, 21h20, 23h50; **Sorri 2** 12h30, 15h50,

18h40, 21h30, 00h25; **Megalopolis** M14.

13h40, 17h, 20h30, 23h30; **Venom:**

A Última Dança M12. 12h50, 15h30, 18h10,

21h, 23h40; **A Substância** M16. 14h, 17h30,

20h40, 24h; **Vive e Deixa Andar** M12. 13h,

15h20, 17h50, 20h50, 23h20; **Venom:**

A Última Dança M12. Sala Imax

- 13h30, 16h10, 18h50, 21h40, 00h20

Vive e Deixa Andar

Estreias

Anora

De Sean Baker. Com Mikey Madison, Paul Weissman, Lindsey Normington, Emily Weider. EUA. 2024. 139m. Comédia Romântica. M16. A vida de Anora, uma jovem “stripper”, muda quando conhece Ivan Zakharo, que se apaixona por ela e a pede em casamento. Depois de uma cerimónia em Las Vegas, os dois vivem momentos de pura paixão e entrega. Mas ele é filho de uma família de oligarcas russos e quando as notícias chegam aos seus ouvidos, decidem viajar até Nova Iorque para anular o casamento.

A Substância

De Coralie Fargeat. Com Margaret Qualley, Demi Moore, Dennis Quaid, Hugo Diego Garcia. GB/FRA. 2024. 141m. Comédia, Terror. M16. Elizabeth Sparkle foi, em tempos, uma grande estrela de cinema. Mas os anos passaram e já só lhe resta dar a cara a um programa televisivo de aeróbica. No dia do seu 50.º aniversário, é dispensada do programa e fica devastada. Ao ter conhecimento de uma substância que replica as células do corpo, rejuvenescendo e aperfeiçoando a pessoa que a toma, decide testá-la.

Alma Anciana

De Helen Aschauer, Fabio Mota. POR/Áustria/CUB. 2023. 77m. Documentário. M12. Este documentário realizado por Helen Aschauer e Fábio Mota é um retrato do dia-a-dia de vários idosos de três lugares distintos: Cuba, Áustria e Portugal.

O Conde de Monte-Cristo

De Mathieu Delaporte, Alexandre de la Patellière. Com Pierre Niney, Bastien Bouillon, Anaïs Demoustier, Anamaria Vartolomei. FRA/BEL. 2024. 178m. Drama, Acção. M6.

Cinemas Nos Vasco da Gama

C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.

Beetlejuice Beetlejuice M12. 14h15, 17h;

Lee Miller: Na Linha da Frente M14.

21h40; **Joker: Loucura a Dois** M14. 13h20,

16h30, 20h, 23h15; **Robot Selvagem** M6.

13h40, 16h15, 18h50 (VP); **Sorri 2** M16. 14h,

17h15, 20h30, 23h30; **Venom: A Última**

Dança M12. Sala Atmos - 13h10, 15h50,

18h30, 21h10, 23h50; **Vive e Deixa**

Andar M12. 13h15, 15h45, 18h20, 21h,

23h40; **Anora** M16. 20h15, 23h20

Cinamateca Portuguesa

R. Barata Salgueiro, 39. T. 213596200

Situada em Marselha no princípio do século XIX, esta é a história de Edmond Dantes, um homem falsamente acusado de traição e condenado a passar o resto da vida na prisão que se evade com o intuito de se vingar.

Os Indesejáveis

De Ladj Ly. Com Anta Diaw, Alexis Manenti, A.Luyindula, Steve Tientcheu. BEL/FRA. 2023. 105m. Drama. M12. Haby toma conhecimento de uma alteração no plano de urbanização do bairro social onde cresceu, que prevê a demolição do seu prédio, um edifício também o lar de centenas de famílias desfavorecidas. Com a ajuda de algumas pessoas próximas, ela decide enfrentar o presidente da Câmara.

Um Café e Um Par de Sapatos Novos

De Gentian Koçi. Com Edgar Morais, Rafael Morais, Drita Kabashi. Albânia/GRE/POR/Kosovo. 2022. 99m. Drama. M12. Agim e Gëzim, irmãos gémeos surdos de nascença, são inseparáveis. Uma noite, Agim fica com a visão turva. Assustado, vai a uma consulta com o oftalmologista que lhes diz que o que aconteceu se deve a uma doença degenerativa rara que ambos possuem e que, em breve, ficarão cegos.

Vive e Deixa Andar

De Miguel Cadilhe. Com Eduardo Madeira, Joana Pais de Brito, Dinarte de Freitas, Débora Monteiro, Ricardo Carriço, Alexandra Lencastre, João Manzarra. POR. 2024. 107m. Comédia. M12. A história segue Lucas, conhecido pela sua falta de sorte, mas também pela sua extraordinária capacidade de lidar com todas as contrariedades que teimam em atravessar-se no caminho.

Uma Mulher é uma Mulher M12.

16h30; **Lenine em Outubro** 19h30;

A Invenção do Amor 16h30; **O Sal**

Deste Mar M12. 19h; **Lettre de Sibérie** 22h;

Medeia Nimas

Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223

Os Papéis do Inglês M12. 14h, 21h30;

A Substância M16. 19h; **Anora** M16. 16h30

UCI Cinemas - El Corte Inglés

Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400

Os Indesejáveis M12. 16h25, 21h45;

Casa de Repouso - As Férias M12. 13h20,

19h20; **Reagan** M12. 13h20; **Lee Miller: Na**

Linha da Frente M14. 16h20, 18h50; **Joker:**

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



As estrelas

P

	Jorge Mourinha	Luis M. Oliveira	Vasco Câmara
Anora	★★★★★	★★★★★	★★★★★
The Apprentice	—	—	★★★★★
O Banho do Diabo	—	★★★★★	★★★★★
Um Café e um Par de Sapatos Novos	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Disco Boy	★★★★★	★★★★★	★★★★★
A Febre de Petrov	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Os Indesejáveis	—	★★★★★	★★★★★
O Jogo da Rainha	—	★★★★★	★★★★★
Megalopolis	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Melhor dos Mundos	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Os Papéis do Inglês	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Sem Coração	★★★★★	★★★★★	★★★★★
A Substância	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Vive e Deixa Andar	—	●	—

● Mau ●●●●● Mediocre ●●●●● Razoável ●●●●● Bom ●●●●● Muito Bom ●●●●● Excelente

Loucura a Dois M14. 18h45; **Robot Selvagem** M6. 16h10 (VP), 21h20 (VO); **Todo o Tempo Que Temos** M12. 16h, 18h40, 21h25; **Sorri 2** M16. 21h55; **O Jogo da Rainha** M14. 16h05, 19h; **Megalopolis** M14. 14h, 17h, 21h15; **Disco Boy** M14. 13h35; **The Apprentice - A História de Trump** 19h15; **O Voto de Irena** M14. 13h55; **Goodrich** M12. 13h25, 15h55, 18h35; **Os Papéis do Inglês** M12. 13h15, 18h30; **Venom** 13h50, 16h30, 19h10, 21h45; **A Substância** M16. 15h, 18h20, 21h30; **O Conde de Monte-Cristo** M6. 15h50, 21h40; **Vive e Deixa Andar** M12. 13h30, 16h10, 18h55, 21h35; **Anora** M16. 13h15, 16h05, 19h, 21h50; **Bhool Bhulaiyaa 3** 21h05

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum

R. Sérgio Malpique 2. T. 16996

Os Indesejáveis M12. 17h30, 20h10,

22h40; **Gru 4** M6. 13h50, 16h40 (VP); **Joker:**

Loucura a Dois M14. 13h05, 16h15, 19h20,

22h10; **Robot Selvagem** M6. 13h, 15h30,

18h (VP), 20h30 (VO); **Todo o Tempo**

Que Temos M12. 13h15, 15h55, 18h20,

20h55; **Sorri 2** M16. Sala Atmos - 12h45,

15h40, 18h30, 21h20; **Megalopolis** M14.

12h35, 15h35, 18h40, 21h40; **Os Papéis do**

Inglês M12. 12h10, 15h10, 18h05, 21h; **Os**

Papéis do Inglês M12. 12h15, 15h10, 18h05,

21h; **Venom: A Última Dança** M12. Sala

Atmos - 12h30, 15h20, 17h50, 20h20

(2D), 19h, 21h30 (3D); **A Substância** M16.

12h10, 15h05, 18h10, 21h10; **O Conde de**

Monte-Cristo M6. 14h, 17h40, 21h15;

O Gangue dos Monstros M6. 13h10, 15h15

(VP); **Vive e Deixa Andar** M12. 12h55, 15h25,

17h55, 20h40; **Anora** M16. 12h45, 15h45,

18h50, 21h50; **Venom: A Última Dança** M12.

Sala 4DX - 13h20, 15h50, 18h15, 20h50

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide

C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030

Gru 4 M6. 17h35 (VP); **Oh Lá Lá!** M12.

19h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 22h; **Lee**

Miller: Na Linha da Frente M14. 15h20,

19h40; **Joker: Loucura a Dois** M14. 18h10,

20h50; **Robot Selvagem** M6. 15h20, 17h30,

Guia

CINEMA

Encontro

TVCine Edition, 23h02

Quando Alain, um realizador belga de meia-idade, recebe uma foto de Luísa no seu telemóvel, regressa imediatamente ao passado. Há sete anos, em Lisboa, quando rodava um filme que nunca chegou a terminar, viveu com ela um grande amor. Num impulso, determinado a reencontrá-la, Alain marca viagem para Portugal. François Manceaux escreve e realiza este drama interpretado por Johan Heldenbergh, Isabel Otero, Dalila Carmo, Paula Pais, Ângelo Torres e Dalila Carmo. Inaugura um ciclo que o TVCine Edition dedica a filmes produzidos entre Portugal e outros países – neste caso, França. O Brasil entra em cena na quinta-feira com *Paloma*, de Marcelo Gomes; dia 11 é a vez de *Vadio*, uma co-produção luso-franco-polaca com realização de Simão Cayatte; dia 18, passa *Sobretudo de Noite*, do espanhol Víctor Iriarte.

Dias em Chamas

RTP2, 23h29

Neste *thriller* do turco Emin Alper, um jovem advogado de acusação é enviado para uma pequena cidade que está a atravessar um sério problema de seca. Ao início, é bem recebido, mas tudo começa a dar para o torto à medida que o tempo vai avançando e se vê metido no meio de uma investigação de homicídio e da complexidade da política local. Como seu aliado, tem o dono de um jornal.

Música a Música

Nos Studios, 00h30

Um drama sentimental e musical assinado por Terrence Malick, com os actores Michael Fassbender, Ryan Gosling, Rooney Mara, Natalie Portman, Cate Blanchett, Holly Hunter, Bérénice Marlohe e Val Kilmer a partilharem o ecrã com músicos como Patti Smith, Lykke Li, Black Lips, Red Hot Chili Peppers, Iggy Pop ou John Lydon.

SÉRIES

Love Is in the Air

Star Life, 20h30

As produções turcas continuam a entrar nas grelhas, desta vez por via de uma comédia romântica que fez sucesso no seu país de origem com a história de um noivado a fingir que não tarda a transformar-se numa ligação bem real. A estreia dá direito a episódio triplo; depois, sai um por dia de segunda a sexta-feira.

Televisão

Os mais vistos da TV

Sábado, 2

	%	Aud.	Share
O Preço Certo (R)	RTP1	7,2	16,3
Jornal da Noite	SIC	7,2	15,6
Telejornal	RTP1	6,9	15,0
Primeiro Jornal	SIC	6,9	20,6
Congela	TVI	6,8	16,6

FONTE: CAEM

RTP1 9,8%

RTP2 0,9

SIC 11,5

TVI 12,8

Cabo 43,5

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.20** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.27** Amor sem Igual **15.12** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.08** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Irreversível

21.53 Joker

22.53 Começar de Novo

23.52 Cidade Velha Convida

1.01 A Essência **1.20** Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio **2.14** Amor sem Igual

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.40** Pobre Menino Rico **15.20** Querida Filha **16.35** Júlia

18.35 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.10 A Promessa

22.55 Senhora do Mar

0.15 Nazaré

0.50 Travessia **1.25** Passadeira Vermelha **3.00** Terra Brava

RTP2

6.04 Caminhos **6.31** Temos Programa **7.00** Afazeres do Mês **7.07** Espaço Zig Zag **10.57** Ni Hao China **11.29** Espaços Incríveis de George Clarke **12.19** Sangue em Viena **13.07** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.30** Mistérios da Magia **13.52** Folha de Sala **14.00** Sociedade Civil **15.02** A Fé dos Homens

15.38 Nada Será Como Dante **16.04** Mare Tv **16.53** Espaço Zig Zag

20.41 Folha de Sala **20.46** A França na América do Norte **21.30** Jornal 2

22.01 Síndrome E: A Investigação de Sharko e Henebelle

22.50 Visita Guiada **23.20** Folha de Sala **23.29** Dias em Chamas **1.39** Sociedade Civil **2.42** Esec TV **3.07** Brainstorm **3.52** Grandes Quadros Portugueses **4.20** Volta ao Mundo **4.32** Será Que Sabes? **5.52** Folha de Sala **5.58** A Fé dos Homens

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois à 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **16.25** A Herdeira **16.45** Goucha

17.45 Secret Story

19.57 Jornal Nacional

21.20 Secret Story

22.10 Cacau

23.00 Morangos com Açúcar

0.00 Secret Story **2.15** Jardins Proibidos **2.35** Sedução

TVCINETOP

18.20 Intruso **19.50** Tudo na Boa! **21.30** Amesterdão **23.40** Cold Blood Legacy **1.10** Era Uma Vez na Ucrânia

STAR MOVIES

19.46 Horizontes de Glória **21.15** Uma Pistola para Ringo **22.59** O Longo Dia do Ódio **0.32** Mais Um para o Inferno

HOLLYWOOD

18.00 Pesadelo em Férias **19.50** Categoria 5 **21.30** Rapto **23.10** Predador 2 **1.00** Predadores

AXN

17.03 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.49** The Rookie **21.05** Hudson & Rex **22.00** S.W.A.T.: Força de Intervenção **22.49** Chicago Fire **23.42** Assalto ao Metro 123 **1.30** S.W.A.T.: Força de Intervenção

STAR CHANNEL

17.14 Investigação Criminal: Los Angeles **18.52** FBI **20.31** Hawaii Força Especial **22.15** Found **23.03** Chicago P.D. **0.42** FBI

DISNEY CHANNEL

17.00 Kiff **17.50** A Maldição de Molly McGee **18.40** Hamster & Gretel **19.30** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.20** Primos **20.45** Os Green na Cidade Grande **21.35** Ayla e os Mirror

DISCOVERY

17.00 Mestres do Restauro **19.00** Aventura à Flor da Pele **2.18** A Febre do Ouro

HISTÓRIA

17.20 A História do Universo em Duas Horas **18.54** Dia D: 100 Dias para Derrotar o Terceiro Reich **20.38** As Serviços de Hitler **22.16** Guerra da Indochina **0.06** A História do Universo em Duas Horas **1.34** Guerra da Indochina

ODISSEIA

17.37 Planeta Selvagem: Espécies Interconectadas **18.24** Top 10 Clima Extremo **19.59** Mundo Mineral **20.55** Caçadores de Lagostas **22.30** Planeta Terra: Extinção Programada **23.26** Vulcões: O Fogo da Criação **0.11** Espanhóis no Mundo

Luzes do Norte

TVCine Edition, 22h08

Estreia. Seria só mais uma noite chuvosa em Dublin, não fosse Áine, a mulher que se abeira de uma ponte, e Lloyd, o homem que a vai impedir de saltar. É assim que as vidas de dois estranhos, ambos em luto e com feridas profundas por sarar, se cruzam de forma indelével. A história conta-se na meia dúzia de episódios desta série irlandesa com Elva Trill e Stephen Jones nos papéis principais.

DOCUMENTÁRIOS

Aqui Há Mão

Casa e Cozinha, 21h30

Estreia. O trocadilho do título não engana: é o artesanato o protagonista. O antigo e o novo. Cabe a Fátima Lopes conduzir esta descoberta simultânea daqueles que preservam os saberes de outrora e dos que reinterpretam esse património em propostas (ir)reverentes. Artesãos da velha e da nova guarda são chamados a partilhar as suas visões artísticas e as suas inspirações, numa dezena de episódios exibidos de segunda a sexta. O primeiro, intitulado *Ponto de Arraiolos*, leva Fátima ao encontro da arquitecta e artista plástica Susana Cereja, criadora de peças contemporâneas inspiradas nos famosos tapetes, e dos artesãos que vão mantendo viva a tradição na vila alentejana. Loulé, Vila Real e Caldas da Rainha são outros destinos visitados ao longo da série documental.

Guerra da Indochina

História, 22h16

Novo documentário para entender melhor o que se passou nesse “conflito esquecido” que, entre 1946 e 1954, opôs as tropas vietnamitas às (derrotadas) forças coloniais francesas, num processo violento, sangrento e com grandes potências internacionais em jogo. “Longe dos clichês dos combates heróicos”, revela o canal, “os múltiplos testemunhos da altura e o incrível poder das imagens revelam uma guerra absoluta, implacável e decisiva – uma guerra suja”.

INFANTIL

Cãostrução

Disney Jr., 11h50

Novos episódios das aventuras do cachorrinho Phinny e seus colegas de construção canina. Uma piza de aniversário gigante, uma casa refrescante e uma festa de piratas são algumas das próximas empreitadas. Para ver de segunda a sexta.

Desporto “Dragões” somaram sexto triunfo consecutivo na Liga

PEDRO NUNES/REUTERS

FC Porto **4**
 Danny Namaso 19',
 Pepê 28', Galeno 77' e 87'

Estoril **0**

Estádio do Dragão, no Porto.
Espectadores 39.019

FC Porto Diogo Costa; Martim Fernandes, Nehuén Pérez, Tiago Djaló, Francisco Moura (Rodrigo Mora, 83'); Alan Varela (Eustáquio, 46'), Nico González (João Mário, 83'); Fábio Vieira (Galeno, 70'), Danny Namaso, Pepê (Gonçalo Borges, 86'); Samu.
Treinador Vítor Bruno

Estoril Joel Robles; Wagner Pina, Pedro Álvaro (36'), Kévin Boma, Pedro Amaral (Pedro Carvalho, 26' (67')); Orellana (Michel, 78'), Vinícius Zanocele, Jordan Holsgrove; João Carvalho (Salazar, 78'), Alejandro Marqués, Fabrício (Begraoui, 71').
Treinador Ian Cathro

Árbitro David Silva (AF Porto)
VAR Anzhony Rodrigues (AF Madeira)

Positivo/Negativo

+ Pepê
 Aos 24 minutos, abdicou de um ataque promissor, em raro momento de *fair-play*, quando Pedro Amaral se lesionou na tentativa de desarmar o brasileiro, deixando-o em posição de ir para a baliza. Uma atitude aplaudida por adversários, companheiros e pelo próprio Vítor Bruno, apesar dos protestos de uma franja de adeptos. A recompensa tardou um par de minutos, com um atraso de Boma que apanhou Pepê na frente do guarda-redes para assinar o segundo golo da noite.

Danny Namaso

Regressou aos golos após jejum de oito jornadas. Primeiro, ameaçou num desvio interceptado por Pedro Álvaro. À segunda, não perdoou, num disparo que Robles ainda desviou sem impedir que a bola entrasse junto ao poste. Pecou apenas pela ineficácia que evitou uma noite memorável.

Galeno

Entrou para bisar nos 20 minutos finais e garantir um final sem surpresas.

- Kévin Boma

Poucos minutos depois do golo de Namaso, ofereceu o 2-0 a Pepê, num erro que comprometeu as aspirações do Estoril.

FC Porto goleia Estoril antes das visitas a Roma e à Luz

Golos de Danny Namaso e Pepê, na primeira parte, deram o conforto que Galeno, com um “bis” no quarto de hora final, consolidou antes de uma série de deslocações

Crónica de jogo

Augusto Bernardino

O FC Porto venceu sem problemas o Estoril (4-0), no Estádio do Dragão, e repôs a diferença de três pontos para o líder Sporting na classificação da Liga, numa noite abrilhantada pelo “bis” de Galeno, que saiu do banco para aniquilar os “canarinhos”. Os portistas somaram a sexta vitória consecutiva na Liga e o quinto encontro seguido em todas as competições sem sofrer golos, numa altura em que se avizinham os exigentes compromissos de Roma, com a Lazio (Liga Europa), e da Luz, com o Benfica.

O FC Porto recuperou o “onze” inicial que garantiu a goleada na Vila das Aves, com Vítor Bruno a manter o

médio argentino Alan Varela, apesar do risco de ver um cartão amarelo e falhar o clássico da Luz. Sem vencer fora há precisamente um ano, quando derrotou o FC Porto no Estádio do Dragão, o Estoril apresentou-se descomplexado, com um desenho (4x3x3) que mostrava a intenção de repetir a façanha. Ian Cathro, antigo adjunto de Nuno Espírito Santo, pediu a Vinícius Zanocele que encaixasse nos centrais, com os outros dois médios a acompanharem Martim Fernandes e Francisco Moura.

Aproveitou o FC Porto para impor a lei do mais forte, com Martim e Fábio Vieira empenhados em promover os desequilíbrios para a finalização de Namaso e Samu. À exceção de um duelo corpo a corpo com Boma, o espanhol foi mais útil a criar oportunidades para os companheiros

e menos exuberante na finalização. O Estoril ia lembrando, timidamente, que o jogo não seria de sentido único, mas com o golo de Namaso (19') ficou claro que os visitantes teriam de inventar algo mais para evitar uma derrota anunciada e que o erro de Boma acelerou – abriu uma auto-estrada para o 2-0, de Pepê.

Diogo Costa disse presente ao corresponder a um cabeceamento de Pedro Álvaro, mas a noite do Dragão, a única do mês de Novembro (seguem-se quatro deslocações), não prometia muito trabalho para o guarda-redes portista.

O Estoril enfrentou ainda outra adversidade, com Cathro a ter que substituir o lateral Pedro Amaral (26'), embora tenha resistido a um último ataque dos “azuis e brancos”, com Namaso a desperdiçar o terceiro golo

e Robles a tapar a baliza já em período de compensação.

Face ao resultado e ao andamento da “carruagem”, Vítor Bruno poupou Alan Varela, que ficou no balneário. Porém, o sentimento de que o triunfo seria uma questão de tempo acabou por criar níveis dispensáveis de ansiedade nas bancadas.

O Estoril continuava à espreita de uma oportunidade para reabrir a discussão, enquanto o FC Porto protelava o momento de fechar o resultado. Porém, a entrada de Galeno precipitou o cenário mais desejado no Dragão, com o brasileiro a marcar de cabeça e a fazer descansar a equipa, após finalizações sem sucesso de Pepê e Samu. E após arrancada e cruzamento de João Mário, o mesmo Galeno consumou a goleada com um “bis” que o deixa com oito golos na Liga.



AMANDA PEROBELLI&REUTERS

Verstappen saiu da 17.ª posição para alcançar um triunfo que reforçou a liderança do Mundial de pilotos

Max Verstappen mostra fibra e sorte de campeão no GP Brasil

Augusto Bernardino

Recuperação brilhante e bandeira vermelha encaminham triunfo. Alpine levou dupla Ocon e Gasly a pódio inédito

Max Verstappen (Red Bull) passou entre os pingos de chuva do Grande Prémio do Brasil, conquistando ontem o triunfo mais inesperado da temporada de Fórmula 1, apesar da qualificação azarada e da penalização de cinco lugares, voltando às vitórias após jejum de dez corridas.

Lando Norris (McLaren) acabou inconsolável, num impensável 6.º lugar (partiu da *pole*), traído pela bandeira vermelha que o impediu de recuperar pontos preciosos na luta pelo título Mundial e pelo recomeço desastroso após o *safety car* provocado por Carlos Sainz (Ferrari), a 29 voltas do final.

Não menos surpreendente foi a presença no pódio da dupla Esteban Ocon e Pierre Gasly, da Alpine (que subiu do nono para o sexto lugar entre os construtores), a tirar partido das incidências da corrida.

Ao contrário do esperado, o neerlandês aumentou a vantagem – ganhou 18 pontos com a volta mais rápida – para o agora único rival da temporada, saindo do Brasil com uma almofada de 62 pontos para gerir nas últimas três provas de 2024, dando um passo importante para a revalidação do título.

Franco Colapinto esteve na base do golpe de teatro, ao destruir o Williams em situação de *safety car*, provocando a interrupção da corrida, que beneficiou Verstappen (2.º) e os Alpes de Esteban Ocon (1.º) e Pierre Gasly (3.º). Tudo, num dia caótico, que começou com a qualificação às 7 horas de São Paulo.

A corrida ainda nem tinha começado e já Lance Stroll (Aston Martin), num despiste inusitado, na quarta curva da volta de formação, levou a partida a ser abortada perante a necessidade de retirar o monolugar do canadiano da gravalha.

O atraso de quase 20 minutos obrigou a rever a estratégia das equipas de acordo com as previsões de chuva, cuja aparição coincidiu com o arranque. George Russell assumiu o comando e Lando Norris manteve-se na expectativa, sem arriscar demasiado.

Na cauda do pelotão, Verstappen iniciava uma recuperação que o levaria do 17.º lugar da grelha (15.º na prática) ao sexto posto com menos de um terço da prova cumprido. Refira-se que Carlos Sainz partiu da via das boxes na sequência da intervenção no SF-24, depois de ter trocado componentes e penalizado, Alex Albon retirou-se antes da corrida, perante a impossibilidade de recuperar o Williams, e Stroll também não alinhou.

Hamilton e Verstappen ganharam algumas posições no arranque, mas o inglês teve de enfrentar um autêntico calvário, lutando com um Mercedes que o desesperou e arrastou para os últimos lugares, antes da retoma que o levou a reentrar nos pontos.

Já Verstappen, com o motor novo, galgou posições, superando rapidamente pilotos como Gasly, Alonso, Piastri e Lawson, até encontrar Leclerc, que ultrapassou com a entrada do monegasco nas boxes.

As primeiras paragens para troca de pneus, aproveitando o *safety car* virtual desencadeado por Nico Hulkenberg (Haas), provocaram uma reordenação classificativa, com Verstappen a assumir a vice-liderança, atrás de Esteban Ocon e à frente de

Gasly, já que Russell e Norris caíram para quarto e quinto após a ida às boxes. O golpe de teatro estava iminente. A entrada em pista do *safety car*, numa fase de chuva intensa, seguida do acidente de Colapinto, deixou Norris numa posição ingrata, atrás do trio da frente (após passar Russell), em especial de Verstappen, que teve uma paragem de “borla”.

As nuvens abatiam-se sobre o inglês da McLaren, que viu Max assumir a liderança enquanto Norris acumulava erros e perdia quatro posições antes de iniciar a recuperação possível numa prova para esquecer.

Hamilton homenageia Senna

Após ter sido forçado a cancelar os planos do tributo ao maior ídolo brasileiro da história da Fórmula 1, com Hamilton a pilotar o McLaren MP4/5B com que Ayrton Senna conquistou o título de 1990, o heptacampeão emocionou os fãs que presenciaram o momento mais alto do fim-de-semana em Interlagos. De branco, Hamilton cumpriu cinco voltas e desfilou com a bandeira brasileira. Hamilton foi brindado com uma réplica do capacete do seu ídolo, entregue por Viviane Senna, irmã do piloto brasileiro.

Euforia em Old Trafford durou apenas quatro minutos

Nuno Sousa

O melhor que o Manchester United conseguiu foi um empate com o Chelsea, mas com uma exibição demasiado cinzenta

Quando o guarda-redes do Chelsea derrubou Rasmus Hojlund na área e Bruno Fernandes, da marca de penálti, se encarregou de colocar o Manchester United na frente do marcador, o estádio de Old Trafford entrou em êxtase. Foi uma euforia de curta duração, porém. Os “blues” empataram quatro minutos depois (1-1) e confirmaram a ideia de que é urgente a chegada de Rúben Amorim a Inglaterra.

Era o jogo de maior cartaz da 10.ª jornada da Premier League e não foi propriamente entusiasmante. Sem grandes riscos de parte a parte, o equilíbrio foi perdurando e a monotonia fez apenas duas pausas no primeiro tempo, primeiro fruto de um cabeceamento de Wesley Fofana ao ferro da baliza do United, depois num vólei de Marcus Rashford à barra da baliza do Chelsea.

Já no segundo tempo, numa das raras ocasiões de perigo criadas pelos “red devils”, Alejandro Garnacho desperdiçou um passe promissor de Bruno Fernandes e teve de ser uma decisão precipitada do guarda-redes Robert Sánchez a dar ao United e ao médio português – que, tal como Diogo Dalot, foi titular – a oportunidade de inaugurar o marcador, aos 70’. Na linha lateral, Ruud van Nistelrooy, treinador interino, festejou efusivamente.

Só que, menos de cinco minutos mais tarde, outro médio, Moisés Caicedo, repôs a igualdade, com um remate sem preparação, de fora da área, na sequência de um canto. Poderia ter sido o mote para a reviravolta, mas o jogo de posse e construção curta do treinador Enzo Maresca foi, em certos momentos, levado ao extremo e os “blues” desaproveitaram alguns dos espaços que foram criando no último terço.

Contas feitas, o Manchester United continua a ocupar um sofrível 13.º lugar na classificação do campeonato – o Chelsea é quarto, a um ponto do terceiro, o sensacional Nottingham Forest – e, por esta altura, já conta os dias para a chegada de Rúben Amorim a Old Trafford. Para já, o técnico português terá de concentrar-se no rival citadino, o City.

Desporto

Resultados e classificações

I Liga

Jornada 10		Próxima	
Sporting - Est. Amadora	5-1	Moreirense - Gil Vicente	08/11
Rio Ave - Casa Pia	2-2	Casa Pia - Farense	09/11
Farense - Benfica	1-2	Estoril - AFS	09/11
Gil Vicente - Boavista	1-2	Famalicao - Arouca	09/11
AFS - Famalicao	2-3	Boavista - Rio Ave	09/11
Arouca - Sp. Braga	1-2	Est. Amadora - Nacional	10/11
Vitória SC - Moreirense	1-0	Santa Clara - Vitória SC	10/11
FC Porto - Estoril	4-0	Sp. Braga - Sporting	10/11
Nacional - Santa Clara	20h15	Benfica - FC Porto	10/11

	Total					Casa					Fora						
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Sporting	30	10	10	0	0	35	3	5	0	0	15	2	5	0	0	20	1
2 FC Porto	27	10	9	0	1	27	4	6	0	0	17	2	3	0	1	10	2
3 Benfica	22	9	7	1	1	24	6	5	0	0	18	2	2	1	1	6	4
4 Sp. Braga	20	10	6	2	2	17	7	3	1	1	10	4	3	1	1	7	3
5 Santa Clara	18	9	6	0	3	13	10	4	0	1	6	4	2	0	2	7	6
6 Vitória SC	18	10	5	3	2	12	10	3	1	1	6	6	2	2	1	6	4
7 Famalicao	16	10	4	4	2	12	9	2	2	1	4	4	2	2	1	8	5
8 Moreirense	14	10	4	2	4	12	12	2	2	0	5	2	2	0	4	7	10
9 Casa Pia	12	10	3	3	4	9	13	2	1	2	5	5	1	2	2	4	8
10 Gil Vicente	10	10	2	4	4	12	16	2	2	1	9	5	0	2	3	3	11
11 AFS	9	10	2	3	5	9	19	2	2	2	5	9	0	1	3	4	10
12 Estoril	9	10	2	3	5	8	16	2	1	2	6	8	0	2	3	2	8
13 Boavista	9	10	2	3	5	7	13	0	1	3	0	6	2	2	2	7	7
14 Rio Ave	9	10	2	3	5	8	20	2	3	0	7	5	0	0	5	1	15
15 Arouca	7	10	2	1	7	6	19	1	1	3	3	7	1	0	4	3	12
16 Est. Amadora	6	10	1	3	6	8	20	1	2	2	6	9	0	1	4	2	11
17 Nacional	5	8	1	2	5	4	13	1	0	2	3	9	0	2	3	1	4
18 Farense	4	10	1	1	8	4	17	1	0	4	3	10	0	1	4	1	7

MELHORES MARCADORES

I Liga
16 golos Viktor Gyökeres (Sporting)
8 golos Wenderson Galeno (FC Porto)
7 golos Samu Omorodion (FC Porto)
5 golos Kerem Akturkoglu (Benfica)
5 golos Kanya Fujimoto (Gil Vicente)



II Liga
7 golos Roberto (Tondela)
5 golos Zé Leite (Penafiel)
5 golos Yuri Araújo (Ac. Viseu)
5 golos Pedro Maranhão (Tondela)
4 golos Chico Banza (Portimonense)



- Liga dos Campeões
- 3.ª pré-eliminatória da Liga dos Campeões
- 2.ª pré-eliminatória da Liga Europa
- 2.ª pré-eliminatória da Conference League
- Liga Europa
- Play-off Liga Europa
- Promoção
- Despromoção
- Play-off promoção
- Play-off despromoção
- Play-off Conference League
- Play-off Liga dos Campeões

II Liga

Jornada 10		Próxima	
Alverca - Feirense	1-0	Vizela - Desp. Chaves	08/11
Portimonense - Vizela	1-1	Penafiel - Felgueiras	09/11
Marítimo - Penafiel	1-2	Oliveirense - Portimonense	09/11
Desp. Chaves - Paços Ferreira	2-1	Mafra - Ac. Viseu	09/11
Ac. Viseu - Benfica B	1-1	Feirense - Tondela	09/11
Felgueiras - Mafra	1-1	Paços Ferreira - FC Porto B	10/11
FC Porto B - Torreense	1-1	Leixões - Marítimo	10/11
União Leiria - Leixões	1-0	Torreense - União Leiria	10/11
Tondela - Oliveirense	18h	Benfica B - Alverca	10/11

	Total					Casa					Fora						
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Penafiel	21	10	6	3	1	19	13	2	2	1	8	8	4	1	0	11	5
2 Tondela	19	9	5	4	0	22	10	2	2	0	9	5	3	2	0	13	5
3 Benfica B	17	9	5	2	2	15	10	3	1	1	7	5	2	1	1	8	5
4 Marítimo	15	10	4	3	3	15	15	1	2	2	6	7	3	1	1	9	8
5 Ac. Viseu	15	10	4	3	3	15	12	2	1	2	5	5	2	2	1	10	7
6 Desp. Chaves	15	10	4	3	3	11	10	2	2	1	4	5	2	1	2	7	5
7 Leixões	15	10	4	3	3	14	9	3	1	1	11	5	1	2	2	3	4
8 Torreense	13	10	4	1	5	11	12	3	0	2	7	5	1	1	3	4	7
9 Felgueiras	12	10	2	6	2	11	10	0	4	2	4	7	2	2	0	7	3
10 Vizela	12	9	3	3	3	10	7	1	0	2	5	4	2	3	1	5	3
11 Alverca	12	10	2	6	2	10	13	1	3	1	5	8	1	3	1	5	5
12 União Leiria	12	10	3	3	4	10	11	1	2	2	4	7	2	1	2	6	4
13 Feirense	11	10	2	5	3	8	8	1	3	1	7	6	1	2	2	1	2
14 Paços Ferreira	11	10	3	2	5	11	16	1	1	3	4	9	2	1	2	7	7
15 Mafra	10	10	2	4	4	10	15	1	2	2	5	9	1	2	2	5	6
16 FC Porto B	8	10	1	5	4	8	15	1	3	1	5	6	0	2	3	3	9
17 Portimonense	7	9	1	4	4	11	16	1	1	2	6	7	0	3	2	5	9
18 Oliveirense	5	8	1	2	5	6	15	1	1	3	1	6	0	1	2	5	9

Liga inglesa

Jornada 10	
Newcastle - Arsenal	1-0
Liverpool - Brighton	2-1
Nottingham Forest - West Ham	3-0
Southampton - Everton	1-0
Ipswich Town - Leicester City	1-1
Bournemouth - Manchester City	2-1
Wolverhampton - Crystal Palace	2-2
Tottenham - Aston Villa	4-1
Manchester United - Chelsea	1-1
Fulham - Brentford	20h

	J	V	E	D	M	S	P
Liverpool	10	8	1	1	19-6	25	
Manchester City	10	7	2	1	21-11	23	
Nottingham Forest	10	5	4	1	14-7	19	
Chelsea	10	5	3	2	20-12	18	
Arsenal	10	5	3	2	17-11	18	
Aston Villa	10	5	3	2	17-15	18	
Tottenham	10	5	1	4	22-11	16	
Brighton	10	4	4	2	17-14	16	
Bournemouth	10	4	3	3	13-12	15	
Newcastle	10	4	3	3	10-10	15	
Brentford	9	4	1	4	18-18	13	
Fulham	9	3	3	3	12-12	12	
Manchester United	10	3	3	4	9-12	12	
West Ham	10	3	2	5	13-19	11	
Leicester City	10	2	4	4	14-18	10	
Everton	10	2	3	5	10-17	9	
Crystal Palace	10	1	4	5	8-13	7	
Ipswich Town	10	0	5	5	10-21	5	
Southampton	10	1	1	8	7-19	4	
Wolverhampton	10	0	3	7	14-27	3	

MARCADORES

11 golos Erling Haaland (Manchester City)
8 golos Chris Wood (Nottingham Forest)
8 golos Bryan Mbeumo (Brentford)

Liga espanhola

Jornada 12	
Alavés - Maiorca	1-0
Osasuna - Valladolid	1-0
Girona - Leganés	4-3
Villarreal - Rayo Vallecano	adiado
Valência - Real Madrid	adiado
Atlético Madrid - Las Palmas	2-0
Barcelona - Espanyol	3-1
Sevilha - Real Sociedad	0-2
Athletic Bilbao - Betis	1-1
Celta de Vigo - Getafe	20h

	J	V	E	D	M	S	P
Barcelona	12	11	0	1	40-11	33	
Real Madrid	11	7	3	1	21-11	24	
Atlético Madrid	12	6	5	1	18-7	23	
Villarreal	11	6	3	2	20-19	21	
Osasuna	12	6	3	3	17-16	21	
Athletic Bilbao	12	5	4	3	18-12	19	
Betis	12	5	4	3	12-10	19	
Maiorca	12	5	3	4	10-9	18	
Rayo Vallecano	11	4	4	3	12-10	16	
Real Sociedad	12	4	3	5	10-10	15	
Girona	12	4	3	5	15-17	15	
Sevilha	12	4	3	5	12-17	15	
Celta de Vigo	11	4	1	6	17-20	13	
Alavés	12	4	1	7	14-19	13	
Leganés	12	2	5	5	12-16	11	
Getafe	11	1	7	3	8-9	10	
Espanyol	12	3	1	8	11-22	10	
Las Palmas	12	2	3	7	13-21	9	
Valladolid	12	2	2	8	9-24	8	
Valência	11	1	4	6	8-17	7	

MARCADORES

14 golos Robert Lewandowski (Barcelona)
7 golos Ayoze Pérez (Villarreal)
7 golos Raphinha (Barcelona)

Liga italiana

Jornada 11	
Bolonha - Lecce	1-0
Udinese - Juventus	0-2
Monza - AC Milan	0-1
Nápoles - Atalanta	0-3
Torino - Fiorentina	0-1
Verona - Roma	3-2
Inter Milão - Venezia	1-0
Empoli - Como	17h30
Parma - Génova	17h30
Lazio - Cagliari	19h45

	J	V	E	D	M	S	P
Nápoles	11	8	1	2	18-8	25	
Inter Milão	11	7	3	1	25-13	24	
Atalanta	11	7	1	3	29-14	22	
Fiorentina							

Breves

Ténis

Alexander Zverev conquista Masters 1000 de Paris

O alemão Alexander Zverev, número três do mundo, conquistou ontem o seu sétimo título da categoria ATP 1000, ao vencer o francês Ugo Humbert na final do Masters de Paris, em dois sets. A 66.ª vitória do “gigante” germânico (1,98 metros) na actual temporada foi alcançada com um duplo 6-2, em 1h16m, perante o estreante gaulês, actual 18.º da hierarquia. Zverev, que se prepara para ultrapassar Carlos Alcaraz e subir à vice-liderança do ranking ATP, arrecadou o seu sétimo troféu da categoria 1000, o segundo este ano, depois de Roma, em Maio. Desde 1992 que um tenista alemão não vence o Masters 1000 de Paris, sendo que o último tinha sido Boris Becker.



Hóquei em patins

OC Barcelos afasta Sporting do acesso à Liga dos Campeões

O OC Barcelos venceu ontem o Sporting, por 3-1, e garantiu o acesso à fase de grupos da Liga dos Campeões, enquanto os “leões” ficaram no caminho, no grupo 2 da fase de qualificação. Nos restantes grupos, a AD Valongo obteve a terceira vitória em três rondas (sobre os suíços do Diessbach, por 8-1) e também assegurou o apuramento, ao passo que o Riba d’Ave (perdeu com o Calafell, por 4-5) e o Sp. Tomar ficaram pelo caminho — a equipa orientada por Nuno Lopes foi derrotada pelos franceses do Dinan Quévert, por 2-3. A fase de grupos da Champions contará também com a presença do FC Porto, do Benfica e da Oliveirense.

MotoGP: Bagnaia vence na Malásia e adia entrega do título

Nuno Sousa

Jorge Martín não conseguiu impor-se ao italiano em Sepang, adiando a decisão do novo campeão do mundo para Barcelona

Francesco Bagnaia (Ducati) manteve viva a defesa do título de MotoGP, com a vitória alcançada ontem no Grande Prémio (GP) da Malásia, em Sepang, reduzindo a margem de Jorge Martín (Ducati) na liderança da classificação para 24 pontos antes da última corrida da temporada, em Barcelona.

Foi um duelo entusiasmante entre os dois, com Bagnaia a aproveitar a partida para ganhar a primeira curva e assumir desde logo o comando da corrida. Uma partida que só foi validada à segunda tentativa, depois de um incidente que forçou a bandeira vermelha, a envolver Brad Binder (KTM), Jack Miller (KTM) e Fabio Quartararo (Yamaha).

Miller acabou por ter de ser assistido no centro médico e já não voltou à pista, o mesmo acontecendo com



Bagnaia encurtou a distância face ao líder Jorge Martín, no Mundial

Binder, que acabou por desistir pouco depois com queixas num ombro. Quanto a Quartararo, reintegrou a prova, mesmo com algumas dificuldades a caminhar após o incidente.

À segunda abordagem, a corrida ficou reduzida a 19 voltas e deu azo a um arranque espectacular, com Jorge Martín (que tinha a possibilidade de se sagrar campeão já na Malásia) a tentar repetidamente atacar a

liderança de Bagnaia nas quatro primeiras voltas.

E porquê apenas nas primeiras quatro? Porque nessa altura Martín cometeu um ligeiro erro que permitiu a Bagnaia ganhar uma vantagem importante. Um ascendente que culminou com a volta mais rápida do italiano na quinta volta, que deitou por terra as aspirações do espanhol de arrumar, desde já, a questão do título.

Sem grandes dificuldades, “Pecco” Bagnaia controlou o resto da prova para se impor com uma margem de três segundos, deixando Enea Bastianini (Ducati) num distante terceiro lugar, depois de ter aproveitado da melhor forma as quedas de Marc Márquez (Ducati) e Franco Morbidelli (Ducati) na sétima volta.

Com este desfecho — e recorde-se que o português Miguel Oliveira continua ausente das pistas, por lesão —, Jorge Martín chegou aos 485 pontos na classificação geral, enquanto Bagnaia passou a somar 461, o que significa que o Mundial 2024 de MotoGP vai entrar na última ronda com as contas do título em aberto.

A decisão segue, assim, para Barcelona, palco do derradeiro Grande Prémio da temporada, depois de ter sido cancelada a corrida em Valência, fruto da tragédia provocada pelas cheias da última semana. Nessa altura, ainda chegou a ser considerada a hipótese de encerrar o ciclo em Portimão, no Autódromo Internacional do Algarve, mas a escolha final recaiu sobre a Catalunha, no dia 20 de Novembro.

Chelangat e Jebet vencem maratona do Porto, Chepkirui e Nageeye impõem-se em Nova Iorque

O ugandês Abel Chelangat venceu ontem a 20.ª edição da Maratona do Porto, ao finalizar o percurso de 42,195 quilómetros em 2h10m01s, distante do recorde da prova (2h08m58s), fixado há três anos pelo queniano Zablón Chumba.

Com passagem pela meia maratona ao fim de 1h04m21s, Chelangat cruzou isolado a meta instalada no Queimódromo e sucedeu ao queniano Emmanuel Kemboi, vencedor em 2023, com 2h14m13s, relegando os quenianos Gideon Kiprop Rotich e Patrick Ketter Kiplagat para os restantes lugares do pódio, a 1m00s e a 1m06s, respectivamente.

Na vertente feminina, a queniana Naom Jebet venceu em 2h30m00s, à frente da compatriota Peniah Jerop, segunda classificada, a 10m08s, e da sueca Malin Starfelt, terceira, a 12.

Nuno Lopes, oitavo, com 2h20m30s, e Laura Grilo, 104.ª na



Abel Chelangat venceu no Porto em 2h10m01s

geral e quinta entre as mulheres, com 2h54m08s, foram os atletas portugueses mais rápidos e sagraram-se campeões nacionais de maratona, face à inclusão dessa prova anual tutelada pela Federação Portuguesa de Atletismo (FPA) no evento.

Organizada desde 2004 pela Runporto, sob chancela da World Athletics, a Maratona do Porto celebrou o 20.º aniversário com o regresso ao trajecto de 2022, que substituiu a passagem de Vila Nova de Gaia por Leça da Palmeira, abdicando da habitual travessia da Ponte D. Luís I, devido às obras de construção da Ponte D. Antónia Ferreira.

Do outro lado do Atlântico, na maratona de Nova Iorque, a queniana Sheila Chepkirui e o neerlandês Abdi Nageeye conseguiram ambos os seus primeiros triunfos em “majors”, ao vencerem as provas feminina e masculina, respectivamente.

Aos 33 anos, Chepkirui impôs-se em 2h24m35s, depois de um *sprint* final com a compatriota Hellen Obiri, medalha de bronze nos Jogos Olímpicos Paris2024, que cronometrou 2h24m49s. “Treinei-me muito e bem, estou muito feliz, dei tudo, o último quilómetro foi muito difícil, fui até ao meu limite”, afirmou Chepkirui no final da prova, uma das seis “majors”, juntamente com Tóquio, Boston, Chicago, Londres e Berlim.

Na prova masculina, na qual foi terceiro em 2022, Abdi Nageeye, vice-campeão olímpico em Tóquio2020, venceu em 2h07m39s, deixando os lugares imediatamente a seguir para três antigos vencedores da maratona de Nova Iorque — os quenianos Evans Chebet (2h07m45s) e Albert Korir (2h08m00s) foram segundo e terceiro, respectivamente, e o etíope Tamirat Tola (2h08m12s), campeão olímpico em Paris2024, foi quarto.

BARTOON LUÍS AFONSO



A vitória do Chega na campanha autárquica do PS

Anacrónica



Ana Sá Lopes

Há apenas duas semanas, escrevi neste espaço uma crónica com o título “A vitória do Chega no Congresso do PSD”, depois das arengas de Luís Montenegro contra a disciplina de Cidadania. Hoje, depois do silêncio da direcção socialista e de Pedro Nuno Santos sobre o caso Ricardo Leão, é difícil não concluir que o Chega também está a vencer a campanha para as próximas autárquicas do PS.

A questão é tão grave, tão grave, que o PS ficar calado sobre a aprovação, pela Câmara de Loures, da proposta do Chega transforma-se numa rendição aos discursos da direita populista radical.

Recordo que a proposta defendia que os envolvidos em distúrbios, como os que ocorreram na sequência do assassinio de Odair Moniz por um polícia, deviam ser despejados das habitações

propriedade da câmara. Agora, falta o PS arranjar um discurso um bocadinho mais xenófobo (mesmo que deixe a disciplina da Cidadania em paz) para ter o pacote completo. Que isto aconteça sob a direcção do PS alegadamente “mais à esquerda de sempre” é um susto.

O antigo deputado Ascenso Simões veio defender, na sua página do Facebook, o presidente da Câmara de Loures. E usou precisamente o argumento de que, para evitar que o Chega tome conta das autarquias da Área Metropolitana de Lisboa, são precisos mais Ricardos Leão.

Cito: “Eu não gosto do Chega, mas não fecho os olhos à sua existência e, principalmente, aos problemas que lhe dão razões (...). Leão não é um autarca fora-da-lei como alguns dos seus camaradas quiseram fazer acreditar nos últimos dias. Leão tem é a realidade do seu lado e, se nada fizer, um dia teremos Loures, Amadora e outros concelhos governados pela extrema-direita.” De onde se conclui que, para travar a extrema-direita, é usar os seus argumentos e o PS tem a vitória garantida.

Este texto de Ascenso Simões foi apoiado (pôr um “gosto”, em léxico faceboquiano) por Davide Amado, que sucedeu a Marta Temido na presidência da concelhia de Lisboa



“O caso Ricardo Leão mostra o risco de este PS seguir o rumo de outros partidos socialistas europeus e ceder à extrema-direita”

do PS. Também pelo antigo secretário de Estado do Desporto e actual deputado João Paulo Correia. Outro apoiante foi o deputado Carlos Pereira, vice-presidente do grupo parlamentar do PS. Há muitos socialistas a apoiarem Ricardo Leão e Ascenso Simões: o ex-deputado Pedro Cegonho, antigo presidente da Associação Nacional de Freguesias, é outro.

Ricardo Leão, confortado com o suposto apoio que terá recebido da direcção do PS (o inevitável “quem cala consente”), veio decretar ao PÚBLICO, no sábado, que “a questão está resolvida” e que tudo isto “é uma polémica que não existe” e que não há assunto, “tendo em conta as mensagens e telefonemas de apoio” que recebeu. Entrementes, desconvocou a reunião da Federação da Área Urbana de Lisboa – a que preside – marcada para hoje.

É um facto que houve socialistas que se demarcaram de Leão. Mas todo este episódio e tudo o que tem vindo a público até agora induzem a pensar que o PS, em vez de ser “o PS mais à esquerda de sempre”, acabará por seguir o caminho de outros partidos socialistas europeus que cederam, tal como os seus parceiros europeus da direita democrática, à direita populista.

Estas autárquicas vão ser o teste

do algodão, e tudo indica que o PS vai querer competir no mesmo terreno onde a AD já tinha entrado – o discurso demagógico e populista “justiceiro”. Sem dó nem piedade.

Quando se perdem os princípios, perde-se tudo. Eu sei que isto não tem directamente que ver com este assunto (ou só remotamente tem), mas neste sábado pus-me a ler a história da vida de Oswald Mosley, o presidente da União Britânica dos Fascistas. Antes de fundar os seus partidos, Mosley foi do Partido Trabalhista, da sua ala mais à esquerda. Aderiu ao Independent Labour Party, uma espécie de “partido irmão” do Labour, mais radical. Mosley era olhado por personalidades importantes no movimento trabalhista britânico como possível futuro líder.

Aneurin Bevan (líder da ala esquerda do Labour e fundador do NHS) gostava muito de Oswald Mosley, antes de este se tornar fascista. A deputada Jennie Lee – da ala mais radical do Labour, que virá a ser ministra da Cultura no governo de Harold Wilson – adorava-o, assim como Beatrice Webb, outro nome decisivo do movimento trabalhista do início do século XX. A História serve para alguma coisa.

Jornalista

P PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Todos os conteúdos do jornal estão protegidos por Direitos de Autor ao abrigo da legislação portuguesa, da União Europeia e dos Tratados Internacionais, não podendo ser utilizados fora das condições de uso livre permitidas por lei sem o consentimento expresso e escrito da PÚBLICO, SA. Nº 124 454 976-5613 09 A 7027

VISAPRESS®
Direitos de Autor Protegidos

12604
5 601073 016063

As eleições que podem mudar o Mundo

Dos direitos das mulheres, à relação com a Europa, das guerras culturais à imigração. Toda a cobertura das eleições americanas a partir dos EUA.



ASSINE JÁ



CONTACTE-NOS: assinaturas.online@publico.pt • 808 200 095 (dias úteis das 9h às 18h)

publico.pt/assinaturas